

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Luana da Silva de Souza

**UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA TÉCNICA DE GRUPOS
HUMANOS DO HOLOCENO, POR MEIO DA VARIABILIDADE
TÉCNICA DA CULTURA MATERIAL LÍTICA, DOS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS CASTRAÇÃO E USINA LOCALIZADOS
EM URUGUAIANA - RS**

Santa Maria, RS
2018

Luana da Silva de Souza

UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA TÉCNICA DE GRUPOS HUMANOS DO HOLOCENO, POR MEIO DA VARIABILIDADE TÉCNICA DA CULTURA MATERIAL LÍTICA, DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CASTRAÇÃO E USINA LOCALIZADOS EM URUGUAIANA - RS

Dissertação apresentada ao Curso de **Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), para obtenção do título de **Mestre em História**.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Ramos Soares

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Oosterbeek

Santa Maria, RS, Brasil
2018

SOUZA, LUANA DA SILVA DE
UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA TÉCNICA DE GRUPOS HUMANOS DO
HOLOCENO, POR MEIO DA VARIABILIDADE TÉCNICA DA CULTURA
MATERIAL LÍTICA, DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CASTRAÇÃO E
USINA LOCALIZADOS EM URUGUAIANA - RS / LUANA DA SILVA DE
SOUZA.- 2018.
148 p.; 30 cm

Orientador: ANDRÉ LUÍS RAMOS SOARES
Coorientador: LUIZ OOSTERBEEK
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2018

1. CAÇADORES-COLETORES 2. CULTURA MATERIAL 3. MEMÓRIA
TÉCNICA 4. URUGUAIANA I. SOARES, ANDRÉ LUÍS RAMOS II.
OOSTERBEEK, LUIZ III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Luana da Silva de Souza

**UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA TÉCNICA DE GRUPOS HUMANOS DO
HOLOCENO, POR MEIO DA VARIABILIDADE TÉCNICA DA CULTURA
MATERIAL LÍTICA, DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CASTRAÇÃO E USINA
LOCALIZADOS EM URUGUAIANA - RS**

Dissertação apresentada ao Curso de **Mestrado** do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), para obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em 18 de setembro de 2018:

André Luís Ramos Soares, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

LuíZ Oosterbeek, Dr. (IPT)
(co-orientador)

Klaus Peter Kristian Hilbert, Dr. (PUC-RS)

José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

RESUMO

UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA TÉCNICA DE GRUPOS HUMANOS DO HOLOCENO, POR MEIO DA VARIABILIDADE TÉCNICA DA CULTURA MATERIAL LÍTICA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CASTRAÇÃO E USINA LOCALIZADOS EM URUGUAIANA - RS

AUTOR: Luana da Silva de Souza
ORIENTADOR: André Luís Ramos
Soares
CO-ORIENTADOR: Luiz Oosterbeek

O presente estudo, é integrado aos trabalhos em desenvolvimento na linha de pesquisa Memória e Patrimônio, vinculado ao projeto “Guarda – Chuva: Cultura Material e sociedades Históricas e Pré-Históricas da Bacia Platina: pesquisa e socialização do conhecimento”, coordenado pelo professor Dr. André Luis Ramos Soares, dentro do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), assim como do programa de Pós-Graduação de Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre do Instituto Politécnico de Tomar – Portugal, considerando o Acordo de Cooperação Internacional estabelecido entre o Instituto Tomar (IPT) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e recebe apoio financeiro através de bolsa CAPES/DS. Esta pesquisa consiste na análise tecnológica da coleção lítica do Sítio Arqueológico Castração e Usina, localizados na região de Uruguaiana, sudoeste do Rio Grande do Sul. A análise do material lítico foi realizada com a utilização da metodologia tecnológica da escola francesa, buscando contribuir para uma maior compreensão da vivência de populações pretéritas de caçadores-coletores e de sua memória técnica. A fim de atingir estes objetivos, neste trabalho foi realizada a identificação e compreensão da cadeia operatória da coleção lítica e suas etapas, a partir de uma metodologia que prioriza a análise – desde as escolhas e aquisição de matéria prima, até o abandono do objeto.

Palavras Chave: Caçadores-Coletores, Cultura Material, Memória Técnica, Uruguaiana.

ABSTRACT

A STUDY OF THE TECHNICAL MEMORY OF HUMAN GROUPS OF THE HOLOCENE, THROUGH THE TECHNICAL VARIABILITY OF THE LITHIC MATERIAL CULTURE OF THE ARCHAEOLOGICAL SITES CASTRAÇÃO AND USINA LOCATED IN URUGUAIANA – RS

AUTHOR: Luana da Silva de Souza

ADVISOR: André Luis Ramos Soares.

CO-ADVISOR: Luiz Ossterbeek

The present study is part of the work under development in the Memory and Heritage research field, which is linked to the project "Guarda – Rain: Material Culture and Historical and Pre - Historical Societies of the Platinum Basin: research and socialization of knowledge", coordinated by Professor Dr André Luis Ramos Soares, as part of the Post-Graduate Program in History of the Federal University of Santa Maria (PPGH-UFSM), as well as the Post-Graduate Program in Prehistoric Archeology and Rock Art of the Polytechnic Institute of Tomar - Portugal , considering the International Cooperation Agreement established between the Tomar Institute (IPT) and the Federal University of Santa Maria (UFSM), and receives financial support through the CAPES / DS grant. This research consists of the technological analysis of the lithic collection of the Castração and Usina Archaeological Site located in the region of Uruguaiana, southwest of Rio Grande do Sul. The analysis of the lytic material was carried out realized the technological methodology of the French school, seeking to contribute to a greater understanding of the experience of past hunter-gatherer populations and their technical memory. In order to achieve these objectives, the present work has the purpose to identify and understand the operative chain of the lytic collection and its stages, based on a methodology that prioritizes the analysis - from the choices and acquisition of raw material, till the abandonment of object.

Keywords: Hunter-Collectors, Material Culture, Technical Memory, Uruguaiana.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de primeiramente agradecer a minha belíssima mãe, Lédís Maria da Silva, mãezona esta que me deu apoio incondicional em todo o meu processo educacional, para que eu pudesse exercer a função na qual eu me encaixasse profissionalmente e me fizesse feliz, enfatizo a minha sorte em ter uma mãe tão especial e que em nenhum momento duvidou de mim, Dona Lédís, sem a senhora o meu mundo não seria tão grande! Te amo muito!!

Agradeço muito a minha família, meus irmãos Luciana e Luciano, meus sobrinhos Lucas e Débora, meu cunhado Marcelo, meus tios e tias, e amigos próximos.

Gostaria de enfatizar meu agradecimento a família Behr, família esta que me acolheu desde bebê e que me ensinou o valor da educação e do conhecimento, me dando ao longo de anos, apoio incondicional, em todo o processo educacional. Agradeço muito ao meu dindo Gabriel Behr e ao Marcos Behr por me incentivar a estudar e realizar minhas pesquisas, com certeza os dois foram fonte de muita inspiração e dedicação, durante este mestrado o apoio dos dois foi fundamental, sem vocês grandes sonhos que realizei não seriam possíveis, os lugares que andei, muito do que aprendi e conheci, são graças a vocês! Agradeço também a Tia Tuta e o Tio Ivens por todo apoio ao longo destes anos e o grande incentivo aos estudos.

No meio acadêmico gostaria de agradecer muito a meu orientador, Professor Dr. André Soares, que ao longo desses dois anos de mestrado e final da graduação trabalhou em conjunto comigo, para a construção do conhecimento científico e do desenrolar deste problema de pesquisa. Obrigada professor por apontar caminhos que eu jamais pensei que poderia trilhar tão cedo, como o período de estudos em Portugal, irei guardar este incentivo e todas as experiências acumuladas no decorrer de toda minha vida.

Um agradecimento mais que especial aos meus amigos que acompanharam esta jornada e me auxiliaram a manter a mente calma e serena, estando perto nos momentos bons e ruins. Muito Obrigada a Bruna Richter, Assis Henrique, Gabriel Reis, Marjori Pacheco, Heloisa dos Santos, Raiza Gusmão e Cibele Steffano.

Muito obrigada a todos os colegas do LEPA e do programa de Pós-Graduação, que me auxiliaram no decorrer desta pesquisa, assim como todos os professores do Curso de História da UFSM e do programa de Pós-Graduação, que sempre me auxiliaram no necessário, contribuindo assim para a minha formação como professora e Historiadora, também enfatizo um grande agradecimento aos professores, funcionários

e pesquisadores do IPT, que me auxiliaram na estadia em Portugal e em minha pesquisa.

Gostaria de agradecer aos pesquisadores Bruno Gato, Marcos Ramos e João Moreno pelo grande incentivo voltado aos estudos tecnológicos, e enfatizo que os estudos sobre líticos só tendem a crescer com o trabalho de vocês.

Gostaria de agradecer ao professor Luiz Oosterbeek pela orientação, e estando sempre disposto a tirar as minhas dúvidas durante meu período de estudos em Portugal e aos professores Klaus Hilbert e José Remedi por auxiliarem no andamento desta pesquisa.

Agradeço muito a CAPES pela bolsa de estudos, que me auxiliou nestes anos e me ajudou a realizar um sonho, que foi estudar em outro país, contribuindo para minha formação como pesquisadora e docente.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA NO SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL E NO NOROESTE DO URUGUAI	21
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO E HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	21
2 TEORIA E METODOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA MATERIALIDADE LÍTICA.....	56
2.1 A escolha pelo estudo tecnológico	56
2.2 Leroi-Gourhan, sua ideia de tecnologia, e a tecnologia por outros pesquisadores da pré-história.....	62
2.3 Cadeias operatórias e Gestualidade	68
2.4 A Escola Francesa e o estudo da Pré-História.....	70
2.5 Um pouco sobre Memória(s) (viva, parcelar, esquecida).....	71
3 CARACTERIZAÇÃO FISIAGRÁFICA DO SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL E DO NOROESTE DO URUGUAI E ANÁLISE DA CULTURA MATERIAL LÍTICA.....	73
3.1 Informações a respeito da área estudada.....	73
3.2 Aspectos Geológicos, Geomorfológicos, Hidrográficos e Climáticos.....	75
3.2.1 Vegetação	79
3.3 Localização e Coleta do material	81
3.3.1 Sítio Arqueológico Castração	82
3.3.3 Sítio Arqueológico da Usina.....	84
3.4 Análise da cultura material lítica.....	88
3.4.1 Matéria Prima	89
3.4.2 Instrumentos.....	92
3.4.3 Núcleos.....	108
3.4.4 Lascas	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS.....	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Porcentagem da granulação referente ao Arenito silicificado presente no Sítio Castração.....	91
Gráfico 2- Porcentagem da granulação referente ao Arenito silicificado presente no Sítio Usina.....	91
Gráfico 3 - Presença de Córtex nos Instrumentos referentes ao Sítio Castração.....	93
Gráfico 4 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina – 111.....	94
Gráfico 5 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina – 112.....	94
Gráfico 6 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina – 113.....	95
Gráfico 7 – Posição das retiradas presentes no Sítio Castração.....	96
Gráfico 8 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Castração.....	96
Gráfico 9 – Inclinação dos gumes retocados presentes no Sítio Castração.....	97
Gráfico 10 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina – 111.....	97
Gráfico 11 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina – 112.....	98
Gráfico 12 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina - 113	98
Gráfico 13 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 111.....	99
Gráfico 14 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 112.....	99
Gráfico 15 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 113.....	100
Gráfico 16 – Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 111.....	100
Gráfico 17 –Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 112.....	101
Gráfico 18 – Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 113.....	101
Gráfico 19 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Castração.....	102
Gráfico 20 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Usina – 111.....	102
Gráfico 21 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Usina – 112.....	103
Gráfico 22 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Usina – 113.....	103

Gráfico 23 – Comprimento médio das lascas do Sítio Castração.....	115
Gráfico 24 – Largura média das lascas do Sítio Castração.....	115
Gráfico 25 – Espessura média das lascas do Sítio Castração.....	116
Gráfico 26 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 111.....	116
Gráfico 27 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 111.....	117
Gráfico 28 – Espessura média das lascas do Sítio Usina – 111.....	117
Gráfico 29 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 112.....	118
Gráfico 30 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 112.....	118
Gráfico 31 – Espessura média das lascas do Sítio Usina – 112.....	119
Gráfico 32 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 113.....	119
Gráfico 33 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 113.....	120
Gráfico 34 – Espessura média das lascas do Sítio Usina – 113.....	120
Gráfico 35 – Formato das lascas do Sítio Castração.....	123
Gráfico 36 – Formato das lascas do Sítio Usina - 111.....	123
Gráfico 37 – Formato das lascas do Sítio Usina - 112.....	124
Gráfico 38 – Formato das lascas do Sítio Usina - 113.....	124
Gráfico 39 – Orientação dos negativos do Sítio Castração.....	125
Gráfico 40 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 111.....	126
Gráfico 41 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 112.....	126
Gráfico 42 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 113.....	127
Gráfico 43 – Tipos de talão do Sítio Castração.....	128
Gráfico 44 – Tipos de talão do Sítio Usina - 111.....	128
Gráfico 45 – Tipos de talão do Sítio Usina - 112.....	129
Gráfico 46 – Tipos de talão do Sítio Usina - 113.....	129
Gráfico 47 – Comprimento médio dos talões do Sítio Castração.....	130
Gráfico 48 – Espessura média dos talões do Sítio Castração.....	130

Gráfico 49 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 111.....	131
Gráfico 50 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 111.....	131
Gráfico 51 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 112.....	132
Gráfico 52 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 112.....	132
Gráfico 53 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 113.....	133
Gráfico 54 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 113.....	133
Gráfico 55 – Tipos de Bulbo do Sítio Castração.....	134
Gráfico 56 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina – 111.....	134
Gráfico 57 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina - 112.....	135
Gráfico 58 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina - 113.....	135

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização do município de Uruguaiana e dos sítios arqueológicos Usina e Castração.....	16
Figura 2: Exemplo de uma possível cronologia para a divisão do Holoceno.....	22
Figura 3 - Divisão tradicional das indústrias líticas de caçadores coletores para o Uruguai	26
Figura 4 - Translado de matéria prima da "RACNA" ao médio Rio Uruguai.....	28
Figura 5 - Localização dos sítios paleondígenas das fases Ibicuí ▲ e Uruguay ●	43
Figura 6 - Dispersão tradições Umbu e Humaitá.....	46
Figura 7. Culturas atrasadas e marginais em relação aos estágios evolutivos.....	51
Figura 8 – Mapa do arcabouço estratigráfico do Pacote Mesozóico da Bacia do Paraná, segundo SCHERER et al. (2002).....	76
Figura 9 – Mapa das Regiões Geomorfológicas do Rio Grande do Sul, segundo IBGE (1986).....	78
Figura 10 - Bacias e Sub-Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul.....	79
Figura 11 – Mapa das tipologias de vegetação do Rio Grande do Sul, de acordo com Veloso & Góes-Filho (1982).....	81
Figura 12: Localização do município de Uruguaiana e dos sítios arqueológicos Usina e Castração.....	81
Figura 13 - Localização do sitio arqueológico Castração no município de Uruguaiana. Fonte Google Earth.....	82
Figura 14 - Localização do sítio arqueológico Castração em relação ao Rio Uruguai. Fonte Google Earth.....	83
Figura 15 - Coleta do Material Lítico, proveniente do Sitio Arqueológico Castração. Fonte: Acervo do LEPA.....	83
Figura 16 - Paisagem referente à localização do sítio arqueológico Castração. Fonte: Acervo do LEPA.....	84
Figura 17. Afloramento I no sítio da Usina, ao fundo os silos da CAUL. Uruguaiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.....	85
Figura 18. Área residencial no topo da colina, percebe-se que o assentamento rural se fez no cimo do principal afloramento de arenito. Sítio da Usina, Uruguaiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.....	85

Figura 19. Vista parcial do afloramento I no sítio da Usina, Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.....	86
Figura 20. Afloramento II do sítio da Usina, Uruguaiiana, RS.....	86
Figura 21. A colina de basalto destruída pela linha férrea. Processo de coleta do material lítico, que restou. Sítio da Usina, Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.....	87
Figura 22. Afloramento de blocos de arenito, junto a um bebedouro no sítio da Usina, nota-se a parca cobertura de sedimentos e vegetação. Uruguaiiana-RS.....	87
Figura 23 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Castração.....	104
Figura 24 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Castração.....	104
Figura 25 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Usina.....	105
Figura 26 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Usina.....	105
Figura 27 – Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Castração.....	106
Figura 28 - Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Castração.....	107
Figura 29 - Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Usina.....	107
Figura 30 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes, presentes no Sítio Usina, mas o destaque principal destas peças, são a possível utilização das mesmas em diferentes períodos, devido aos negativos com presença de pátina.....	108
Figura 31 - Núcleos com plano de percussão cortical Castração.....	109
Figura 32 - Núcleos com plano de percussão cortical Castração.....	109
Figura 33 – Núcleos mais explorados do sítio Castração.....	110
Figura 34 – Alguns dos núcleos mais explorados do sítio Usina.....	110
Figura 35 – Diferentes formatos de lascas pertencentes ao Sítio Castração.....	121
Figura 36 – Lasca de grande porte pertencente ao Sítio Castração.....	121
Figura 37 – Diferentes formatos de lascas pertencentes ao Sítio Usina.....	122
Figura 38 – Lasca de grande porte pertencente ao Sítio Usina.....	122

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Divisão Cronológica da Pré-História do Uruguai, de acordo com Daniel Vidart. Fonte: Hugarte, 1969:13.....	27
QUADRO 2. HISTÓRICO DAS FASES DA TRADIÇÃO UMBU.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS

PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
IPT	Instituto Politécnico de Tomar
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LEPA	Laboratório de Estudos e Pesquisas
Arqueológicos	
USP	Universidade de São Paulo
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do
Sul	
MARSUL	Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul
PRONAPA	Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas
PROPA	Programa de Pesquisas sobre o paleoindígena,
HSAI	Handbook of South American Indians
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UTF	Unidades Técnico-Funcional
RFFSA	Rede Ferroviária Federal S. A.
CAUL	Cooperativa Agrícola Uruguaiana

INTRODUÇÃO

Primeiramente apontamos que o presente trabalho intitulado “Um estudo sobre a memória técnica de grupos humanos do Holoceno, por meio da variabilidade técnica da cultura material lítica, dos sítios arqueológicos Castração e Usina localizados em Uruguaiana - RS” faz parte do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), assim como do programa de Pós-Graduação de Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre do Instituto Politécnico de Tomar – Portugal, considerando o Acordo de Cooperação Internacional estabelecido entre o Instituto Tomar (IPT) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na qual estão arroladas as pesquisas que proponham estudos históricos e arqueológicos acerca da memória e do patrimônio material e imaterial historicamente e arqueologicamente constituído.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o material lítico do Sítio Pré-histórico Castração e Usina. A coleção está composta por 980 artefatos do Sítio Castração e 1263 do Sítio Usina. Tal coleção encontra-se depositada no acervo do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM), sendo oriunda das campanhas de campo realizadas nos anos de 1998 e 2003, respectivamente.

Podemos apontar que a pré-história da região sul do Brasil, teve sua história de pesquisa científica iniciada na década de 1970. Durante este tempo de pesquisa, com escavações, análises e interpretações, entendemos que estes primeiros esforços de pesquisa foram de extrema importância, para que hoje pudéssemos adentrar a uma discussão amadurecida, mesmo que ainda não esgotada, sobre a pré-história dessa macrorregião (Figura 1). Compreendemos que todo este conjunto de informações, tem nos ajudado a iluminar a pré-história do Sul do Brasil, desde fins do Pleistoceno até o período pós-Conquista.

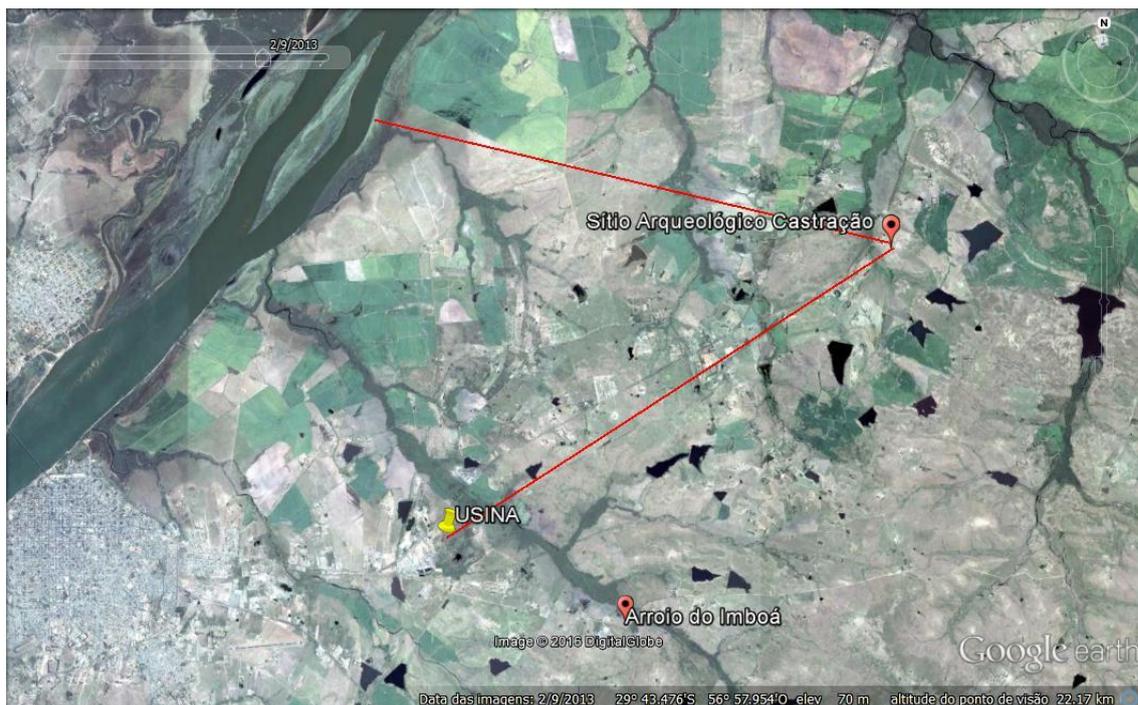


Figura 1: Localização do município de Uruguaiana e dos sítios arqueológicos Usina e Castração.
(Google Earth, acessado em 14/10/17)

O decorrer da leitura de diversos relatórios de pesquisa e artigos científicos publicados desde 1969, por diversos pesquisadores a respeito da pré-história do Rio Grande do Sul, percebemos que o posicionamento final dos autores em relação a interpretação de dados das pesquisas são sempre muito cuidadosos em nos alertar que, em sua grande parte, as considerações em termos de interpretação dos dados arqueológicos são apenas “momentâneas”, configurando-se mais como propostas de trabalho (enquanto hipóteses) do que conclusões que permitissem a produção de uma teoria globalizante acerca da pré-história do Sul do Brasil. Como aponta Ramos (2016), desde o final da década de 1990, surgiu uma crescente profissionalização do ofício de arqueólogo em nosso país, havendo assim um grande aumento no controle científico das produções, e conseqüentemente atualmente os pesquisadores tem adentrado cada vez mais nas questões deixadas em aberto pela primeira geração de pesquisadores, os quais estavam mais interessados em possibilitar quadros gerais ou visões mais amplas para a arqueologia brasileira (RAMOS, 2016).

Desta forma entendemos que devemos adentrar a uma tendência revisionista, que perpassa a arqueologia nacional nos últimos quinze ou vinte anos e assim pensamos que possa haver uma maior contribuição para a formação de um quadro

mais detalhado, e subsequentemente uma compreensão mais nuançada, da cultura material do sudoeste gaúcho e do noroeste do Uruguai. Entendemos, que ao analisar a cultura material de dois sítios arqueológicos, associados a Indústria Catalanense, estamos compreendendo processos de povoamentos e desta forma auxiliando na reconstrução do passado pré-histórico da região Sul do Brasil. Nosso recorte temporal aponta para uma ocupação do Holoceno Tardio ou Recente, pois infelizmente não temos datações para estes dois sítios, por serem encontrados superficialmente, e o que temos são somente associações apresentadas por pesquisadores que definiram tipologias a indústrias, e apresentaram possíveis datações; apontamos que iremos refletir sobre isto no decorrer do trabalho, e ainda ressaltamos que coletas em sítios de superfície são recortes, são amostras e jamais representarão a totalidade do sítio. A faixa temporal corresponde ao Holoceno Tardio ou Recente, e é classicamente reconhecida como sendo, em termos culturais, o momento denominado de período Arcaico e em termos cronológicos Arcaico Recente, com cronologias de 4.000 A.C – 1.500 D.C, período este normalmente relacionado à agricultura e ao desenvolvimento da cerâmica e que de acordo com Willey e Philips (1958), período associado a caçadores do pós-glacial.

Desse modo, essa pesquisa tem por objetivo estudar e analisar as coleções líticas referentes aos Sítios arqueológicos Castração e Usina, localizados na região de Uruguiana, no sudoeste do Rio Grande do Sul, sendo esta pesquisa embasada pelo método interpretando do material lítico, por meio da análise Tecnofuncional, permitindo desta forma esboçar uma caracterização dos conjuntos artefatuais a partir da(s) própria(s) lógica(s) tecnológica(s) inerente(s) ao material lítico denominado, classicamente, como — Indústria Catalanense.

Concordamos com Funari (1998, p. 7), quando o mesmo aponta que há uma duradora tradição, tanto na Arqueologia como na História, de considerar aquela como uma disciplina auxiliar desta última, fornecedora de dados (como defendida por Meneses, 1965, p. 22 e Klein, p.1), e de acordo com Champion (1990, p.89), a Arqueologia surgiu da Filologia, por meio da História, e seu papel de “serva da História” foi resultado de uma definição muito específica da História como uma disciplina, capaz de propor interpretações, que usa diferentes fontes, estudadas por técnicos, como paleógrafos, a cargo dos manuscritos, e os arqueólogos, que coletam artefatos (Austin, 1990), e os objetos artísticos (Bandinelli, 1984, p. 157;

1994).

Pensamos desta forma, que por meio do diálogo da História com a Arqueologia, e não somente dentro da Arqueologia Histórica, mas também na Pré-Histórica, período este que contempla esta pesquisa, deva-se realizar mais estudos a respeito da memória material dos povos, pois com a transformação dos sentidos da ciência histórica, sabemos que as populações que viveram no Holoceno ou Pleistoceno ou talvez mais anterior ainda, não podem ser arbitrariamente excluídas da “História”. Sabemos que por meio dos vestígios materiais, pinturas e outras manifestações, vários arqueólogos, historiadores e outros pesquisadores podem se lançar ao instigante desafio de relatar sobre o passado destas pessoas que viveram há milhares de anos, através de uma ação colaborativa, através da multidisciplinariedade. Pensando assim, refletimos que quando algumas populações de caçadores-coletores nômades, por exemplo, lascam uma rocha e depositam neste objeto físico o seu saber-fazer, concordamos que este saber pode sim ter sido passado por gerações, e que desta forma é uma transmissão do conhecimento que nos permite caracterizar como uma “memória técnica”, uma das únicas formas no presente que possuímos de tentar compreender a vivência dessas populações, que não nos diz sobre o todo das suas relações sociais, mas que pode nos dar uma pequena parcela de como era constituído um aspecto econômico de sua vivência.

Assim, como apontado por Ramos (2016), o estudo da Pré-História se faz sobre uma cultura material totalmente fora dos contornos de nossa memória técnica vivente, e como aponta o mesmo, nos domínios da memória esquecida (*mémoire oubliée*), e para nos elucidar sobre esta perspectiva de pensamento, optamos por abranger na bibliografia filósofos que trabalharam com o conceito de memória esquecida, deste modo as filosofias de Henri Bergson (2008) e de Bernard Stiegler (1998a, 1998b), que podem nos auxiliar no aporte teórico, através da interrogação acerca do passado – no marco da antropologia das técnicas – em três níveis distintos: a) a memória viva, b) a memória parcelar e c) a memória esquecida. De acordo com Boeda (2013), nos primeiros dois níveis, os objetos são percebidos em seu presente e em sua temporalidade; já no nível da memória esquecida, eles são unicamente em função de seu presente exterior (BOEDA, 2013, p. 221).

Como a História, a Arqueologia e a memória possuem a característica comum de serem referentes ao contexto de sua elaboração, optou-se por dividir essa

dissertação em três capítulos: no primeiro capítulo, intitulado “Contextualização da Pré-História no Sudoeste do Rio Grande do Sul e no Noroeste do Uruguai”, e objetiva-se como apontado anteriormente adentrar a uma tendência revisionista, que perpassa a arqueologia nacional nos últimos quinze ou vinte anos e assim pensamos que possa haver uma maior contribuição para a formação de um quadro mais detalhado, e subseqüentemente uma compreensão mais nuançada, da cultura material do sudoeste gaúcho e do noroeste do Uruguai.

O segundo capítulo, intitulado “Teoria e Metodologia para a compreensão das Indústrias Líticas” compreende elucidar o conceito de “*Memória*” e “*Memória esquecida*”, assim como metodologia de análise do material lítico, por meio da “*Tecnofuncionalidade*”, visando contribuir para a compreensão das tecnicidades, entendidas como Tecnotipos pertencentes a linhagens técnicas específicas. Essas tecnicidades possuem potencial para nos informar acerca da história técnica da sociedade, ou sociedades, sendo engendradas pelos comportamentos motrizes consolidados na cultura material (BOËDA, 1997, 2013; WARNIER, 1999).

E por último no terceiro capítulo “Espaço e Compreensão da Materialidade Lítica e Discussões de Dados”, iremos apresentar os resultados da análise e registrar a importância deste estudo, não só para as áreas da História e Arqueologia, mas para compreensão de aspectos da vivência de populações que ora foram negligenciadas.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA NO SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL E NO NOROESTE DO URUGUAI

Neste capítulo pretende-se realizar uma breve revisão bibliográfica a respeito da Pré-História do Rio Grande do Sul e do Uruguai, e apesar destes dados serem apenas uma contribuição quantitativa e de compreensão deste trabalho, os mesmos são de extrema importância para a reflexão e entendimento do período, assim como também temos como objetivo problematizar o conceito de paleoíndio.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO E HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

Entendemos que é importante que apresentemos as pesquisas anteriores, no caso o histórico destas pesquisas, pois devemos levar em conta as considerações relativas a produção científica, e desta forma as inferências, hipóteses e conclusões produzidas para a mesma, no acordo de uma maior compreensão para a Pré-História da região, devemos posteriormente problematiza-las em um nível mais profundo que o teórico, no caso com a análise Tecnofuncional¹.

Desta forma, entendemos que a interpretação da cultura era realizada partir de perspectivas ou abordagens teóricas específicas (Ecologia Cultural, análises tipológicas), mas como apontado iremos realizar a análise de duas coleções com outra abordagem teórica (Tecnofuncional), mas entendemos que não devemos simplesmente substituir uma teoria por outra, mas, antes, tentar entender os limites e os pontos opacos nas conclusões alcançadas pelas pesquisas anteriores, à luz dos outros aportes epistemológicos, quiçá, paradigmáticos com os quais trabalhamos.

Apresentamos agora uma revisão que realizamos nos textos produzidos pelos pesquisadores responsáveis pelos primeiros trabalhos, referentes aos sítios arqueológicos encontrados na região do Rio Grande do Sul.

Entendemos que o nosso trabalho irá contribuir para que um momento específico da pré-história do Rio Grande do Sul deixe de ser um hiato pouco explicado

¹ Como apontado por Ramos (2016), a tecnofuncionalidade é uma abordagem teórica que procura os próprios objetos – enquanto objetos técnicos inseridos em suas linhagens – apreendidos na identificação e cruzamento dos schèmes producionais e funcionais. Estudar os objetos, portanto, é estudar os humanos, não porque os objetos tenham necessariamente algo a dizer sobre os humanos que os produziram, mas porque os objetos técnicos são humanos (SIGAUT, 2002; WARNIER, 1999; SIMONDON, 1989; DEFORGE, 1985; BOËDA, 2013)

e pouco entendido, que assim possamos nos questionar sobre de onde advém a dificuldade para apreender a realidade material ou as lógicas técnicas da Indústria Catalanense, desta forma entendemos que podemos começar a vislumbrar essa resposta apresentando os períodos caracterizados na pré-história do Rio Grande do Sul, a partir da divisão cronológica da mesma, assim como o decorrer do desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na região.

Sabemos que foram atribuídas materialidades específicas, para determinados períodos, e de acordo com estas materialidades, grupos foram divididos, como por exemplo, pontas de flechas foram atribuídos ao Paleoíndio ²e a cerâmica associada à presença de machados polidos para grupos horticultores-ceramistas (no entorno do Formativo), e claramente essa divisão é atribuída a uma sistematização da Pré-História da América.

De acordo com as associações criadas pelos pesquisadores da Indústria intitulada Catalanense, tanto poderia ser a mesma indicada, a partir das datas apresentadas, para o Paleoíndio, como para o Arcaico, ou seja, a transição entre grupos ou bandos de caçador-coletores do início do Holoceno médio para grupos de agricultores do final do Holoceno.

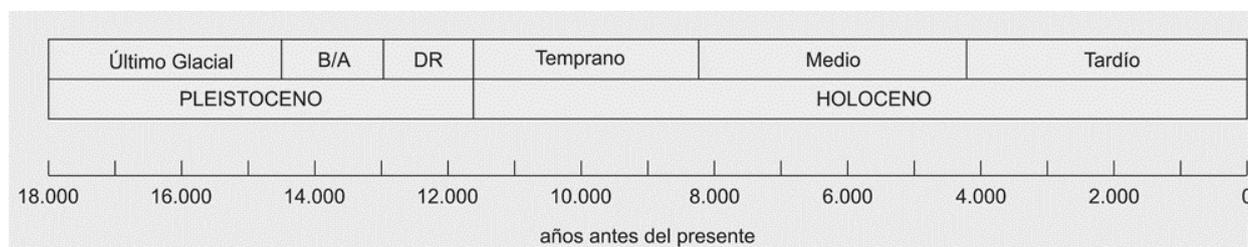


Figura 2: Exemplo de uma possível cronologia para a divisão do Holoceno. Fonte <https://gransab.wordpress.com/cronologia/>

“Apontamos que esta fase transicional atribuída ao período Arcaico não surgiu a partir do contato direto com a empiria, mas sim da cultura material escavada e coletada (aplicação de métodos indutivos)” (RAMOS, 2016). Ainda de acordo com Ramos (2016), o arcabouço de pressupostos que fomentaram essas considerações

² De acordo com SCHMITZ (2000), conceitua-se paleoíndio como populações que teriam vivido predominantemente de caça grande, também chamada de megafauna; sítios principalmente de matança; não de acampamentos residuais; artefatos identificadores; pontas bifaciais, especializadas, de projétil. Geralmente acompanhadas de lascas usadas como facas, raspadores e raspadeiras; o ambiente, um período frio e seco; população, pouco numerosa, dispersa e nômade, organizada em bandos frouxos (SCHMITZ, 2000).

de carácter evolutivo (Paleoíndio - Arcaico - Formativo) deriva da aplicação dos modelos hipotético dedutivos com os quais os primeiros pesquisadores se instrumentalizaram para interpretar a cultura material que traziam a lume por meio das escavações (RAMOS, 2016).

Pensamos que neste primeiro momento devemos apresentar e problematizar as próprias categorias que foram utilizadas na construção do problema de pesquisa que herdamos, iremos apresentar a divisão cronológica da Pré-História da região de nosso objeto de pesquisa, e posteriormente a configuração das ideias desenvolvidas pela arqueologia norte-americana (enquanto um ramo da antropologia) no curso da primeira metade do século XX e, após, atentar para o momento em que estas foram aportadas ao Brasil no contexto do PRONAPA (RAMOS, 2016).

Como aponta Eiroa (2006), tanto para América do Norte quanto do Sul foi adotado um esquema proposto por Willey e Philips e o mesmo foi utilizado por muitos autores, e de acordo com estes pesquisadores, sabemos que esta sistematização da Pré-História da América foi dividida em cinco períodos que até certo ponto continuaria vigente na atualidade, sendo eles: o período lítico (caçadores da época glacial), o arcaico (caçadores do pós-glacial), formativo (início da agricultura), clássico (civilizações urbanas) e o pós-clássico (impérios pré-hispânicos) (SILVA, 2014, p.18).

A respeito desta classificação Leroi-Gourhan (1981), critica o modelo no seu livro Pré-História (1981), onde argumenta que a classificação está sujeita a graves críticas tanto do ponto de vista de escolha dos termos e da separação, pois enquanto o primeiro (Lítico) se baseia na matéria prima utilizada, o segundo (arcaico) introduz uma noção de antiguidade relativa, ou seja, uma noção indefinida do tempo, o terceiro (formativo) se utiliza de critérios econômicos para sua delimitação, e os dois últimos (clássico e pós-clássico) são definidos a partir de critérios eminentemente sócio culturais (formação de Estados) (GOMES, 2002, p.23).

Posteriormente de acordo com Eiroa (2006), Alex Krieger estudou o período Lítico e o subdividiu nos seguintes estágios: Estágio Pré-Pontas de Projétil (pre-projectil stage), Estágio Paleoíndio e o Estágio Protoarcaico, sendo o primeiro o mais antigo e que equivaleria fisionomicamente ao paleolítico inferior europeu, devido aparente "simplicidade" das peças e a utilização da percussão direta para o lascamento e o segundo estaria caracterizado pela presença de pontas de projéteis bifaciais e o último corresponderia ao aparecimento dos "implementos de moenda".

A respeito da divisão da Pré-História do Uruguai apresentamos o quadro abaixo, criado por Daniel Vidarte - antropólogo e escritor Uruguiaio, pois destacamos que para as populações que trabalhamos não existe a ideia de fronteira, pois obviamente as mesmas transitavam entre o território atual do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, e ao trabalharmos com dois sitio que fazem fronteira com o Uruguai, é extremamente importante nos atentarmos a divisão da pré-história Uruguiaia, até mesmo porque os sítios com que trabalhamos são associados a indústrias tecnológicas apontadas por pesquisadores Uruguaios.

PRE - CERAMICO	8.000 A. C.	SUPER-VIVENCIA S. XVII	CULTURAS PALEOINDIAS (I) PERIODO EPIPROTOLITICO — RECOLECTORES - PALEOCAZADORES a) Cataianense b) Maldonadense c) Relictos Arcaizantes } ¿Guayaná (Yaro)?	FUEGUIDOS Y LAGUIDOS (?)
	4.000 A. C.		(II) PERIODO EPIMIOLITICO — RECOLECTORES - PROTOPLANTADORES SUBTROPICALES Cuareimense — CAZADORES ESTEPARIOS a) Sin flechas b) Con flechas	
	3.000 A. C. 2.000 A. C.		CULTURAS MESOINDIAS (III) PERIODO PARANEOLITICO — COMPLEJO SEMISENTARIO ANDINO - SAMBAQUIANO Relictos Arcaizantes } ¿Arachone? — GRANDES CAZADORES AUSTRALES La Etnia Charrúa — PESCADORES - RECOLECTORES - CAZADORES a) Pueblos mesopotámicos amazonizados } Chaná Chaná Timbú Chaná Beguá b) Cultura Osteodonta-malacoquerdica	
PROTOCERAMICO	1.000 A. C.	S. XVII		FUEGOLAGUIDOS (?) PAMPIDOS
	COMIENZO ERA CRISTIANA	S. XIX		
CERAMICO	1.400 D. C.	S. XVIII	CULTURAS NEOINDIAS (IV) PERIODO NEOLITICO — PLANTADORES - CANOEROS } Guaraní ¿Tape?	PAMPIDOLAGUIDOS (?) AMAZONIDOS
		S. XIX		

QUADRO 1. Divisão Cronológica da Pré-História do Uruguai, de acordo com Daniel Vidart. Fonte: Hugarte, 1969:13

No quadro apresentado por Vidart sobre a divisão cronológica da Pré-História do Uruguai, é possível observar na tabela acima, que dentro do período pré-cerâmico, de 8.000 á 2.000 A.C., foi destacado as culturas paleoindias, sendo dividido entre Período Epiproto lítico (datação de acordo com Vidarte de 8.000 A.C.) e Período Epimiolítico (datação de acordo com Vidarte de 4.000 A.C.), sendo que no primeiro período temos os recolectores – paleocazadores, e dentro deste grupo a indústria lítica

Catalanense, Maldonadense e Relictos Arcaizantes.

De acordo com Renzo Pi Hugarte (1969), estes períodos são caracterizados como sendo pertencentes a caçadores inferiores, correspondentes as culturas arqueológicas *Catalanense* e *Cuareimense*, e onde os sítios arqueológicos se encontram no norte do Uruguai. Hugarte (1969), aponta que o catalanense parece corresponder a uma cultura de caçadores que desconheciam as flechas e que nas ultimas fasies aparecem pontas toscas e utilizadas em “Jabalinas e lanças”, aponta ainda que estas populações manufacturavam “toscos instrumentos de trabajo unifacial de lascas catalogadas como perforadores, cochilos, raederas y muescas”. E na cultura Cuareimense á “lascas espesas, módulos y guijarros, la del Cuareimense “elabora sus instrumentos a partir, casi sin excepción, de lascas relativamente delgadas” (Bórmida, 1964: 114).

Hugarte destaca que estas indústrias em primeira instância tem um problema com as datações, pois foram associadas como as mais primitivas da América, obviamente uma hipótese exagerada e que como será apresentada ao longo do trabalho, uma ideia típica dos pesquisadores desta época. De acordo com Bórmida a indústria Catalanense pode ter 8.000 a.c. e para o Cuareimense uns 6.000 A.C.

Já no Período Epimiolítico temos os recolectores – protoplantadores subtropicais, sendo pertencente e deste grupo a indústria Cuareimense, e com os cazadores esteparios, as indústrias líticas sem flechas (datação de acordo com Vidarte de 3.000 A.C.), e com flechas (datação de acordo com Vidarte de 2.000 A.C.). Este período é associado aos caçadores ditos superiores, sendo que de acordo com Hugarte, a tecnologia deste período é similar ao do Paleolítico Superior do Velho Mundo (epimiolítico), e apresentando “puntas de flecha com pendunculo o escotadura, las piedras de boleadoras de pulido rudimentario, una serie de instrumentos cortantes y punzantes variados – raspadores, punzones, buriles y los morteros”. (Hugarte, 1969).

No decorrer da tabela, á as culturas Mesoindias e as Culturas Neoindias, com as datações mais recentes.

Destacamos que como aponta (BÓRMIDA, 1964; TADDEI, 1987), o território Uruguaio, foi dividido em duas porções com base em suas indústrias líticas, uma centro-meridional e outra setentrional e o limite dessas áreas seria relativamente permeável, e passaria entre os Departamentos de Salto, Tacuarembó e Cerro Largo.

Segundo Silva (2014), na primeira porção estariam concentrados os conjuntos líticos relacionados aos chamados "caçadores inferiores" ou "não especializados" e sendo estes detentores supostamente de uma "baixa tecnologia" e assim representados pelas emblemáticas indústrias Catalanense e Cuareimense. Enquanto que na segunda concentrar-se-iam as evidências dos ditos "caçadores superiores" ou "especializados", com pontas de projétil (BÓRMIDA, 1964; TADDEI, 1987 apud Silva, 2014).

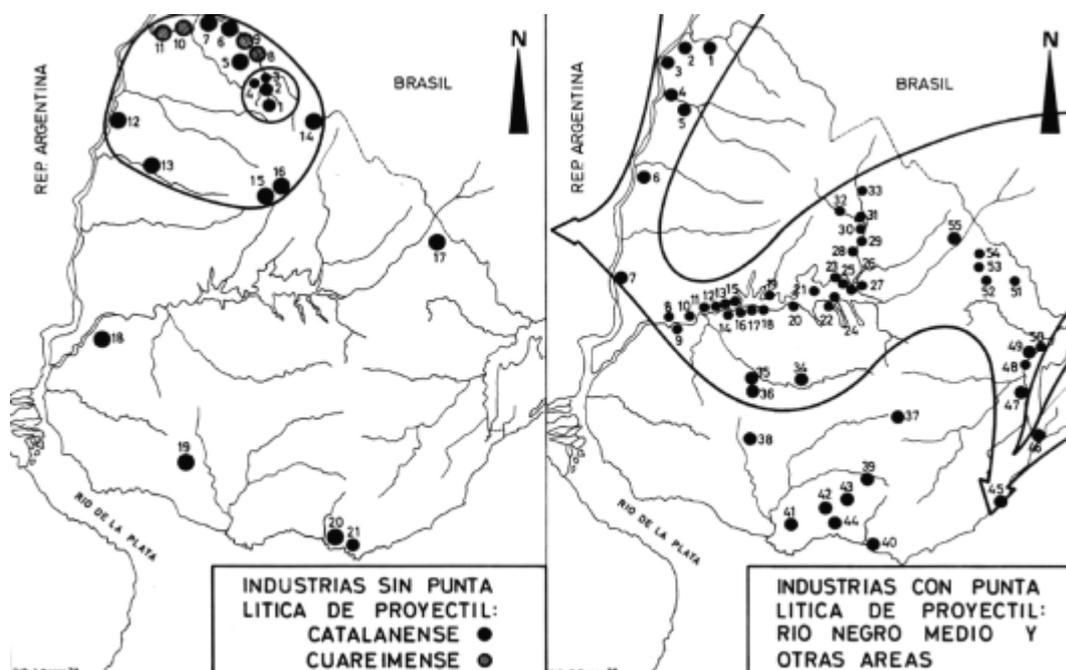


Figura 3 - Divisão tradicional das indústrias líticas de caçadores coletores para o Uruguai (TADDEI, 1987, p. 76).

Apontamos que desde o final da década de 90, o pesquisador Rafael Suarez (2003, 2010) tem trabalhado com a perspectiva de que os sítios da região do arroio Catalán seriam na verdade sítios de aquisição de matéria prima, relacionados com sítios residenciais no médio rio Uruguai. Suárez atualmente se destaca com o trabalho referente as revisão das indústrias líticas do noroeste do Uruguai, e uma de suas principais metas como aponta Silva (2014), é romper com a visão micro, até então predominante, e realizar uma arqueologia de cunho regional, que leve em conta a territorialidade assim como as diferentes modalidades de utilização do espaço pelos caçadores-coletores na paisagem (SUÁREZ, 2010b).

Destacamos ainda que Suárez (2003, 2011, 2010b), de acordo com outros pesquisadores, será um dos primeiros arqueólogos a tentar romper drasticamente com os paradigmas vigentes até então, questionando inclusive a existência de indústrias como o Catalanense e Cuareimense, que de acordo com o mesmo, não passariam de unidades abstratas. Suárez (2010b), aponta que existiria uma relação entre os conjuntos de sítios do médio rio Uruguai e do Quaraí inferior com aqueles clássicos sítios das imediações do Arroio Catalán Chico e que Arroio Catalán tratar-se na verdade do que ele chama de canteras-talleres, que poderiam integrar um núcleo de circulação de matéria prima em escala regional para contextos arqueológicos da Argentina e sul do Brasil, devido a sua abundância de rochas com boa aptidão para o lascamento, destacando-se o arenito silicificado e a ágata translúcida (SUÁREZ, 2010b, p.48).

Mas como aponta Silva (2014) e de acordo com Suárez (2010b). essas canteras-talleres, não se limitariam as imediações do Arroio Catalán Chico, mas se estenderiam ao longo de uma faixa de aproximadamente 80 km de comprimento por 30 km de largura, desde a desembocadura do Arroio Catalán Grande até as nascentes do Rio Arapey Grande, sendo este perímetro denominado de Región Arqueológica Catalanes-Nacientes Arapey (RACNA) (SUÁREZ, 2010b, p.47).

Silva (2014), disserta que:

Quanto aos sítios localizados no Médio Uruguai e Quaraí inferior, como o Pay Paso e o K87, o autor afirma que tratariam na verdade de sítios residenciais ou logísticos, que apresentariam artefatos bifaciais manufaturados em ágata translúcida em estágios de "adelgaçamento secundário", o que atestaria a alta mobilidade desses grupos, e reforçaria a hipótese dos sítios da chamada "RACNA", serem canteras-talleres, onde seriam encontrados bifaces em estágios iniciais de produção, sendo estes bastante espessos, e apresentando acidentes de lascamento que indicariam seu abandono (SUÁREZ, 2010b, p.58 apud SILVA, 2014).

Desta forma, Suárez aponta que isso atestaria um traslado de matéria prima entre a "RACNA" e os sítios logísticos do Médio Uruguai e do Quaraí Inferior (Figura 4), o que demandaria um deslocamento de entorno de 140 e 170 km (SUÁREZ, 2010b, p.60 apud SILVA, 2014).

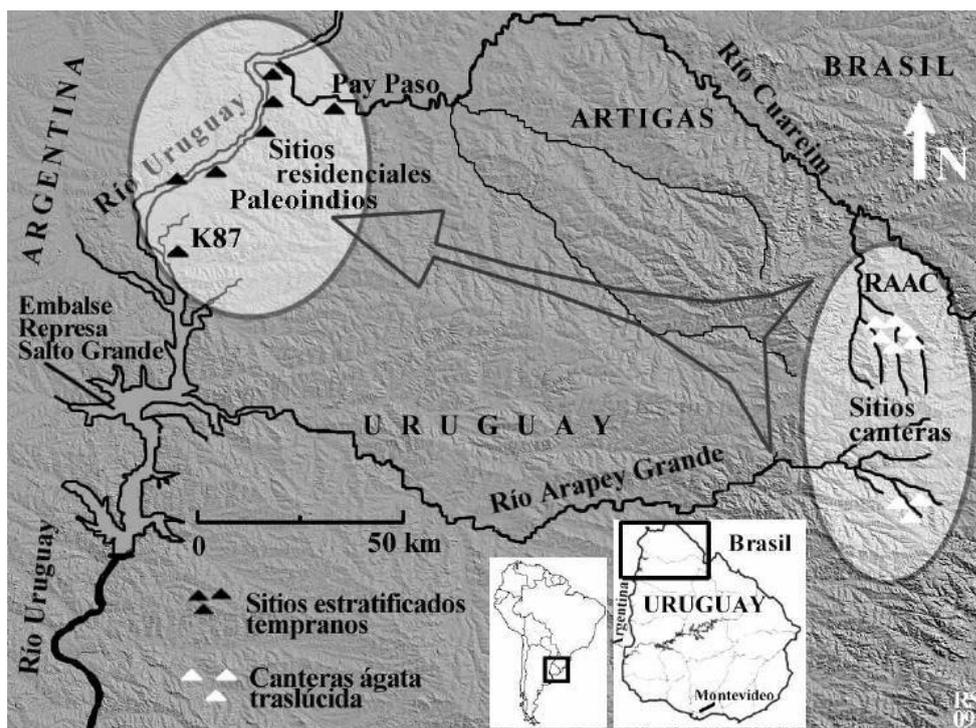


Figura 4 - Translado de matéria prima da "RACNA" ao médio Rio Uruguai (SUÁREZ, 2010b, p.60).

Dissertando agora sobre a arqueologia brasileira, sabemos que a mesma tem um forte diálogo com pesquisadores do exterior, tendo uma atuação governamental junto as missões estrangeiras e criando uma Comissão de Pré-história, com representantes do Museu Nacional e da Universidade Federal do Paraná junto a Universidade de São Paulo. Entre os estrangeiros que vieram ao Brasil realizar as missões, se destacam dois casais de pesquisadores, sendo eles: Joseph Empeaire junto a Annette Laming, e Clifford Evans e Betty Meggers.

Joseph Empeaire junto a Annette Laming atuaram primeiramente em escavações no interior do Paraná e em São Paulo entre 1954 e 1956, e infelizmente J. Empeaire faleceu devido um deslizamento de terra em um dos sítios escavados no Chile, mas mesmo com esta tragédia Annette Laming retorna ao Paraná onde leciona e trabalha na direção de escavações e na qualificação de pessoal. Coordena no Paraná, em 1966, um seminário sobre indústrias líticas que passou a ser referência para os arqueólogos brasileiros (GOMES, 2016).

Já os pesquisadores norte-americanos Clifford Evans e Betty Meggers, coordenam em 1964, um seminário sobre cerâmica, com a aplicação do método Ford, método aplicado nas pesquisas de grande parte dos arqueólogos brasileiros, e que de acordo com PROUS (1992):

Podemos considerar que, desde 1964-1966, a maior parte dos trabalhos sobre material lítico inspirou-se na orientação dos Emperaire, enquanto aqueles que se referem à cerâmica obedecem às normas elaboradas pelos Evans. Quase todos os arqueólogos que assumem hoje postos de responsabilidade no Brasil devem sua formação, [...] aos Emperaire, aos Evans ou a Hurt, pesquisadores cujas qualidades humanas e científicas tornaram-nos tanto amigos quanto mestres dos que trabalharam com eles (PROUS, 1992, p. 14).

Prous (1992), comenta que os projetos elaborados pelos pesquisadores Clifford Evans e Betty Meggers tinham como objetivo a elaboração de um “quadro geral das culturas brasileiras”, a partir da aplicação de um método intitulado Ford, que possibilitava a coleta e interpretação de grandes quantidades de dados cerâmicos em função de micro diferenciações, e por causa deste método, milhares de sítios teriam sido localizados sob o diagnóstico embasado por coletas superficiais, poços-teste e sequências cronológicas (GOMES, 2016). Mas sobretudo no Rio Grande do Sul, as pesquisas de campo e as influências teórico-metodológicas do PRONAPA estiveram presentes nas instituições gaúchas, como a Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL).

Sabemos que a metodologia arqueológica aplicada, o método Ford, se desenvolveu na esteira da Antropologia norte-americana, uma vez que estudar as culturas nativas das américas, era estudar a história do outro, havendo assim a necessidade da elaboração de teorias e métodos para esta compreensão.

Esta abordagem metodológica parte da ideia de um conhecimento geral para o particular e assim partindo da lógica que primeiro devemos conhecer extensivamente a maior variedade possível de objetos (sítios), e em seguida agrupá-los pelas suas semelhanças e diferenças, dentro de uma forma peculiar de definição da Tradição Cultural, e somente depois de estabelecido o conhecimento amplo e extensivo, partir para o detalhamento através da pesquisa intensiva em sítios chaves, selecionados como os mais capazes de fornecerem respostas a problemas particulares (ONDEMAR DIAS; entrevista concedida a Jandira Neto, IAB, maio/2014, p.7 apud RAMOS, 2016).

Apontamos de acordo com Dias (1999), este método de trabalho se perpetuou durante a primeira fase do histórico recente da arqueologia sul-brasileira sobre

caçadores-coletores e que os resultados teriam sido positivos com relação a amplitude das áreas pesquisadas e também para a elaboração de filiações culturais, de acordo com os objetivos do PRONAPA. Mas como aponta Gomes (2016), as premissas teórico-metodológicas aplicadas neste momento, com base em coletas superficiais, poços-teste e a definição de determinados artefatos líticos como “guias-fósseis”, criaram uma visão superficial e polarizada do contexto pré-cerâmico e assim estipulou-se duas grandes tradições culturais denominadas Umbu, com pontas de projétil, e Humaitá, sem pontas de projétil. As particularidades regionais e locais não conseguiram ser, por estes meios, compreendidas em suas dinâmicas próprias (GOMES, 2016, p. 59).

E já na segunda fase das pesquisas na região do Rio Grande do Sul, á a produção bibliográfica sobretudo com base nos dados obtidos durante o PRONAPA, sendo que como aponta Gomes (2016), uma primeira crítica a ser levantada é a deficiência na falta de relação direta entre os trabalhos de coleta e os sítios arqueológicos, ocasionando uma lacuna entre a abundância de material e a farta descrição ambiental, assim a aproximação entre o contexto cultural e ambiental a partir dos sítios, e não de forma paralela, torna-se um dos desafios para os pesquisadores pós-PRONAPA, pois a um predomínio de diferentes tipos de sítios arqueológicos como entidades isoladas ao contexto espacial tanto dos sítios com seu entorno quanto das relações inter-sítios inerentes as Tradições Umbu e Humaitá (GOMES, 2016, p. 59).

Sobre a as análises da cultura material, como enfatizado em outros momentos, á uma preponderância ao cunho tipológico, sem atenção aos dados quantitativos e descritos de forma genérica, sendo que os pesquisadores atuantes no momento, ressentiam-se da ausência tanto de dados estatísticos quanto do estabelecimento de relações mais próximas entre as etapas de produção e os contextos próprios de cada sítio, estes muitas vezes tomados meramente como sequências de ocupações (quando em estratigrafia), mas sem a compreensão destas ocupações (GOMES, 2016, p. 59).

Agora voltando a metodologia arqueológica pensada, a partir da Antropologia norte-americana, como destaca Hilbert (2007), apontamos a possível origem desse fazer arqueológico pode ser buscada em um modo específico de se pensar o Evolucionismo Cultural estadunidense da década de 1950 (HILBERT, 2007). Assim

como aponta Ramos (2016), esta arqueologia evolucionista se desenvolveu buscando a identificação de conjuntos de traços culturais compartilhados por sítios arqueológicos balizados por fronteiras ambientais, sendo assim esses sítios eram, então, interpretativamente organizados de modo que ficassem indicadas as áreas nucleares – das quais teriam partido os traços culturais compartilhados, ou seja, artefatos, estilos, características – e as áreas periféricas. Daí a grande atenção dada à discussão relativa à tipologia, à estratigrafia e à seriação (REIS, 2003; TRIGGER, 2004 apud RAMOS, 2017, p.35).

Ramos (2016), disserta que no fim da década de 1940, uma importante abordagem teórica foi introduzida e passou a contribuir na formação epistemológica da arqueologia norte-americana, a Ecologia Cultural, esta abordagem é desenvolvida pelo antropólogo estadunidense Julian Steward (1902-1972), integrando o campo de possibilidades teóricas disponíveis aos arqueólogos norte-americanos, e assim reforçando as tendências anti-historicistas dos mesmos (TRIGGER, 2004). E com aponta Ramos (2016), para Steward o ambiente seria um fator criativo para as populações humanas, porém essa criatividade seria expressa através de adaptações destes últimos às condições determinadas pelo meio.

The culture area is a construct of behavioral uniformities which occur within an area of environmental uniformities. It is assumed that cultural and natural areas are generally coterminous because the culture represents an adjustment to the particular environment. (STEWART, 1955, p.326)

Three fundamental procedures of cultural ecology are as follows: First, the interrelationship of exploitative or productive technology and environment must be analyzed. (...) Second, the behavior patterns involved in the exploitation of a particular area by means of a particular technology must be analyzed. (...) The third procedure is to ascertain the extent to which the behavior patterns entailed in exploiting the environment affect other aspects of culture. (STEWART, 1955, p.330-332)

A Ecologia Cultural de acordo com Ramos (2016), propunha procedimentos que poderiam dar conta da apreensão das variações culturais criativas motivadas, especificamente, em função de pressões ambientais e sendo que os procedimentos metodológicos eram realizados pelos antropólogos por meio do contato com um corpus (empíria limitada) que, uma vez analisada, fornecia dados pensados como

suficientes para gerar leis de comportamento cultural em âmbitos mais gerais (STEWART, 1955).

E no final do processo de investimento analítico sobre um corpus, estabeleciam-se modelos hipotéticodedutivos entendidos como suficientes para compreender as transformações culturais relacionadas as suas adaptações tecnológicas ao meio ambiente. Stewart foi o organizador de seis volumes da obra Handbook of South American Indians- (HSAI) - (1940-1949), e nela encontramos a Ecologia Cultural aplicada em sua forma mais acabada, em um esforço interpretativo para explicar a enorme variedade de culturas encontradas entre as populações nativas sul-americanas (RAMOS, 2016).

Quando o HSAI se volta para o território brasileiro, Stewart propõe uma dicotomia ambiental determinista generalizante que reduziu os ecótonos regionais brasileiros em duas porções: a Floresta Tropical a Área Marginal (NOELLI, FERREIRA, 2007).

Como Noelli e Ferreira (2007) apontam:

É no conceito de regularidade transcultural que a degeneração se apresenta mais manifestamente em seu processo de iteração da arqueologia imperial. Em América pré-histórica, Meggers (1979a) concebe uma representação arqueológica e geográfica do Novo Mundo, mapeando o continente na correlação entre áreas ambientais e culturais. Para ela, habitats similares ocorrem na América do Norte e na América do Sul – os campos, os desertos, as florestas e as áreas marginais. Isolando constantes culturais isomorfas, Meggers mostramos que os laços entre ambiente e desenvolvimento cultural atestam-se por semelhanças nas seqüências evolutivas e pelo caráter geral das configurações de clima em cada par de áreas. Haveria, pois, uma regularidade, normas culturais que se distribuem pelo continente, amoldando-se pelas interdições ambientais. Ora, o enunciado de economia política de Varnhagen é válido também para Meggers: o aspecto mais significativo para a evolução cultural é a potencialidade agrícola. Daí as ‘altas civilizações americanas’, os maias, astecas e incas, se erguerem justamente nos solos de tipo 4, nas áreas que ela chamou de ‘nucleares’. Tais lugares de civilização são nucleares porque a partir deles e por meio da difusão estende-se sua influência, expande-se seu ‘núcleo evolutivo’ pela área intermediária (o Caribe), pelos desertos e determinados setores das florestas norte-americanas, áreas ocupadas por agricultores de aldeias e integradas em grandes configurações religiosas e

políticas. Os campos, por sua vez, bambearam no limite entre vida nômade e sedentária, o mesmo valendo para as florestas amazônicas, ou, para usar a terminologia de Meggers, os ambientes permissivos. As áreas marginais, que cobrem o Centro e o Nordeste do Brasil, o Canadá e os Estados Unidos, sustentaram economias especializadas na caça e na coleta. Em suma, quanto mais perto das áreas nucleares, maior a evolução de um grupo; a proximidade com os impérios, os contatos com os núcleos de irradiação da difusão civilizam; longe dos núcleos, degeneram-se os índios em ambientes degradantes. Porém, a difusão se esbate numa barreira intransponível: ainda que ela se faça sentir, com sua força de dominação civilizadora, o ambiente pode suprimi-la, impor-lhe restrições climatológicas, amalgamá-la novamente no caldeirão centrífugo das regularidades transculturais (NOELLI, FERREIRA, 2007).

As populações que viviam nos campos variam entre nomádicas e sedentárias, executando a coleta e a caça e assim, vemos que grande parte do Sul do Brasil, em específico nossa região de estudos (Uruguiana), seria pensada como uma das áreas propícias ao desenvolvimento de culturas do campo.

Apontamos que estamos associando de acordo com as cronologias apontadas para a divisão da pré-história das Américas os sítios que trabalhamos dentro do período Arcaico e que este período foi estabelecido essencialmente como uma transição, e assim é sob esta ideia de caráter transicional que os primeiros pesquisadores vão tentar entender os conjuntos artefatuais de sítios intitulados Catalanense e Quaraiense, e que de fato não vão conseguir ir muito a fundo nas especificidades desse material, pois a Indústria Catalanense é, basicamente, aquela que não apresenta nem pontas de projétil, nem a cerâmica.

Nos questionamos então a respeito do que ocorreu nesse período transicional, pensando em termos de processos culturais, entre o tempo pretérito daqueles grupos que são tomados como caçadores-coletores, e o tempo mais recente daqueles que já possuíam o elemento básico para a sedentarização, ou seja, a agricultura? E como aponta Ramos (2016), esta questão, surgiu a partir das próprias lógicas de trabalho interpretativo dos primeiros pesquisadores e, como tal, demarca um cenário no qual estão estabilizados, em termos de categorias pré-determinadas, os elementos que compõem as categorias (fases, tradições, Indústrias, Complexos, Arcaico, Formativo etc.) e o que está ao nosso alcance nesse momento é iniciar a realização de uma genealogia das categorias utilizadas pelos primeiros arqueólogos para forjarem a

Indústria Catalanense, assim como as categorias citadas acima.

Antes de iniciar esta genealogia de conceitos, optamos por apresentar uma breve síntese histórica dos primeiros passos da Arqueologia gaúcha, e ao longo do texto iremos discutir estas categorias, mas primeiramente como apresentado por BROCHADO (1969, p.03):

As primeiras notícias a respeito da arqueologia do Estado do Rio Grande do Sul, foram dadas por missionários jesuítas e funcionários coloniais no século XVIII, e por alguns militares que escavaram túmulos indígenas na primeira parte do século XIX. A pesquisa científica começou no entanto com os trabalhos pioneiros de alguns estudiosos alemães nos sambaquis litorâneos, na segunda metade daquele século. As primeiras especulações científicas a respeito da classificação cultural dos indígenas pré-históricos do Estado foram feitas, no mesmo período, por Theodor BISCHOFF, Carlos von KOSERITZ, Hermann Von IHERING e Carlos TESCHAUER. Um novo interesse tem sido despertado pelas escavações de arqueólogo argentino Antonio SERRANO nos sambaquis litorâneos, em 1937, seguiu-se um período no qual amadores interessados renovaram as pesquisas, abrindo alguns novos campos, como os atêrros do extremo sul do sistema lacustre (BRICHADO, 1969, P.3).

Até aqui é possível considerar a construção de duas situações, a onde a primeira diz respeito a elaboração de um quadro analítico onde as discussões acadêmicas neste período já reportam-se as vinculações das culturas indígenas do sul do Brasil mais ao contexto “platino” e “andino”, do que com as demais regiões do país e já na segunda situação a á preemência do interesse pelo litoral sobre o interior do Estado. Para se evidenciar esta preferência por área de pesquisa, pode-se retornar ao primeiro quartel do século XIX, com as investidas de Carlos Von Koseritz. E já a partir dos inícios do séc. XX, o litoral é prospectado por Roquette-Pinto e nas décadas subseqüentes mantém-se vivo este interesse despertado nos pesquisadores, como é o caso de Serrano (1937), Ruy Rubem Ruschel e Ascânio Ilo Frediane (1947), Antonio Teixeira Guerra e Luís Castro Faria (1952), Pe. Pedro Inácio Schmitz e Pe. Balduino Rambo (1957), Patrick Delaney e Miguel Bombin (1965) (GOMES, 2016).

Buscando aproximações geográficas para o caso deste trabalho, as pesquisas já interiorizadas na região da Campanha se iniciam a passos lentos com B. Rambo no município de Quaraí, entre 1944 e 1945. O pesquisador localiza, fortuitamente,

vestígios líticos que chamará de “Estação Lítica Nhandubai” e então realiza uma coleta superficial sobre afloramento rochoso, assim BROCHADO descreve que (op.cit.:24):

Com êste achado B. RAMBO identificou uma indústria lítica composta de raspadores de formatos variados: côncavos, de extremidade, unguiculares, concoidais e piramidados, cônicos ou em aresta; lascas concoidais retocadas, talvez usadas como “facas”; volumosas cunhas de punho unifaciais, percutores nucleares cuneiformes; e pontas de armas de arremêso trabalhadas em ambas as faces, com chafraduras basais; que juntamente com material lítico polido, em muito menor quantidade, compôsto de “bolas”, “mós” e pedras lenticulares, atribui aos indígenas Charrua, segundo a classificação preconizada pelo arqueólogo argentino A. SERRANO (1932,1936,1937). Mas, por suas características próprias, esta indústria certamente constitui uma indústria lítica nova para o território do Rio Grande do Sul, a qual pode bem ser denominada “Quaraiense”. A mesma indústria foi também identificada no lado oposto da fronteira, no território do Uruguai, onde após os trabalhos de Antonio TADDEI (TADDEI, 1955), Raul Campá SOLER e Daniel VIDART (SOLER e VIDART, 1959), foi denominada “Catalanense”.

E como aponta Gomes (2016), o padre Balduino Rambo também teria elaborado uma síntese sobre a ocupação indígena pré-colonial que pode ser assim esquematizada:

a) Província do Sudoeste ou província “Mbaiá” (Charruas, Chanás, Guenôas, Mboanes, Iaros e Minuanos), com predominância de uma indústria lítica polida, com “bolas”, lenticulares e mós. Características gerais do “Quaraiense”, “catalanense” e de outras indústrias líticas similares na Argentina;

b) Província sambaquiiana ou do Litoral, sem grupos etnologicamente referenciados na obra consultada, com predomínio na cultura material de implementos polidos, do tipo zoólitos, machados de formas diversas, pesos de rede, almofarizes, quebra-coquinhos, “bolas” e “pontas de armas de arremesso” lascadas;

c) Província do Planalto ou Serra, também sem filiações culturais definidas e de “[...]relativa pobreza lítica” (BROCHADO, op.cit.:25). Apresenta artefatos polidos, diferentes tipos de machados, incluindo “itaiçás”, almofarizes, mãos-de-pilão, amoladores, tembetás e pontas de armas de

arremesso lascadas.

Gomes (2016), aponta que de acordo com BROCHADO (op.cit) se faz pertinente incorrer sobre o fato de que Pe. Inácio Schmitz recebeu em 1964, da então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, a solicitação para realizar um levantamento arqueológico no Estado, e que no mesmo ano ocorresse as atividades do PRONAPA no RS, quando as pesquisas no Estado passam a ter um grau de atividade nunca antes conseguido, neste sentido com um nível de produtividade científica maior. Destacamos que muitos destes trabalhos para o PRONAPA ficaram a cargo de Eurico Miller, e quanto a atividade de produção do conhecimento científico sobre a arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul, destacamos o trabalho dos arqueólogos em atividade especificamente na década de 1960, sendo eles: Ítala I. Basile Backer (Inst. Anchietano de Pesquisas), Miguel Bombin (PUCRS), Danilo Lazzarotto e Frei Camilo Chaves (Facul. Filos. Ijuí), Eurico Th. Miller (MARSUL), Guilherme Naue e Ir. Valeriano (Col. São Francisco), Fernando La Salvia (Facul. Filos. Caxias do Sul), Pe. Pedro Schmitz e Pedro Mentz Ribeiro (Inst. Anchietano de Pesquisas), Rolf Steinmetz (Mus. Antropol. Diretor Pestana-Ijuí), Vander Valente (Facul. Filos. Rio Grande). Tais pesquisadores distribuíam-se entre pesquisas efetuadas nos sambaquis do litoral; cavernas e abrigos sob rocha no Planalto, em sítios abertos no nordeste, sudoeste e centro do Estado, e ao longo dos rios Uruguai, Ijuí e Jacuí, em sítios abertos no Planalto (casas subterrâneas), sítios abertos com cerâmica guarani, do tipo acampamentos e cemitérios nos rios Ibicuí, Jacuí, Ijuí, Taquari, Sinos, Pelotas; além de sítios históricos na região das Missões (GOMES, 2016).

Como apontado ao longo do texto e obviamente na bibliografia consultada, a uma preferência pelo estudo dos sambaquis do litoral até o final da década de 1960 no Rio Grande do Sul, sendo a atenção para outras regiões, no caso a região da fronteira oeste do Estado, apontada apenas previamente e sendo executada mais sistematicamente através das atividades do PRONAPA, sendo que a bibliografia consultada faz referência apenas a atuação isolada de Pe. Balduino Rambo e do sítio do qual origina-se a indústria lítica “Quaraiense”, nos anos 50, com um mínimo de registros e análises inócuas sobre o alto Uruguai, sendo as inferências poucas, e sobre a porção situada na fronteira oeste, médio rio Uruguai, não há qualquer referência histórica, apontamos que as pesquisas na fronteira são feitas mais

tardiamente, após uma extensão do PRONAPA, que se intitula PROPA, assim somente pesquisas mais “recentes”, situadas entre os anos de 1970, 1980 e 1990, passam a ocupar com mais atenção os sítios e as indústrias líticas.

E voltando ao debate sobre as categorias e metodologias criadas, apontamos agora os modelos teóricos propostos para o estudo sobre a pré-história do Rio Grande do Sul, que foram balizados historicamente a partir do PRONAPA e posteriormente no PROPA.

Como decorrência dos achados, estruturou-se a pré-história brasileira de forma geral em função das concepções de “Tradição” e “Fase”, a partir das diretrizes pronapianas de influência norte-americana, sistematizada por Willey e Phillips, como apontado anteriormente.

Os pesquisadores que fizeram parte do PRONAPA utilizaram-se dos conceitos de fase e tradição para descrever os aspectos locais de uma mesma tradição ou subtradição cultural (Prous, 1991, p. 111). Conceitos estes definidos primeiramente na Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica (Chmyz, 1966 e 1976). Sendo, o conceito de “fase” definido como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (Chmyz, 1966: 14; 1976: 131 apud Hoeltz, 2005, p 21), e “tradição” definida como um “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (Chmyz, 1966, p.20; 1976, p.145).

[...] as pesquisas arqueológicas no sul do Brasil irão refletir estas noções com a criação de inúmeras fases e tradições para definir e caracterizar as sociedades pretéritas sul-brasileiras - justificadas pela grande dispersão espacial e longo período de duração (determinadas através de datações de rádio-carbono [C14]) que apresentaram estas populações. Deste modo, foram definidas as Tradições Umbu e Humaitá para caracterizar as sociedades caçadoras coletoras e as Tradições Taquara e Guarani, entre outras, para caracterizar as sociedades ceramistas – citando-se ainda os concheiros do litoral (CHMYZ, 1966, p.20; 1976, p.145).

Orientadas por tais preceitos, Hoeltz (2005), descreve que é necessário ressaltar que estes conceitos de fase e tradição não são sinônimos de etnia, povo, nem mesmo culturas, como ressalta também Gomes (2002). (Kern apud Hoeltz, 2005, p.18), esclarece que:

não são senão unidades arqueológicas artificiais e não podem ser confundidas com culturas, levando em conta que na maioria dos sítios arqueológicos pré-cerâmicos as condições climáticas reduziram a cultura original dos grupos de caçadores a raros vestígios. Este quadro conceitual é uma armadura útil face à impossibilidade de utilização dos conceitos europeus.

Segundo Willey e Phillips (1958, p.22, apud Dias, 2003), fase é uma unidade arqueológica que possui traços característicos para distingui-la de todas as outras unidades, seja da mesma ou de outras culturas ou civilizações, limitada pela grandeza de uma localidade ou região e cronologicamente limitada a um intervalo de tempo relativamente breve.

Ainda de acordo com Willey e Phillips (1958, p.37 apud Dias, 2003), uma tradição arqueológica é uma continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas relacionadas. Assim, uma tradição pressupõe uma ou várias unidades arqueológicas relacionadas entre si que são persistentes no tempo e se transpõem por meio do convívio social.

Conforme Hoeltz (1997, p.17):

[...] o termo tradição foi empregado para caracterizar dois grandes grupos de caçadores-coletores que habitaram tanto o pampa do Rio Grande do Sul quanto o planalto sul-brasileiro, denominados Umbu e Humaitá, respectivamente. Como ambos os grupos pré-cerâmicos tiveram não só uma grande dispersão espacial mas também um longo período de duração, indicada por datações de radiocarbono (C14), inúmeras fases foram definidas nas pesquisas desenvolvidas em áreas de ocupação destes caçadores-coletores (HOELTZ, 1997, P.17).

Como aponta Gomes (2016), dentre a nomenclatura básica do modelo pronapiano acima descrita, pode-se considerar que estas expressões foram incorporadas na literatura especializada desde a época do PRONAPA, mantendo-se ao longo dos anos subsequentes. No entanto as expressões passaram a ser questionadas, e com o desenvolvimento de novas propostas de estudos a amplitude das discussões sobre o legado do PRONAPA/PROPA, avolumaram-se em críticas, como as encontradas em Milder (2000, p.59):

Os caçadores-coletores e ceramistas incipientes dos tempos históricos (minuanos) são denominados Tradição Vieira. Geralmente os nomes são os mais desconectados possíveis da realidade etnohistórica. A Arqueologia gaúcha baseia-se na denominação de conjuntos materiais e seus atributos e não em unidades sociológicas e históricas passíveis de um conhecimento mais amplo e de uma dinâmica social. Na realidade os caçadores-coletores do Estado, que eram entidades vivas, foram transformados em aspectos de suas técnicas, em atributos mensuráveis e visíveis na concepção mais positivista e cartesiana do termo (MILDER, 2000, P.59).

Organizados os pilares científicos da arqueologia gaúcha neste período, surgem outras sínteses sobre a ocupação humana pré-colonial no Estado. Neste sentido, já referenciando a fronteira oeste, comenta Schimtz (1991, p.1):

O Rio Grande do Sul foi povoado antes do que a maior parte das pessoas imagina. O ambiente seco e frio da última glaciação, com ventos gelados varrendo paisagens de pouca vegetação, foi o cenário dos primeiros humanos que, a uns 10.000 anos a.C., acamparam a beira do rio Uruguai e nos abrigos rochosos do Caí (SCHIMTZ, 1991, p.1).

Como Schimtz (1991), aponta no comentário acima, estamos falando dos paleoíndios, termo este muito utilizado durante os trabalhos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), e como apontando anteriormente sabemos que a antiguidade estimada para a presença humana no Estado recuará a transição geoclimática do pleistoceno para o holoceno, assimilando pelos pesquisadores do período características paleoindígenas de acordo com a divisão da pré-história das américas e também incorporado aos modelos de ocupação pré-colonial mais antigos no Estado. No entanto, ainda que persista até os dias atuais, permanecem as dúvidas sobre sua aplicabilidade a um contexto diverso ao de sua origem. O termo aparece em Leroi-Gourhan (1981, p.191), como uma necessidade primária para a organização do esboço inicial da pré-história americana, no entanto, com as seguintes críticas:

Durante muito tempo seria adotada a expressão um pouco vaga de "paleo-

índio” para tudo o que dizia respeito aos mais antigos caçadores da América, sem consignar a esse termo limites cronológicos precisos. Ao estágio paleo-índio, na classificação de Wormington, sucede um estágio “arcaico”, caracterizado pelo desaparecimento das grandes espécies quaternárias (mamute e mastodonte, bisão fóssil, cavalo, etc) e pela intensificação da pesca e da coleta, cujo início se situa por volta do VI milênio a. C., desenrolando-se depois estádios mais recentes com o aparecimento da agricultura e da cerâmica (LEROI-GOURHAN, 1981, p.191). .

Como aponta Gomes (2016), o sentido polissêmico da expressão tornou-a mais atrelada ao senso de “temporalidade” dos vestígios arqueológicos, mas o termo pode ainda ser relacionado a uma tecnologia de lascamento referente a chamada “Tradição” paleoindígena, representada ao menos pelas Fases Ibicuí e Uruguai. No entanto, tais indicadores tecnológicos, todavia se adequavam dentro do tipologismo clássico, sendo incapaz de distinguir com clareza as especificações de uma e outra filiação cultural. Em Schmitz (1999, p.56), as questões vinculadas com o sentido da expressão “Paleoíndio” se compreendem da seguinte forma:

O conceito de cultura do paleoíndio contém, entre outros, os seguintes elementos: populações que teriam vivido predominantemente de caça grande, também chamada megafauna; sítios principalmente de matança, não de acampamentos residenciais; artefatos identificadores, pontas bifaciais, especializadas, de projétil, geralmente acompanhadas de lascas usadas como facas, raspadores e raspadeiras; o ambiente, um período frio e seco; população, pouco numerosa, dispersa e nômade, organizada em bandos frouxos (SCHMITZ, 1999, p.56).

Sobre os aspectos tecnológicos líticos, para a associação a terminologia paleoindígena, Schmitz (1999, p.57) comenta, “O fundamento para usar o termo Paleoíndio baseava-se nas datas de um horizonte industrial caracterizado especialmente por unifaces bem acabadas que teriam a função de raspadores, raspadeiras e facas, mas sem pontas de projétil. [...] Um elemento é hoje bem claro: não se realizava nestes sítios o conceito clássico, estrito, de Paleoíndio, criado para culturas de ambientes abertos de clima frio ou temperado”. Já Kern (1997, p.93) indica que o termo “paleoíndio” seria referente as camadas inferiores da estratigrafia arqueológica na região oeste do Rio Grande do Sul, ainda que também entenda que

o termo não foi devidamente adaptado as questões locais, e sim, meramente copiado do modelo arqueológico norte-americano.

Kern (1994, p.63) aponta ainda a presença de ao menos dois grandes grupos de caçadores-coletores atuando no Rio Grande do Sul. Esta questão encontra forte resistência de acordo com as pesquisas mais recentes. Apontamos que as possíveis relações existentes entre o homem e a fauna pleistocênica extinta, particularmente os mamíferos fósseis denominados de megafauna, tornaram-se comensuráveis a partir dos trabalhos do PRONAPA no sítio RS-I-50: Lajeado dos Fósseis e com os indícios de uma remota antiguidade de humanos na região, tornou-se necessário um novo projeto que se denominou PROPA. Destacamos que a questão paleoindígena pode ser considerada o foco central do PROPA, e no sítio RS I-50 que localiza-se na margem esquerda do rio Ibicuí (Itaqui), mais precisamente na foz da Sanga da Cruz, encontrou-se um crânio fóssil de *Glossotherium*, datado em 12.770 +/- 220 AP. Questionamentos de ordem tafonômica e estratigráfica são direcionados para as relações propostas por Miller entre a associação dos vestígios arqueológicos e paleontológicos no sítio RS-I-50 (Jacobus, 1991; Milder, 1995).

Como aponta Gomes (2016), os pesquisadores do Sítio RS-I-50 enfatizaram certos aspectos tecnológicos sobre a indústria lítica de 200 peças escavada, apontando que as peças formadas por lascas e plaquetas retocadas eram “poucas e bem rudimentar”, com lascamentos efetuados nos cantos de blocos de calcário, mas são as estruturas arqueológicas que conferem uma maior confiabilidade, pois existem fibras trabalhadas, frutos, carvões de fogueiras, matéria-prima trazida de outros locais, perfil estratigráfico bem preservado com sequências cronológicas coerentes. Mas de acordo com Gomes (2016), há uma questão sobre a representatividade do fóssil em função de tratar-se somente a 01 (um) único exemplar de fauna, o *Glossotherium Letsomii* e que de acordo com os autores haviam boas condições de preservação, e os vestígios de micro fauna seriam “pouco presentes” e “não representativos”, à também a menção de que os ossos teriam sido “trabalhados” por aquecimento, originando fraturas típicas correspondentes, e como sabemos eram comuns para a época o estabelecimento deste tipo de associação direta entre vestígios de fauna extinta a evidências culturais, praticadas desde o século XIX., sendo este método persiste entre os pesquisadores mesmo com elaboradas teorias.

Para Hilbert (1999, p.78) é a praticidade desta metodologia que faz adeptos,

como comenta:

Parece que a aplicação desta metodologia de: Estabelecer “guias fósseis”, relacioná-los com fauna pleistocênica extinta e depois definir eventos geo-culturais é bastante divulgada nos momentos preliminares de pesquisas arqueológicas paleolíticas até hoje. Observamos também que esta forma de tipologia tornou-se uma metodologia com um sucesso tremendo, por causa de sua praticidade e aplicabilidade (HILBERT, 1999, P.78).

Gomes (2016), disserta que o entendimento da questão paleoindígena como um indicador temporal dos vestígios humanos mais antigos da região do oeste sul-riograndense, poder-se-ia inserir a Fase Ibicuí como o período mais antigo do paleoíndio, e a Fase Uruguaí o segundo e último período considerado paleoindígena. MILDNER (1994), faz uma análise crítica sobre a Fase Ibicuí considerando esta, sem subsídios consistentes para sua definição. No entanto, a força ideológica do PRONAPA assegura sobrevida aos seus preceitos. Parece ser o caso apontado em Kern (1997, p.93):

A fase Ibicuí caracteriza-se por uma indústria lítica de lascamento por percussão e retoques sob pressão. Apresenta utensílios com aparência rudimentar, isto é, núcleos, talhadores, raspadores e lascas associados a megafauna. [...] A Fase Ibicuí tem uma datação de 12.770 +/- 220 A. P (KERN, 1997, p.93).



Figura 5 - Localização dos sítios paleontológicos das fases Ibicuí ▲ e Uruguay ● (MILLER, 1987, p.40).

Gomes (2016), enfatiza que:

No decorrer do histórico das pesquisas que visavam atribuir um perfil mais exato sobre a ocupação mais antiga para a macro-região do oeste sul-riograndense, apesar da sua importância no momento de sua definição, enquanto referencial cultural e cronológico, a Fase Ibicuí foi definida formalmente por E. Miller a partir de um conjunto lítico de apenas 46 peças, sendo que para MILLER (1987), a coleção corresponderia a 123 peças, sendo 8 pontas-de-projétil que não foram apresentadas pelo criador da Fase Ibicuí.

A coleção que mesmo após a descoberta de um número maior de peças continua sendo inexpressiva, fora obtida a partir de somente três sítios arqueológicos, dois localizados na margem esquerda do rio Ibicuí, em dique marginal (RS-I-50 Lajeado dos Fósseis) e planície de inundação (RS-I-107),

e o outro na margem direita do rio Quaraí (RS-Q-2 Passo da Cruz) (GOMES, 2016, p.58).

Segundo MILLER (1987, p.47), “Devido a erosão fluvial, eles estão sendo progressivamente destruídos.” Sobre a escassez de dados que definem a Fase Ibicuí Milder (1994, p.90) comenta:

[...] podemos dizer que o sítio RS I 50 não contém elementos suficientemente claros e definidos para ser aceito com (o) um assentamento humano, pois não possui delimitação espacial definida, existem contradições entre a documentação gráfica [...] e as publicações posteriores, a datação se fez sobre um elemento de origem geológica (fóssil) [...] sem evidências de que tenha sofrido a ação humana; a inserção de sítios na paisagem revela que existe um grande potencial de sedimentação e erosão [...] ressaltando que a abundância de fósseis na área é muito grande, possibilitando equívocos.

A ocupação humana no Passo da Cruz, representada pelo sítio RS Q 2, demonstra a ocorrência de um material arqueológico definido, muito similar aos sítios da Fase Uruguai, porém sua cronologia não pode ser aceita sem reservas, já que a amostra datada não pertence ao local das escavações e esta foi extrapolada para o sítio por similaridade estratigráfica entre ambos os locais. Desta forma o RS Q 02 pode ter uma cronologia entre 12.000 e 8.500 (MILDER, 1994, P.90).

Ainda sobre o terceiro sítio da Fase Ibicuí, o RS I 107, revisto em MILDER (1994,p.67), Gomes (2016), aponta:

encontra-se em sub-capítulo destinado a comentar este sítio apenas 4 linhas, que dizem, “O sítio RS I 107 é um dos componentes da Fase Ibicuí, porém não possui acervo registrado no MARSUL, nem número de catálogo, tão pouco ficha de sítio ou datação, desta forma consideramos que o mesmo não possui aceitabilidade científica.”.

Ao encerrar suas impressões sobre a Fase Ibicuí, conclui o autor: “Desta forma a ocupação humana no sudoeste do Rio Grande do Sul continuará sendo uma especulação já que a Fase Ibicuí se esvaziou nas suas contradições” (Milder, op,1994, p.92). Sobre a Fase Uruguai as informações são tão escassas quanto da Fase Ibicuí.

A Fase Uruguai de acordo com Miller (1987), abrangeria do baixo rio Quaraí, ao sul, até o baixo rio Ijuí, ao norte, e o rio Uruguai entre estes extremos latitudinais, por ambas as margens e complementa que, apesar de presente nas repúblicas do Uruguai (rio Quaraí) e Argentina (rio Uruguai), faltam pesquisas de campo para determinar as reais dimensões espaciais desta fase (SOUZA, 2016).

São conhecidos 21 sítios, dos quais 14 estão junto do rio Uruguai e todos estão sofrem os efeitos da erosão fluvial anual sub-vertical contra os diques marginais (Miller, 1987).

E a respeito do material encontrado, Miller (1987, p.53) descreve que:

Os utensílios mais diagnósticos englobam principalmente as pontas de projétil lítico lascadas e pedunculadas, de formas variadas, de tamanho médio a pequeno (4.9 a 2.9 cm), estreitas e raramente largas (1.6 a 3.4 cm), bifaciais, com retoque à pressão e principalmente em calcedônea; facas bifaciais com retoque à pressão, de médias a pequenas (12.4 a 4.2 cm), raspadores circulares, laterais e terminais pequenos (2.7 a 3.9 cm); pré-formas lanceoladas bifaciais sem retoque à pressão. Além destes há abundância de micro-lascas resultantes de lascamento e retoque à pressão e percussão; lascas e lâminas pequenas a medianas (l a 4.2 cm) com e sem retoque intencional e/ou com evidência de uso (micro lascamentos ordenados e contínuos até 1.5 cm - ou desordenados nas serrilhas); núcleos de 3 a 19 cm, percutores de 5.2 a 7.9 cm esferoides a cilíndricos; pedras bigorna e talhadores tipo chopper, em pequena quantidade, elaborados em seixos rolados, com gume reto a convexo, lateral ou terminal, e núcleos esgotados originando raspadores pequenos circulares e altos.

Gomes (2016), comenta que os sítios onde se detectou a presença paleoindígena, parece a Miller, que não deixaram de ser ocupados pelas gerações posteriores, ou seja, junto às corredeiras (baixios), afloramentos rochosos e arroios, locais propícios a coleta de moluscos e pesca farta, e de acordo com o pesquisador, com o desenvolvimento das sociedades indígenas, uma série de ramificações culturais se apresentam como desenvolvimentos de um foco inicial. Como exemplo disto, pode-se pressupor que a Fase Uruguai se desenvolverá até o século XVI, passando a receber a designação de Tradição Umbu (GOMES, 2016).

Gomes (2016), disserta que os sítios relacionados a Tradição Umbu, apresentam uma dispersão geográfica que se estende aos estados brasileiros do Rio

Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, também na Argentina (Misiones, Corrientes), e Uruguai. Encontrara-se nos campos subtropicais as fases mais antigas da Tradição Umbu, sobretudo no sudoeste do Rio Grande do Sul.

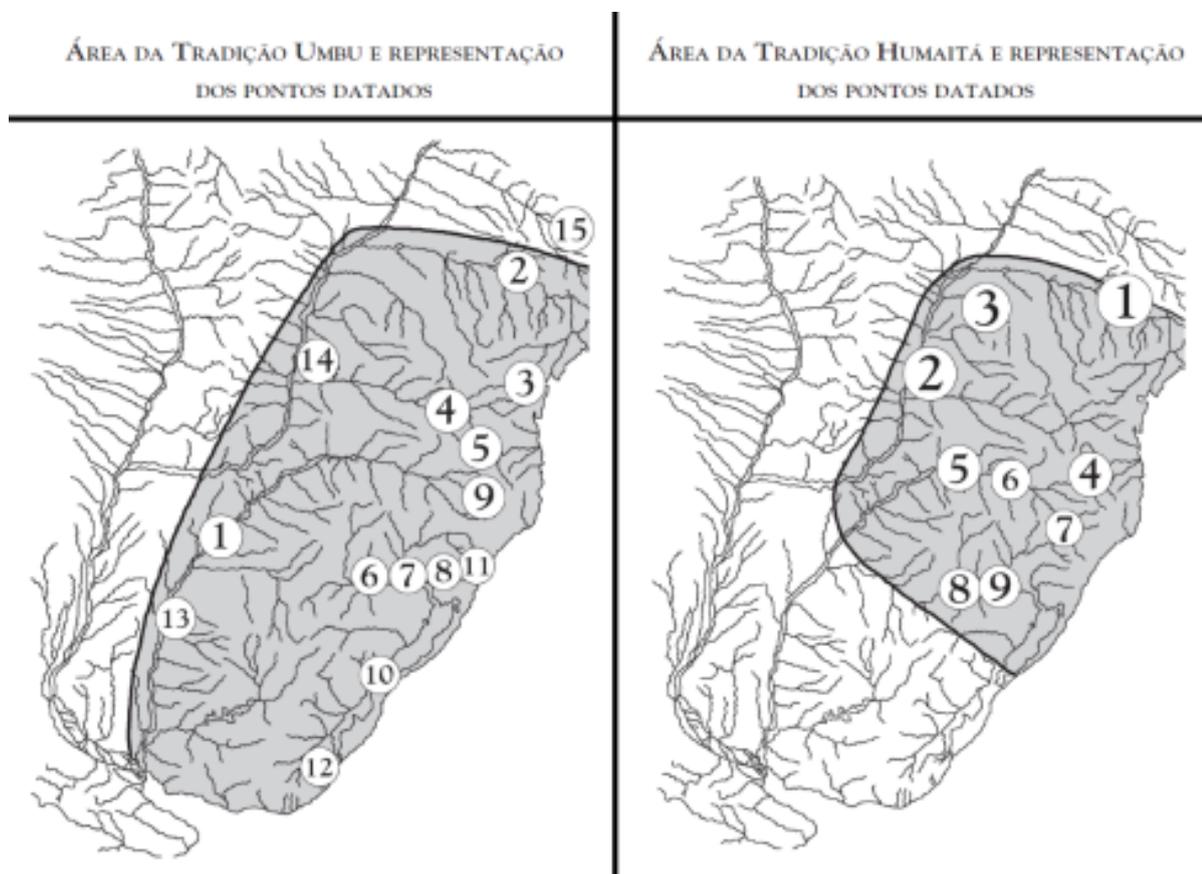


Figura 6 - Dispersão das tradições Umbu e Humaitá (NOELLI, 2000, p.230 e 238).

NOELI (2000), aponta que a compreensão da Tradição Umbu pode ser percebida através de sua longa persistência nos padrões culturais e tecnológicos, mantendo-se com grande semelhança artefatos produzidos desde 12.000 AP até 1.000 AP.

QUADRO 2. HISTÓRICO DAS FASES DA TRADIÇÃO UMBU

Estado	Fase/Sítio	Idade A.P. Absoluta A Estimada	Pesquisador	Artefatos característicos
		E		
S	Ibicuí	12770+- 220 A 12690 +- 100 A	Miller 1976/1978	Núcleos, talhadores, raspadores e lascas Com ou sem retoque.

S	Uruguai	1155+- 230 A 8585+- 115 A	Miller 1976/197 8	Raspadores, lascas, lâminas, núcleos, talhadores, Pontas-de-projétil com pedúnculos e aletas
S	Batinga	8290+- 130 A	Ribeiro 1989	Raspadores, pontas-de-projétil, lascas
S	Capivara	Idem F.Batinga	Schmitz 1985	Raspadores, pontas-de-projétil, pré-formas, lascas
R	Vinitu	8000 A 6000 E	Chmyz 1976; 1977/1978	Pontas-de-projétil com pedúnculo e aletas, raspadores Pontas bifaciais, folhas bifaciais e facas
S	Umbu	5950+- 190 E 5680+- 240 A	Miller 1969- 1974	Pontas-de-projétil estreitas, pequenas e médias, pedunculadas E lanceoladas
R	Bituruna	3000 E	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil com pedúnculo e aletas, raspadores, pontas Bifaciais, folhas bifaciais e facas
S	Itapuí	5655+- 140 A	Miller 1969-74 Ribeiro 1972	Pontas-de-projétil pedunculadas bifurcadas, raspadores, boleadeiras
S	Amandaú	5000 a 4000 E	Miller 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas, raspadores E talhadores
S	Araponga	Mais recente que Amandaú e mais antiga que a Camuri	Miller 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas, raspadores, talhadores, lascas e lâminas retocadas
C	Suruvi	1500 E	Piazza 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas
S	Camuri	5000 a 4000 E	Miller 1967 1971	Pontas-de-projétil pedunculadas e apedunculadas, raspadores
R	Iguaçu	3110+- 140 A	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, Raspadores, facas bifaciais, buris
R	Céu azul	3705+- 130 a 755+- 60 A	Rauth	Pontas-de-projétil
R	Potinga	3000 E	Chmyz 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, Raspadores, furadores, buris, folhas bifaciais
S	Itaqui	3527+- 145 A	Miller 1969	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, ras- padores, furadores, buris, folhas bifaciais
S	Patos	2500 a 2400 E	Schmitz 1969	Pontas-de-projétil
S	Lagoa	2435+- 85 a 2000+- 120 A	Schmitz 1969	S/ dados
S	Chuí	2500 à 1500 E	Schmitz 1971 1972	S/ dados
S	Rio Pardinh o	2920+- 120 e 1425+- 115	Schmitz 1970 Schmitz;Brocha do 1981	Pontas-de-projétil pedunculadas c/ aletas, e artefatos sobre núcleos e lascas
S	Panambi	Idem F. Rio Pardinho	Brochado 1969	Indústria de lascas, pontas-de-projétil pe- dunculadas, pontas foliáceas, bifaces

C	Itaió	660+- 80 a 290+- 80 A	Piazza 1974	Pontas-de-projétil pedunculadas com aletas, pontas foliáceas, raspadores
---	-------	-----------------------	-------------	--

Adaptado de (HOELTZ , 1997 apud GOMES, 2016).

A respeito da Tradição Umbu, Prous (1991), explica que são caracterizadas pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica com lascas retocadas e estes retoques são frequentemente feitos com cuidado, podendo ocupar toda a superfície de uma ou de ambas as faces da lasca.

De acordo com Prous (1991), as populações pertencentes à esta tradição parecem ter ocupado as regiões menos arborizadas, realizando raras incursões nas encostas do planalto, além de terem chegado ao litoral em pelo menos dois pontos que não aparecem na bibliografia consultada.

As pontas mais antigas encontradas, ainda segundo Prous (1991), seriam datadas entre 10.500 e 8.000 BP e foram recolhidas nos barrancos do rio Uruguai. ocorrência à céu aberto como em abrigos sob rocha. Excetuando-se os abrigos, os sítios não cobertos podem ser localizados no campo ou em áreas florestais, apresentando a característica comum de se estabelecerem na parte mais alta de terrenos próximo a cursos d'água como rios, arroios e sangas. Segundo SCHMITZ (1984), muitos dados do PRONAPA permaneciam inéditos, acarretando em perda de informações importantes sobre a questão.

DIAS (1995), defende que a dicotomia que havia sido estabelecida pelo PRONAPA entre as Tradições Umbu e Humaitá, a partir do diagnóstico das pontas de projétil para os sítios da primeira filiação cultural estabelecera-se em função da inadequação teórico-metodológica para análise de lítico, sendo que a abordagem que privilegiava a descrição de tipos morfológicos, sem equiparações entre dados quantitativos e padrões analíticos unificados resultou num quadro amplo e genérico das culturas nativas do Estado, sem qualquer aproximação com possíveis identidades culturais. Boa parte do estabelecimento de fases dentro da Tradição Umbu foram definidas em função de datações e localização geográfica (DIAS, 1995 apud GOMES, 2016).

Através do trabalho de DIAS (1995), sobre o sítio RS-C- Capivari I (abrigo-sob-rocha) á quadro analítico consubstancial, com o estudo mais apurado das tecnologias líticas, através de um estudo das cadeias operatórias empregadas na produção de artefatos, apresentando as estratégias de captação da matéria-prima, assim como

processos de redução inicial e secundária sobre o lítico, e do emprego do processamento unipolar, bipolar alijados aos perfis morfológicos aplicados às pontas de projétil (GOMES, 2016). Através desse estudo como aponta Gomes (2016), se obteve talvez o primeiro marco para uma redefinição dos modelos gerados para definir-se a Tradição Umbu, apontando uma relação direta entre períodos de ocupação e as alterações paleo-climáticas, assim como uma impossibilidade de empregar-se as alterações morfológicas deste tipo de artefato, com a função de marcadores temporais (GOMES, 2016).

Gomes (2016), enfatiza ainda que:

Seguindo nesta linha de trabalho, as escolhas tecnológicas tornam-se um caminho que passa a ser percorrido pela autora, como indicadores de identidades culturais. Neste sentido, DIAS (2007) reporta-se ao fato de que, embora os conceitos de Tradição e Fase arqueológica estabelecidos pelo PRONAPA reportem-se as variações e ou variabilidades do registro arqueológico, os mesmos não conseguem explicar as relações intrínsecas entre variabilidade artefactual e comportamento cultural. Desta forma, todo o quadro histórico representado nas publicações dos anos de 1990, alteram-se de sobremaneira frente a novas perspectivas de estudo para o caso das pesquisas sobre caçadores-coletores no sul do Brasil (GOMES, 2016, p.63).

Depois dessa breve revisão da Arqueologia Pré-Histórica no Rio Grande do Sul, voltamos para a compreensão e revisão de um dos conceitos destinados a divisão da Pré-História nas Américas, sendo este o conceito de Arcaico, para uma análise de alguns enunciados que sustentam o que seria este período, segundo a arqueologia norte-americana, enunciados muitas vezes utilizados por pesquisadores que trabalharam na construção da Arqueologia Pré-Histórica no Rio Grande do Sul. Entendemos que as categorias fases, tradições, Arcaico, Formativo, etc. podem ser percebidas em formação na atmosfera de produção intelectual dos Estados Unidos nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e de acordo com Stuart J. Fiedel, em seu livro *Prehistory of the Americas* (1999), a introdução do termo Arcaico na arqueologia norte-americana se deu em 1932 por William Ritchie, e de acordo com o mesmo o Arcaico seria uma fase cultural arqueológica do centro de Nova York e que o termo se popularizou depois que outras culturas do sudoeste dos EUA foram identificadas como possuidoras de características semelhantes às aquelas descritas por Ritchie. Houve

mesmo sugestões de que sítios tão distantes quanto aqueles na Califórnia estavam de alguma forma conectados com aquelas culturas orientais Arcaicas (FIEDEL, 1999, p.89 apud RAMOS, 2016).

Por meio da obra *Method and theory in American archaeology* (1958), escrito por Gordon Randolph Willey (1913-2002) e Philip Phillips (1900-1994), foi que as categorias (fases, tradições, horizontes culturais, Arcaico, etc.), vão convergir para formar um sistema coerente de ferramentas teóricas, pois até o início dos anos 1950 o termo Arcaico continuava sendo usado por alguns arqueólogos norte americanos para se referir a uma fase cultural.

Willey e Phillips (1958) se apropriaram do conceito de Arcaico, redefinindo-o e expandindo-o, e após o instrumentalizaram de maneira que o mesmo pudesse ser aplicado como um estágio específico de desenvolvimento cultural. Willey e Phillips reintroduziram o conceito Arcaico como um período transicional entre o estágio Paleoíndio (que os autores denominaram estágio Lítico) e o estágio Formativo. Seguem-se ainda dois estágios nas etapas evolutivas de Willey e Phillips, porém estes não são aplicados à interpretação do sinal arqueológico norte-americano ou do leste da América do Sul, são os estágios Clássico e Pós-clássico (WILLEY, PHILLIPS, 1958, p.23).

De acordo com Willey e Phillips a definição de Arcaico, estaria de acordo com a ideia de que haveria estágios das culturas migratórias de caça e coleta, e nas quais se prolongaram até alcançarem as condições ambientais próximas daquelas do presente (FIEDEL, 1999, p.89). Eles produziram, também, uma listagem que apresenta as características essenciais compartilhadas pelos grupos inseridos no estágio de desenvolvimento cultural Arcaico, e sendo eles, como aponta (FIEDEL, 1999, p.89):

Dependência de fauna de menores proporções e mais variada, em vista da extinção da megafauna pleistocênica; Um aumento da coleta; Maiores números de implementos e utensílios de pedra, aparentemente utilizados para preparar alimentos baseados em vegetais selvagens; Ferramentas de trabalho sobre madeira a partir de pedra polida, pesos de atlatl e ornamentos; Maior estabilidade da ocupação, baseada na economia de subsistência especializada (e.g., pesca, coleta de sementes); Nas pedras lascadas, uma maior variedade de pontas (Stemmed, corner-notched, and sidenotched), geralmente não tão bem feitas quanto as pontas líticas

(Paleoíndias); uso de uma crescente variedade de materiais líticos; furadores; Artefatos de osso, chifre, marfim, conchas, cobre, asfalto, argila; alguns desses usados na cestaria, pesca, e caça marinha. Enterramentos. (FIEDEL, 1999, p.89)

Para os proponentes do Arcaico como um estágio evolutivo das culturas, a hierarquia se daria entre culturas atrasadas ou marginais se desenvolvendo rumo à civilização (Figura 7) (Willey e Phillips, 1958).

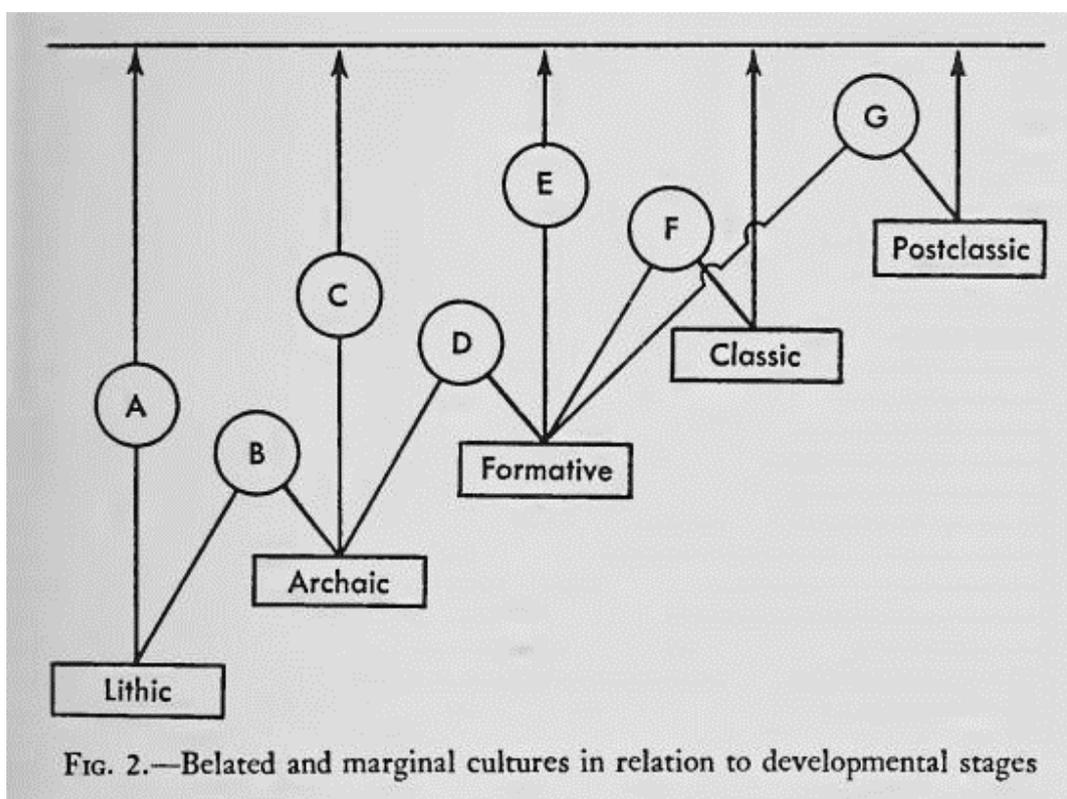


FIG. 2.—Belated and marginal cultures in relation to developmental stages

Figura 7. Culturas atrasadas e marginais em relação aos estágios evolutivos (adaptado de Willey e Phillips, 1958, p.75)

Como enfatiza Ramos (2016), Fiedel se utiliza do conceito Arcaico desenvolvido na década de 1950 como parâmetro para organizar seu próprio livro introdutório à pré-história americana e as únicas ressalvas que o autor realiza sobre a utilização do conceito de Arcaico são relativas às atualizações em termos de informações que expandiram a aplicação do mesmo em determinadas áreas dos Estados Unidos, propondo a divisão do Arcaico, na América do Norte, em: Arcaico antigo (8000 - 6000 BC), o Arcaico médio (6000 – 4000 BC) e o Arcaico recente (4000-2000 BC). Em seu texto, encontramos diversas passagens nas quais o autor ressalta

variações regionais que teriam se realizado no período, principalmente no Arcaico recente (RAMOS,2016).

Apontamos que esta forma de utilizar o conceito de Arcaico para categorizar diferentes estágios de desenvolvimento cultural é compartilhada por outra publicação chave, o *The Handbook of South American Archeology* (HSAA), e relativo aos períodos mais antigos, anteriores ao desenvolvimento da agricultura, a uma ínfima informação no HSAA sobre a região leste da América do Sul, sendo que nas páginas introdutórias dessa publicação há a menção que com o intuito de criar condições para trabalhar na revisão de um continente tão vasto quanto diversificado em termos ecológicos, os editores resolveram trabalhar com os níveis de Steward de integração sociocultural (isto é, seguindo a linha evolutiva que começa nas primeiras ocupações de caçadores coletores, passando aos modos de vida Arcaicos e desembocando paulatinamente, com uma complexidade crescente, nos estados e império) (HSAA, página XVI) (RAMOS, 2016).

Ramos (2016) aponta que o paradigma de funcionamento científico hipotético-dedutivo aplicado à arqueologia postula três momentos básicos em seu funcionamento: a) a proposição de modelos de comportamento humano, b) a identificação de variáveis mensuráveis quantitativamente para isolar as possíveis transformações nesses mesmos comportamentos e c) prescreve o teste desses modelos (ou hipóteses) mediante análises da cultura material (preferencialmente estatísticas). Por meio desses mecanismos vemos florescerem as mais ousadas macro-narrativas que tentam englobar a totalidade dos eventos pré-históricos, estabilizando-os. Aqui vale a pena trazer uma longa citação de Fiedel na qual o próprio autor assume o caráter especulativo das inferências que pretende fazer passar por leis.

Na realidade, pode ser melhor pensar em três trajetórias alternativas paralelas seguidas pelas culturas pertencentes ao nível Arcaico nas Américas. Primeiro, em regiões onde os recursos naturais foram escassos – o Ártico, Subártico, e os desertos áridos como a Great Basin – grupos pequenos, móveis e altamente dispersos mantiveram adaptações Arcaicas até o momento do contato Europeu. Em regiões de grande diversidade biótica e abundância, tais como as costas das florestas temperadas, o desenvolvimento de estratégias de coleta eficientes permitiram o estabelecimento de assentamentos mais permanentes e a manutenção de

maiores e mais densas populações. Nessas áreas, a segunda trajetória foi seguida, levando ao clímax do —Arcaico Desenvolvido em cada instância. Entre os caçador-coletores que ocuparam ambientes ricos, uma estratégia comum para contrabalancear potenciais flutuações nos recursos foi a agregação periódica de grupos dispersos para criar uma reserva de alimentos coletados de uma área mais ampla e redistribuí-los. A redistribuição era constantemente realizada por um —grande homem, cuja posição tendia a se tornar hereditária; isso levou a hierarquizações sobre a base de linhagens. As festas de redistribuição eram necessárias por razões ecológicas e econômicas, porém para assegurar que elas fossem realizadas, elas eram projetadas na forma de rituais sobrenaturalmente sancionados. Essas festas rituais poderiam estar inicialmente ligadas aos ciclos naturais — i.e., rituais das primeiras frutas ou cerimônias de crescimento — mas, na medida em que a hierarquia se tornava mais arraigada, os rituais eram crescentemente associados com os eventos no ciclo de vida de uma elite de indivíduos, tais como iniciações, promoções a postos ou morte. Na medida em que era dado o controle sobre a redistribuição interna para os chefes, eles também eram empoderados para utilizar os recursos excedentes da sociedade para trocas pelas quais alianças externas eram forjadas e mantidas. Obviamente, esse modelo de sociedades que seguiu segundo a trajetória do Arcaico Desenvolvido, é amplamente dependente tanto da analogia etnográfica e de conjecturas razoáveis, porém podemos olhar para o registro arqueológico em busca de traços distintivos de tais sociedades. Entre esses deverão constar, em larga escala, estruturas de natureza funerária e materiais exóticos e importados, o que atesta a operação de trocas em redes amplas. Itens exóticos irão geralmente ocorrer somente em um número limitado de residências da elite e em sepultamentos. Em última instância, a evolução das sociedades do Arcaico Desenvolvido foi limitada pela capacidade da carga dos seus ambientes. Não importa quão eficientes fossem as estratégias de coleta empregadas, caçador-coletores não podem sustentar densidades populacionais comparáveis àquelas dos agricultores. A mais alta densidade relatada para caçador-coletores é de 2,3 pessoas por km² (6 pessoas por milha quadrada); essa era a densidade da população nos mais abundantes ambientes da Califórnia no tempo do contato. A terceira trajetória foi seguida pelos habitantes das regiões tropicais ou semiáridas, os quais desenvolveram ou adotaram a agricultura. Inicialmente, julgando pelos sítios de Tehuacan e Ayacucho, as estratégias adaptativas dos caçadores-coletores nessas áreas foram dificilmente distinguíveis daquelas dos povos Arcaicos de outros lugares. Mesmo assim, eles estavam começando a transplantar e cuidar de certas plantas que, depois de séculos de manipulação, tornaram-se

cultígenos domesticados, completamente dependentes dos humanos para sua propagação. Vários milhares de anos após o início do cultivo, vilas de fazendeiros permanentes foram estabelecidas. Esse evento marca o começo daquilo que tradicionalmente tem sido conhecido como estágio Formativo. A agricultura fomentou o crescimento populacional, e, por um loop de feedback positivo, um número de pessoas crescente só poderia ser sustentado pela adoção de métodos mais intensivos de cultivo, tais quais irrigação, terraço e dupla colheita. A agricultura permitiu densidade populacionais muito mais altas do que aquelas permitidas pela caça e coleta. Sedentarismo, crescimento populacional, redistribuição e trocas, e guerras levaram à emergência de chefaturas baseadas na agricultura na Mesoamérica do Formativo, norte da América do Sul, no Caribe, no sudeste dos Estados Unidos e possivelmente também no Sudoeste. Sociedades mais organizadas em estados, complexas, evoluíram de chefaturas somente na Mesoamérica e Peru (embora tenham havido grandes e complexas chefaturas em outros lugares, como a Cahokia, que chegou próxima desse nível). Por que os habitantes dessas duas áreas deveriam ter avançado mais longe no curso da terceira trajetória de desenvolvimento permanece ainda a ser completamente entendido; talvez sua adoção precoce da agricultura tenha sido um fator importante (FIEDEL, 1999, pp.359-360, grifos nossos).

A simplicidade e a limitação são os elementos marcantes das culturas ditas atrasadas ou marginais (WILLEY, PHILLIPS, 1958) e como apresenta Ramos (2016), se pensarmos como Fiedel (1999), apresenta, dentro dos modelos hipotético-dedutivos, apenas por meio do empréstimo cultural, através de difusão de algumas ideias e práticas, essas culturas poderiam alçar certa variabilidade cultural, mas se deixadas a própria sorte, as culturas atrasadas e marginais não poderiam ultrapassar os estágios culturais atingidos, ainda, nos períodos mais remotos de um passado pré-cerâmico, e como enfatiza Ramos (2016), sem uma agricultura desenvolvida, sem a tecnologia cerâmica, essas culturas atrasadas e marginais não teriam vivenciado seu estágio Formativo, seriam culturas fossilizadas que testemunhariam, durante o Arcaico, elementos herdados de períodos áureos (quando em contato com os centros difusores de cultura avançada).

E como apresentado ao longo deste capítulo, foram essas as ideias, desenvolvidas por arqueólogos estadunidenses, que foram trazidas com o casal Evans – Betty Meggers e Clifford Evans – e aplicadas na nascente arqueologia científica brasileira nos quadros do PRONAPA (NOELLI, FERREIRA, 2007). Assim

como as propostas de Willey e Phillips, a abordagem de Steward também foi amplamente exercitada no âmbito das pesquisas do PRONAPA. Outros programas de pesquisas que foram inspiradas pelo PRONAPA vão se utilizar das mesmas bases epistêmicas para análise e interpretação da cultura material evidenciada nas escavações.

Desta forma, para concluir a apresentação de nossa problemática de pesquisa, podemos dizer que gostaríamos de nos alinhar com uma corrente recente de pesquisas que predica um retorno aos dados. Todo o esforço crítico que realizamos dos modelos hipotético-dedutivos que regeram as produções interpretativas da primeira geração de arqueólogos a trabalhar com os materiais provenientes dos sítios arqueológicos da região sudoeste do Rio Grande do Sul e noroeste do Uruguai, se dá em função do esforço de escaparmos do fatalismo em reafirmar, ao fim da pesquisa, concepções sobre a pré-história que já julgávamos possuir de antemão, assim esperamos retornar ao empírico, aos dados, de modo que possamos criar as condições para dissolver essas concepções pré-fabricadas.

2 TEORIA E METODOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DA MATERIALIDADE LÍTICA

2.1 A escolha pelo estudo tecnológico

Primeiramente apontamos que como ferramenta teórico-metodológica foi aplicada nesta pesquisa os estudos tecnológicos, pois acreditamos que através da mesma encontramos uma gama maior para explorar não somente as diferentes fases de uma cadeia operatória de produção dos instrumentos líticos, como proposto por Leroi-Gourhan (1964), mas também os aspectos tecnofuncionais e de funcionamento do objeto, como argumenta Boëda (1997), e os aspectos cognitivos daqueles que idealizaram, produziram e utilizaram os objetos (INGOLD, 1993; BOEDA, 1997; LEMONIER, 2002 apud VIANA, 2011, p.269).

Mas como estamos nos utilizando das ferramentas metodológicas para compreensão da cultura material, precisamos iniciar o capítulo explanando de uma forma mais ampla sobre a mesma, pois apesar de sabermos que a Arqueologia é o estudo da cultura material, por outro, os estudos de cultura material transcendem a prática arqueológica (LIMA, 2011).

Como aponta Lima (2011), os estudos da cultura material foram negligenciado pelas ciências sociais no pós-guerra, pelo menos até a década de 1980, sendo ultrapassado por teorias renovadoras do pensamento social. Lima (2011), ainda descreve que estes estudos contemplavam mais os aspectos imateriais dos sistemas socioculturais que a sua materialidade, mas na atualidade o conceito é apresentado nos periódicos transdisciplinares, que passaram a se dedicar abertamente a essa questão nas últimas décadas (LIMA, 2011).

Mas pensando no conceito e em seu surgimento, sabemos de acordo com Julian (2002) e Eiroa (2006), que na Europa, cientistas e eruditos começaram a dar atenção, para a cultura material lítica, como conhecemos hoje, sendo esta materialidade apresentada por pedras lascadas ou polidas, sobretudo a partir do século XVIII. Silva (2017), aponta que estes objetos passaram a ser reconhecidos como produtos da mão humana por estes intelectuais, devido à semelhança que apresentavam em relação a certos utensílios confeccionados por alguns nativos das

regiões onde os europeus estabeleceram suas colônias (SILVA, 2017).

Desta forma Funari e Carvalho (2009), dissertam que apesar da cultura material estar ligar-se a própria história humana, seu conceito nasce somente na segunda metade do século XIX, apresentando assim quase um séculos, de intervalo com os primeiros estudos da Pré-História, mas de fato se iniciando com o mesmo. O geólogo francês Boucher de Perthes, nas obras *Antiquités celtiques et antédiluviennes* (1847), e *De l'homme antédilluvien* (1860), foi um dos primeiros a empregar o conceito para a análise de objetos produzidos por indivíduos durante a Pré-História.

De acordo com Funari e Carvalho (2009), somente após o uso do termo por Boucher, o mesmo se difundiu, sendo institucionalizado somente em 1919. Os autores ainda destacam que no mesmo ano, 1919, foi criada na Rússia Soviética, Akademiia istorii material'noi Kul'tury (Academia da História da Cultura Material), destacando as expressões eruditas de origem estrangeira e referencial greco-romano – academia (grego), istoria (grego), materialnaia (latim), Kultura (latim) – a Academia tinha como objetivo investigar o passado de uma nação reconfigurada (ROMANO; GIL, 2004 apud FUNARI; CARVALHO, 2009)

Destacamos neste primeiro momento como aponta Silva (2017), já uma percepção etnográfica por parte destes eruditos, focada em analogias diretas e funcionais, sendo essa visão anterior à ideia pré-história ou da existência de um "homem antediluviano" (JULIAN, 2002). Desde então começou a levantar-se a hipótese de que fosse possível que em algum momento do passado as populações que habitaram o que hoje é o continente europeu tivessem um modo de vida análogo aos então chamados "selvagens" (SILVA, 2017).

Mas destacamos que antes de apresentar o pensamento de André Leroi-Gourhan e a introdução de uma abordagem etnológica para a Pré-história, baseado nos estudos de Silva (2017), devemos voltar ao conceito de cultura material e compreender que todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos (Gonçalves, 2007).

Como disserta Gonçalves (2007), ao sermos expostos cotidianamente a uma extensa e diversificada teia de objetos, a sua relevância social e simbólica, assim a repercussão subjetiva destes objetos em cada um de nós, termina por passar

desapercebida em razão da proximidade, do aspecto familiar e do caráter de obviedade que os mesmos assumem. Desta forma, temos uma grande tendência para o esquecimento da existência e da eficácia dos sistemas de classificação, a respeito da percepção destes objetos, e como aponta Gonçalves (2007) podemos compreender esta ideia a partir do exemplo de uma suposta limitação no perceber destes objetos, segundo uma “razão prática” (Sahlins 1976), da qual os objetos existiriam em função de uma utilidade, sendo manipulados por “indivíduos”, de acordo com suas necessidades e interesses supostamente universais (Dumont 1985; Sahlins 2004 [1996] apud Gonçalves (2007), assim como através de um perspectiva a que (Geertz 1989: 25-40) chamou de “concepção estratigráfica” da cultura (Gonçalves, 2007).

Gonçalves (2007), aponta que esta concepção estratigrafia da cultura pressupõe uma naturalização das modernas categorias ocidentais de “sujeito” e “objeto”, cuja problematização parece ser a condição mesma para uma reflexão antropológica, o autor ainda indaga que a literatura antropológica e etnográfica tem nos ensinado há mais de um século que precisamente esses sistemas de categorias culturais, fazem a mediação e, mais que isso, organizam e constituem esses dois termos polares, e que sem esses sistemas de categorias, sem sistemas de classificação, os objetos materiais (assim como seus usuários) não ganham existência significativa (Durkheim & Mauss 2001 [1903]; Mauss 2003; Boas 1966 [1911]; Whorf 1984 [1956]; Sapir 1985 [1934]; Lévi-Strauss 1962; Douglas 1975; Sahlins 2004 [1976]; Geertz 1973 apud Gonçalves (2007).

A Arqueologia, por ser uma disciplina com seus primórdios associados ao período Iluminista da Europa setecentista, só foi concretizada em meados do século XIX, sob influência do evolucionismo de Charles Darwin e dos avanços alcançados por Charles Lyell, na Geologia (LIMA, 2011). Com a crescente coleta de diferentes materiais, e posteriormente sua observação em laboratórios e em lugares de pesquisa, houve a necessidade de classificá-los, surgindo daí a criação das primeiras convenções terminológicas para descrever e ordenar a cultura material em categorias inteligíveis (LIMA, 2011).

A Arqueologia adentra desta forma o século XX, tendo a classificação de materiais arqueológicos e o desenvolvimento de tipologias como um fim em si, e desta forma apresentando uma ordenação dos artefatos em tipos – ou seja, em modelos

socialmente aprovados, adotados e intensamente reproduzidos (Childe, 1962, p.35) – levando desta forma a um reconhecimento de culturas arqueológicas, através da existência de traços comuns em determinado tempo e espaço, mas como apontamos no capítulo anterior a utilização destas categorias de pensamento a cultura material acabou sendo ordenada em etapas fundadas por avanços tecnológicos, fornecendo as evidências necessárias para a sustentação de grandes esquemas de desenvolvimento progressivo (LIMA, 2011).

Mas de certa forma a visão progressiva da cultura material não é totalmente aderida, há também diversos questionamentos sobre a eficácia deste modelo de classificação tipológicas, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Lima (2011), nos elucida que por exemplo na Inglaterra, Gordon Childe já argumentava que não bastava descrever e classificar objetos, mas também deveríamos averiguar onde eles foram feitos, quem os fez, como e por que, sendo que assim as tipologias, deveriam ser construídas com o propósito de estabelecer cronologias. Já nos Estados Unidos, então sob a influência do particularismo histórico, elas passaram a ser vistas como construções reconhecidamente arbitrárias, válidas apenas como um meio para a mensuração do tempo, e não como um fim último (Lyman et al., 1997, p. 86-120 apud Lima, 2011).

Desta forma Lyman (1997), aponta a ideia de que os princípios analíticos subjacentes a vários métodos e técnicas surgidos na disciplina por volta da década de 1930, e que constituem até hoje os procedimentos mais fundamentais e imprescindíveis da Arqueologia, geraram seu primeiro paradigma formal, o histórico-culturalismo (Lyman et al., 1997, p. v apud Lima, 2011), e desta forma, de acordo com esta visão a homogeneidade na cultura material se tornou a assinatura de um grupo étnico no registro arqueológico, enquanto variações se tornaram marcadores de diferenciação (Lima, 2011).

E realizando este levantamento, o arqueólogo Trigger (1994), conclui e apresenta a ideia de que os traços complexos regularmente associados, que passam a compor culturas arqueológicas, foram interpretados como o modo de vida de povos particulares, tendo de acordo com o mesmo sido a difusão e a migração entendidas como os principais agentes de mudança, responsáveis exclusivamente pelo acréscimo ou apagamento desses traços culturais, deixando claro assim que para o histórico-culturalismo, as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam (LIMA.

2011).

Chegando a uma conclusão geral, de acordo com as ideias de LIMA (2011), a respeito da cultura material, entendemos que a mesma foi entendida como um reflexo passivo da cultura, sendo esta conceituada como um conjunto de “normas, valores, ideias, prescrições e regras formais” partilhado por um determinado grupo de indivíduos, e sendo os artefatos inertes, os mesmos, poderiam portar significados que lhes seriam inerentes, cabendo ao investigador tão somente a tarefa de retirar deles a poeira do tempo para que esses significados aparecessem e o passado pudesse ser ‘reconstruído’ (LIMA, 2011).

A perspectiva, mais de um século e meio presente e central na Arqueologia, houve diversas formas de interpretação do mesmo, dentro das práticas arqueológicas. De natureza essencialmente indutiva, o histórico-culturalismo, herdeiros do nacionalismo do século XIX, a cultura é entendida como os vestígios daquilo que os homens constroem como menciona Funari e Carvalho (2009), sendo estes vestígios tomados como provas concretas que podem elucidar o funcionamento de diversas culturas (FUNARI; CARVALHO, 2009). Ainda no viés do histórico-culturalismo, o mesmo estabeleceu como padrão de qualidade o recolhimento acurado do maior número possível de evidências materiais em campo, entendendo que, quanto mais elementos reunidos, melhores as possibilidades de interpretação do modo de vida de um grupo em estudo (LIMA, 2011).

De acordo com FUNARI (2003), o histórico-culturalismo continua a ser fortemente empregado na Arqueologia o que corrobora a afirmação de uma continuidade nesta forma de pensar a cultura material e o sítio arqueológico e como aponta Najjar (2005) e como foi apontado no primeiro capítulo, a respeito do trabalho efetuado pelos primeiros arqueólogos nas regiões de influência do nosso objeto de pesquisa, até a década de 1960 a histórico-culturalista foi a perspectiva teórica reinante nos trabalhos arqueológicos, voltados exclusivamente a exaustivas descrições de sítios e materiais arqueológicos.

Resumidamente e como aponta Funari (2003), o modelo histórico-cultural [...] parte do pressuposto de que as pessoas compartilham, de forma homogênea, os traços culturais e que as tradições passam de geração em geração. Todos os indivíduos de determinado grupo compartilham as mesmas ideias e a mesma cultura material. [...].

De acordo com Gheno e Machado (2013), o modelo histórico-culturalista, ainda que tenha sofrido muitas críticas por seus equívocos (generalizações descoladas da realidade), continua a ser o mais utilizado em arqueologia, em suas múltiplas variantes e formas. Apesar das constantes críticas ao histórico-culturalismo, devido à precariedade das análises empregadas em tal modelo, Gheno e Machado (2013), apontam que o modelo deve ser situado como parte de um processo dialético e de amadurecimento da Ciência Arqueológica.

Mas obviamente não desmerecendo o trabalho dos primeiros arqueólogos e a própria perspectiva dissertada no momento, apesar das críticas que foram realizadas no primeiro capítulo, como aponta Gheno e Machado (2013), devemos reconhecer o histórico-culturalismo como importante etapa da construção do pensamento arqueológico, e mesmo estando vinculado a preceitos nacionalistas de unidade cultural, o histórico-culturalismo resultou em um significativo aperfeiçoamento de métodos arqueológicos, como a seriação, estratigrafia, classificação e aumento da compreensão do modo como se vivia no passado (TRIGGER, 2004).

Ainda sobre as diversas interpretações na arqueologia, dentro de uma linha evolutiva da mesma, apontada como Histórico Culturalismo, Processualismo e Pós-Processualismo, Ramos (2016), ressalta que o discurso oficial entende, ainda, que entre o Processualismo e o Pós-Processualismo existiriam variedades de abordagens teóricas, tais como a Arqueologia Comportamental, a Arqueologia Cognitiva, a Arqueologia Social, etc. (TRIGGER, 2004), mas ainda não fazendo parte dessa vigorosa e coerente narrativa de construção disciplinar da arqueologia brasileira estaria outra arqueologia – entendida como tributária de uma matriz teórico-metodológica diversa –, que o discurso oficial reconheceu como Escola Francesa (REIS, 2003 apus Ramos, 2016).

Adentrando a Escola Francesa, abordagem teórica utilizada nesta pesquisa para interpretação da coleção, devemos fazer um histórico das ideias apontadas pela mesma, se utilizando de autores como Marcel Mauss e André Leroi Gourhan, que foram os expoentes dos pensamentos presentes na conhecida “Escola Francesa”.

Pensamos assim, em abordar primeiramente o pensamento etnológico francês, nos estudos da Pré-História e posteriormente uma revisão dos estudos líticos dentro da “Escola Francesa”.

2.2 Leroi-Gourhan, sua ideia de tecnologia, e a tecnologia por outros pesquisadores da pré-história

Um dos autores a estudar o objeto técnico foi André Leroi-Gourhan (1911-1986), etnólogo e pré-historiador francês considerado renovador dos estudos de pré-história e possuidor de um pensamento extremamente original, marcado por sua multidisciplinaridade (Silva, 2014).

Como citado acima, Leroi-Gourhan se utilizava muito da multidisciplinaridade, sempre abrangendo outras disciplinas e pegando emprestados conceitos da filosofia, antropologia social, paleontologia, pré-história, tecnologia e biologia, buscando uma abordagem global para a diversidade da humanidade, e assim visando compreender o fenômeno humano em sua totalidade (Silva, 2014).

Gallay (1987), aponta que na obra *La Civilisation du Renne* (1936), Gourhan já apresentava uma ideia referente a unidade entre a Pré-história e a Etnologia, sendo que nos campos da Arqueologia e da Pré-história, as abordagens eram fortemente influenciadas por autores tradicionais como Raymond Vaufray e Henri V. Vallois, cujas abordagens pouco contribuíram para a renovação da disciplina (SILVA, 2017). Foi neste momento que as Ciências Sociais estavam em expansão em torno do *L'Anné Sociologique* e que historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch impulsionavam sua disciplina com as publicações do *Les Annales*, os pré-historiadores mantinham-se a margem desse processo de mudança (SILVA, 2017).

Como disserta Silva, (2017), a questão da tecnologia na obra de André Leroi-Gourhan, não é restrita ao conceito de “cadeira operatória” (*chaîne opératoire*), introduzido pelo autor no livro “*Le geste et la parole*” [1964], e que será trabalhada no item seguinte dessa dissertação, pois como afirma Silva (2017), a corrente desenvolvida por Leroi-Gourhan é antes de tudo de cunho etnológico, e desta forma, o grande acerto de Gourhan, foi estudar os testemunhos materiais e as técnicas como um elemento constituinte do homem enquanto ser social e zoológico (SILVA, 2017).

Silva (2017), ainda destaca que para Leroi-Gourhan (1948), a tecnologia não poderia ser vista como um complemento menor a estudo da humanidade, tal como uma coleção de curiosidades classificadas, para ele, do mesmo modo que não seria possível conceber a História sem a crítica dos textos, a Etnologia não poderia se desenvolver plenamente deixando de lado a crítica dos testemunhos materiais

(SILVA, 2017).

Em termos gerais, Leroi-Gourhan buscava produzir uma “biologia das técnicas”, através do estudo da origem e do desenvolvimento das técnicas, e desta forma a exteriorização técnica do corpo, isto é, a fabricação de objetos e de ferramentas.

De acordo com Jobim (2005), Gourhan, tinha um ponto vista dinâmico, para o estudo do comportamento humano, independente do meio natural e das necessidades do homem, e desta forma, os objetos não são mais considerados neles mesmos, mas como resultante de certos movimentos, e os instrumentos como transformadores de instrumentos (JOBIM, 2005). O interesse de Gourhan neste momento de acordo com Jobim (2005), visa mostrar as relações das técnicas tradicionais com o as ‘técnicas do corpo’ de Mauss, tendo sido apontado em 1936, no tomo VII da Enciclopédia Francesa, em um capítulo intitulado “L’homme et la nature” (Haudricourt, 1987: 76).

Assim, para Leroi-Gourhan, como podemos ver em Schlanger (1994), o instrumento era considerado literalmente como uma “secreção” ou um “exteriorização” do corpo e do cérebro, sendo lógico, portanto, aplicar a tal órgão artificial as normas dos órgãos naturais: ele deve responder à normas constantes, à um verdadeiro estereótipo.

Estudando as origens e o desenvolvimento das técnicas, Leroi-Gourhan visava produzir uma ‘biologia das técnicas’, abordando-as como se elas estivessem vivas e envolvessem seres vivos e de acordo com as obras de Leroi-Gourhan, o comportamento técnico do homem, se manifestaria em três níveis que seriam o nível específico, o nível sócio-étnico e o nível individual (Leroi-Gourhan, 1965/1987).

Como assinala Fogaça (2003), posteriormente, a abordagem da atividade técnica como fenômeno pluridimensional será enriquecida pela perspectiva evolucionista de Leroi-Gourhan. Em *O Gesto e a Palavra*, a tecnicidade humana é definida como: [...] simultaneamente gesto e utensílio, organizados em cadeia por uma verdadeira sintaxe que dá às séries operatórias a sua fixidez e subtileza (LEROI-GOURHAN, 1964, p.117). A ideia de sintaxes regendo os fenômenos técnicos será explorada intensamente por Leroi-Gourhan (1964), imbricada aos conceitos de instinto e liberdade. O autor caracteriza o fenômeno evolutivo propriamente humano como a interseção entre técnica e linguagem (LEROI-GOURHAN 1964, p.18-20); em última instância, os dois pólos de toda a cultura humana.

Ao nível específico, a inteligência técnica do homem está ligada ao grau de

evolução do seu sistema nervoso e há determinação genética das aptidões individuais. Ao nível sócio-étnico, a inteligência humana comporta-se de maneira particular, única, uma vez que forja, fora dos indivíduos e fora dos laços específicos, um organismo colectivo com propriedades evolutivas vertiginosamente rápidas. Ao nível individual, a espécie humana oferece um carácter igualmente único, uma vez que, o seu apetrechamento cerebral dando-lhe a possibilidade de confrontar situações traduzidas em símbolos, o indivíduo está em condições de se libertar simbolicamente dos vínculos tanto genéticos como sócio-étnicos. (Leroi-Gourhan 1965, p.21-22).

Segundo Schlanger (1996), para Leroi-Gourhan o instrumento era percebido como uma “secreção” ou uma exteriorização do corpo e do cérebro (Jobim, 2005, p.55).

De acordo com Jean Pierre Warnier (2003), os objetos técnicos podem, por conseguinte, ser considerados próteses ou exteriorizações do esqueleto humano, em particular dos seus órgãos de relação. Enquanto utensílios destinam-se a prolongar, a tornar mais preciso e a ajustar o esquema comportamental da mão e do braço. Enquanto instrumentos destinam-se a tornar mais perspicaz a percepção sensorial.

Uma prótese, conforme a acepção médica do termo, é um aparelho – dentadura ou perna mecânica – que vem substituir um órgão incapaz ou ausente. No caso do esquema corporal (ou “síntese” ou “condutas motoras”), não há ausência nem incapacidade, mas sim a falta essencial da cultura material, a incompletude constitutiva do sujeito humano forjado por quatro milhões de anos de um processo de hominização mediado pela relação dinâmica com a matéria, com o próprio corpo e aqueles de seus congêneres. O objeto pode ser assim uma prótese de condutas motoras em todas as circunstâncias nas quais, através de um sistema de controles dinâmicos, o sujeito “forma corpo” com o objeto (WARNIER, 2003, p. 5).

Conforme Sibeli Viana (2005) pode-se dizer a respeito da evolução técnica para Leroi-Gourhan que:

A evolução técnica, para Leroi-Gourhan, segue em direção a uma maior eficácia, no entanto, não necessariamente em direção linear ou contínua, podendo, por exemplo, ser interrompida ou retrocedida. Nesse sentido, ela nem sempre atinge o que se denomina “funcionalmente melhor”. Disso irá depender a influência dos meios interno e externo pertencentes a cada grupo

em particular, que influencia no processo tecnológico, mas sem modificar a essência funcional do objeto – a denominada tendência parcial da evolução (LEROI-GOURHAN, apud BOËDA, 2004 apud VIANA).

Desta forma, como explica Viana o meio interior seria o meio tecnosocial, cujo objeto faz parte e, desta forma, um sistema no qual estão inseridos os conhecimentos técnicos de certo grupo, e o meio exterior se caracteriza por se estender em uma área mais ampla, na qual inclui as várias sociedades.

Outro autor que realizou um amplo trabalho sobre objetos técnicos foi Gilbert Simondon, que ao falar de objetos técnicos modernos em suas pesquisas, ressalta a importância da gênese desses objetos, explorada simultaneamente por sua dimensão funcional e estrutural.

A respeito da compreensão da individualidade e especificidade do objeto técnico, como cita Hoetzl (2005):

Todo objeto apresenta a sua individualidade e a sua especificidade (SIMONDON, 1958 apud BOËDA, 1997: 16). A individualidade, porque, correspondendo a um estado técnico e envolvido por outros estados, é possível definir o objeto pelo lugar que ele ocupa dentro de um processo técnico de transformação. Ele não pode ser substituído, pois traz uma coerência interna dentro da relação que o liga aos outros objetos, isto é, por seus estados de transformação anterior e pelos objetos que ele vai transformar. E a especificidade decorre do fato de que cada objeto constitui um estado técnico estável e existe somente pelo objetivo que lhe é atribuído; isto é, um objeto técnico somente tem razão de existir porque deve responder a um objetivo (Hoetzl, 2005).

Ainda descreve Hoetzl (2005), para reconstruir, portanto, um objeto técnico, devemos, na análise do estágio de lascamento, buscar a compreensão desta individualidade e especificidade. No caso da produção de um dado instrumento, o artesão, após a obtenção do suporte, efetua retiradas numa ordem cronológica a partir das quais organiza superfícies a fim de impor ao objeto uma determinada estrutura; e, neste processo, ele cria superfícies adequadas para compor unidades ativas e/ou passivas. É necessário, como justifica Hoetzl (2005), compreender que se poderá ler e interpretar as intenções de cada artesão individualmente. Neste sentido, na leitura de um dado instrumento, partimos da afirmação de que um instrumento decompõe-se

em três partes distintas, segundo Lepot (1993 apud Boëda, 1997):

- a. uma parte receptiva de energia que coloca o instrumento em funcionamento;
- b. uma parte preensiva que permite o instrumento funcionar, podendo, em certos casos se sobrepor à primeira;
- c. uma parte transformativa.

Segundo Boëda (op cit: 34 apud SIRLEI, 2005 p.), cada uma destas partes é constituída de uma ou várias Unidades Tecno-Funcionais (UTFs); sendo que uma UTF define-se como um conjunto de elementos e/ou caracteres técnicos que coexistem em uma sinergia de efeitos. E como explica Hoetlz (2005), uma parte distal ou proximal, uma borda, um talão, são alguns dos elementos considerados; e, um ângulo, um plano de seção, uma superfície, um gume, etc, constituem alguns dos caracteres técnicos que definem uma UTF. “A análise das Unidades Tecno-Funcionais de um instrumento pode nos revelar uma complexidade insuspeita a olho nu. É por isso que pensamos que na ausência de um tal estudo, a realidade do instrumento continua impermeável” (BOËDA, op cit.: 110 apud HOETLZ, 2005).

De acordo com Leroi-Gourhan, há duas modalidades de cadeias operatórias, as cadeias operatórias maquinais e as periódicas ou excepcionais.

A respeito das cadeias operatórias maquinais, Leroi-Gourhan descreve como sendo a base do comportamento individual, representando no homem o elemento essencial da sobrevivência. As práticas elementares dentro desta cadeia operatória, de acordo com Leroi-Gourhan (1964), constituem os programas vitais do indivíduo, e estes programas, cuja base é imutável, organizam-se em cadeias de gestos estereotipados, cuja repetição assegura o equilíbrio normal do sujeito no meio social e o seu próprio conforto psíquico no seio do grupo.

Já sobre as cadeias operatórias periódicas ou excepcionais, Gourhan (1964), expõe que as cadeias periódicas ultrapassam a fixação maquinal, constituindo um dos aspectos em que a separação entre a sociedade humana e o todo o resto do mundo zoológico surge como mais radical. Nas sociedades animais existem operações que se desenrolaram sazonalmente ou uma única vez em toda a vida dos sujeitos desencadeados pelo ritmo das estações e pela maturação fisiológica e no homem

parte importante da sua atividade perante às operações periódicas também se prende com o ciclo sazonal e a maturação fisiológica: a mesma operação coletiva e diversamente vivida conforme a idade e a experiência do sujeito, mas o seu desenvolvimento é de caráter tradicional e não genético, e o seu conteúdo tem por suporte um corpo de formulas verbais que fazem parte do capital étnico (LEROI-GOURHAN, 1964, p. 29-30).

Segundo Fogaça (2011), as cadeias operatórias maquinais são essenciais para a compreensão do ato de lascar a pedra, por exemplo. O autor complementa que como toda a atividade técnica artesanal baseada no encontro do gesto e do utensílio, o lascamento fundamenta-se na aplicação de cadeias operatórias maquinais que, no entanto e justamente pelo seu caráter artesanal, mantem a consciência crítica sempre em atividade, julgando cada etapa cumprida e a realizar (Fogaça, 2011, p.108).

Como argumenta Hoeltz (2005), é necessário conhecer os conceitos empregados por Boëda (1997, p. 29-37), entre outros autores, para explicar a leitura da gênese de um instrumento. E entre estes conceitos dois são de fundamental importância, pois, segundo o autor, representam o primeiro nível de variabilidade de uma indústria lítica. Trata-se da debitagem e façonnage, e ambos correspondem a uma concepção particular do tratamento da matéria-prima para a obtenção de instrumentos ou suportes de instrumentos. Além destes, fizemos referência a termos mais gerais como estrutura, técnica e método, e alguns termos mais específicos, como objetos técnicos, para demonstrar a complexidade que pode alcançar a descrição dos processos operatórios (Hoeltz, 2005, p. 118).

Para Boëda (1997), debitagem e façonnage fazem parte de duas grandes famílias estruturais que correspondem a uma concepção particular do tratamento da matéria-prima, resultando na obtenção do suporte dos instrumentos ou dos próprios instrumentos.

De acordo com Boëda, existe debitagem quando, no lascamento de um bloco natural, o que interessa para o artesão são as lascas produzidas e não o bloco resultante do lascamento (núcleo), pois a produção do instrumento desejado segue a partir das lascas (suportes) e não do núcleo, ficando este rejeitado;

E, a respeito da façonnage, a mesma acontece no lascamento de um bloco natural, ao contrário da debitagem, o que interessa para o artesão é o bloco resultante do lascamento e não as lascas produzidas, pois a produção do instrumento desejado

parte, desde o início do lascamento, do bloco natural selecionado (o suporte) e não das lascas, que nesta operação restam rejeitadas.

É necessário ressaltar que a coleção lítica do sítio arqueológico Castração é totalmente estruturada pelo processo de debitagem, não havendo nenhuma peça resultante de um processo de façonnage.

2.3 Cadeias operatórias e Gestualidade

O estudo das cadeias operatórias teve como percussor os trabalhos de Marcel Mauss, pesquisador trabalhado em um dos itens anteriores, como sabemos no livro *Manuel d'ethnographie*, publicado em 1947, o conceito de cadeia operatória começou a ser construído num contexto de observação etnográfica para a descrição e a documentação de técnicas tradicionais (Fogaça, 2001).

Segundo Fogaça (2001), os antropólogos europeus (BALFET, 1991; DESROSIERS, 1991; DOBRES, 1991) são unânimes em reconhecer o trabalho de Mauss como percussor na abordagem de tecnicidade tradicional como processo, como encadeamento de etapas de transformação da matéria.

[...] Todo o objecto deve ser estudado: 1° em si mesmo; 2° em relação às pessoas que se servem dele; 3° em relação à totalidade do sistema observado. O modo de fabricação dará lugar a um inquérito aprofundado: o material é local ou não? Certas calcites foram transportadas ao longo de distâncias consideráveis; a procura de jazigos de sílex é característica de toda a era paleolítica e neolítica; várias tribos australianas vão procurar o ocre a seiscentos quilômetros de distância. [...] Por vezes, ainda, a ferramenta é emprestada já fabricada. Estudo dos diferentes momentos de fabricação desde o material bruto até o objecto acabado. Estudar-se-á, em seguida, da mesma maneira, o modo de emprego e a produção de cada ferramenta. (Mauss, 1993: 47).

Mas como aponta Silva (2017), o primeiro a utilizar termos como "Chaîne de fabrication" ou "d'opérations" será Marcel Maget ainda na década de 1950, este pesquisador insistiria na necessidade de decompor as atividades técnicas em "cenas", como em um filme, até encontrar o "gesto elementar", ou o "átomo da ação técnica"

(DESROSIERS apud, MAGET, 1991 apud SILVA, 2017).

Marcel Mauss foi professor de História das Religiões dos Povos não Civilizados na École Pratique des Hautes Études, colaborando na fundação do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, em 1925, e sendo eleito, em 1930, para a cadeira de Sociologia do prestigioso Collège de France, é descrito que além das atividades acadêmicas e editoriais, Mauss nunca abandonou a militância no partido de Jaurès, de quem foi amigo e colaborador.

Como aponta Silva (2017), Mauss influenciou decisivamente os rumos da Etnologia de seu país, Laburthe-Tolra & Warnier (2010), apontam que Mauss mesmo tendo sido um dos responsáveis pela formação da primeira leva de etnólogos franceses profissionais, sempre se considerou um sociólogo, uma vez que no meio científico de sua época o vocábulo etnia era frequentemente tomado como sinônimo de raça (SILVA, 2017). De acordo com Lévi-Strauss (1950) e apontado por Silva (2017), o pensamento de Mauss é dotado de modernidade e originalidade, tendo sua obra estabelecido o plano de trabalho da Etnologia francesa dos anos seguintes, de modo que muitos pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas devem-lhe o crédito. Ainda de acordo com François Laplantine (2000) sua influência na Etnologia francesa seria comparável ao papel que Franz Boas ocuparia na Antropologia norte-americana (SILVA, 2017).

Dentre as obras clássicas de Mauss, ele é especialmente reconhecido por seus trabalhos clássicos como: “Esboço de uma teoria geral da magia” [MAUSS & HUBERT, 1904], “Ensaio sobre a dádiva” [1925] “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de Eu” [1938], mas como aponta Silva, (2017), foram trabalhos como: “As técnicas do corpo” [1934], “Les techniques et la technologie” [1949], ou o do “Capítulo 4” do “Manuel d’Ethnographie” [1947] que acabaram por exercer uma influência mais decisiva no modo como os pré-historiadores iriam vir a dirigir seu olhar aos testemunhos materiais (SILVA, 2017).

Mauss em seu livro Ensaio sobre a Dádiva (1925), de acordo com Lévi-Strauss (1950) apud Silva (2017), aponta a seguinte ideia a respeito do corpo, e de técnicas apreendidas:

Tal como afirma Lévi-Strauss [1950] nessa obra, Mauss será um dos primeiros a chamar a atenção para o fato que o corpo é o primeiro instrumento universal colocado a disposição do homem, onde cada conduta, cada técnica

aprendida tradicionalmente está fundamentada sobre uma série de sinergias musculares e nervosas, as quais refletem todo o contexto de um sistema social, de maneira que o corpo é um produto das técnicas e das representações de uma determinada sociedade. Ainda segundo o autor, foi Mauss o responsável por evidenciar que os gestos, aparentemente insignificantes, transmitidos ao longo das gerações, e protegidos por sua própria insignificância, seriam melhores testemunhos da relação entre o passado e o presente, que muitos monumentos ou sítios arqueológicos. Assim, como afirma Lévi-Strauss [1950], essa abordagem seria um exemplo de uma “Arqueologia dos hábitos corporais”, uma evidente solidariedade do passado no presente materializada nos mais “humildes” costumes cotidianos.

Silva (2017), disserta que mesmo não tendo sido o primeiro a utilizar o termo “Chaîne de fabrication” ou “d'opérations”, Leroi-Gourhan (1964), foi o principal responsável pela popularização desse conceito, e sobretudo seu emprego enquanto ferramenta de análise aos testemunhos materiais pré-históricos, mas como enfatiza Silva (2017), a cadeia operatória não pode ser tomada enquanto um fim em si mesma, mas como um meio para atingir o nível conceitual a partir de um fragmentado substrato material, em outras palavras, uma maneira que busca compreender elementos da mentalidade social dos povos pretéritos expressos na materialidade (SILVA, 2017).

2.4 A Escola Francesa e o estudo da Pré-História

De acordo com Reis (2010), em sua obra *Não Pensa Muito que Dói*, o mesmo afirma que não existiria uma “escola francesa de Arqueologia” devido à grande variabilidade de abordagens teóricas e metodológicas seguidas pelos autores, e de acordo com o discurso oficial, a compreensão, de que entre o Processualismo e o Pós-Processualismo existiriam variedades de abordagens teóricas, tais como a Arqueologia Comportamental, a Arqueologia Cognitiva, a Arqueologia Social, etc. (TRIGGER, 2004). E como aponta Ramos (2016), não fez parte dessa vigorosa e coerente narrativa de construção disciplinar da arqueologia brasileira, outra arqueologia – entendida como tributária de uma matriz teórico-metodológica diversa –, que o discurso oficial reconheceu como —Escola Francesa (REIS, 2003). Silva (2017), disserta que não parece existir uma proposta teórica francesa para a arqueologia em sua totalidade, entretanto parece existir na verdade uma escola

“francesa de pré-história” - se assim pode-se chamar.

De acordo com Audouze (2002), na França, mesmo que ambos profissionais trabalhem com testemunhos materiais, o arqueólogo e o pré-historiador transitariam por caminhos diferentes durante sua formação. Enquanto o primeiro recebe uma formação mais vinculada à história clássica, medieval e artes, o pré-historiador, por não ter acesso a fontes escritas acabava tendo que se dialogar invariavelmente com a etnologia, com campos pertencentes às Ciências Naturais, como a Geomorfologia, Geologia e Biologia Evolutiva (AUDOUZE apud SILVA, 2017).

E assim de acordo com Silva (2017), pode-se perceber que os autores pertencentes a “escola francesa de Pré-História” possuíam princípios teóricos e objetivos bastante variados, o que revela um perfil multifacetado dessa escola, e que apesar da grande variabilidade de abordagens, é sempre necessário entendê-las dentro do contexto das ciências Humanas e Sociais da época, apontando assim as escolhas por tendências estruturalistas, uma inclinação para o universalismo humano, uma perspectiva histórica de longa duração, e uma inclinação para explicações focadas no social, minimizando sempre que possível as influências externas à sociedade (SILVA, 2017).

2.5 Um pouco sobre Memória(s) (viva, parcelar, esquecida)

Como aponta Ramos (2016), devemos compreender de acordo com os trabalhos de Boeda, que o estudo da arqueologia se faz sobre uma cultura material que possua laços, em termos de tecnicidade, com nossa memória vivente ou parcelar. Por sua vez, o estudo da Pré-História se faz sobre uma cultura material totalmente fora dos contornos de nossa memória técnica vivente, ou seja, nos domínios da memória esquecida (*mémoire oubliée*).

O conceito de memória utilizado por Eric Boeda foi desenvolvido a partir das filosofias de Henri Bergson (2008) e de Bernard Stiegler (1998a, 1998b) e entende de acordo com Ramos (2016), que podemos nos interrogar acerca do passado – no marco da antropologia das técnicas – em três níveis distintos: a) a memória viva, b) a memória parcelar e c) a memória esquecida. Nos primeiros dois níveis, os objetos são percebidos em seu presente e em sua temporalidade; já no nível da memória esquecida, eles o são unicamente em função de seu presente exterior (BOEDA, 2013, p. 221). De acordo com Ramos (2016), será no campo da memória esquecida, isto é,

quando observamos um objeto a partir unicamente de seu presente exterior – sua morfologia –, sem os aportes de uma memória viva ou parcelar que nos guie na proposição de categorias que denotem funções (tal como —ponta de flecha), que encontraremos o campo de atuação da pré-história (BOËDA, 1997, 2005, 2013 apud Ramos, 2016).

Ramos (2016), aponta que foi exatamente para reaver aquilo que existe de vivo na memória esquecida do objeto que emergiu a proposta da análise Tecnofuncional. Mas, como é possível acessar a memória esquecida?

Ramos aponta que:

Essa pergunta nos remete diretamente para os fundamentos da abordagem. Combinando elementos filosóficos e teórico-metodológicos do pensamento de Simondon (1989), Deforge (1985), Leroi-Gourhan (1964), Stiegler (1998a), Henri Bergson (2008), Rabardel (1995) e outros, a abordagem Tecnofuncional entende que o estudo das consequências morfológicas na leitura das escolhas técnicas efetuadas durante a produção e confecção das ferramentas líticas revela os esquemas mentais que guiavam a calibração volumétrica que estava sendo buscada na peça. Essa calibração volumétrica, apreensível por meio da reincidência de certos produtos em uma coleção, informa-nos sobre as potenciais intenções funcionais dessas mesmas ferramentas. A decomposição e estudo de determinados componentes funcionais – as Unidades Tecnofuncionais (UTFs) – inerentes a toda e qualquer ferramenta lítica, somada à análise das cadeias operatórias de produção – os esquemas de debitagem e/ou fação e/ou seleção que estavam em curso na gênese producional –, nos instrumentaliza para a identificação de tecnotipologias inscritas em um dado momento técnico/cultural pretérito (RAMOS, 2016).

3 CARACTERIZAÇÃO FIOGRÁFICA DO SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL E DO NOROESTE DO URUGUAI E ANÁLISE DA CULTURA MATERIAL LÍTICA

3.1 Informações a respeito da área estudada

A área da qual os sítios arqueológicos encontram-se é denominada como região da Campanha e de acordo com o pesquisador Balduino Rambo (1994), esta área “Politicamente, abrange os municípios de Livramento, Uruguaiana, Quaraí, Alegrete, Rosário e São Gabriel”, bem como partes de outros oito municípios, que somam juntos 50.000 Km², considerando-os todos, ou somam-se 32.9994 Km², apenas os municípios mencionados.

Ainda de acordo com JUSTUS et al. (1986), “O termo Campanha é uma denominação utilizada no Rio Grande do Sul, que define uma região geográfica a sudoeste do Estado, caracterizada, de modo geral, por uma área relativamente plana e coberta por vegetação campestre”, e de acordo com AREND, (1990), a partir da obra Rio Grande do Sul Aspectos da Geografia, a morfoestrutura da região da Campanha é composta por alternâncias entre camadas de arenito e derrames basálticos decorrentes das condições paleoclimáticas que causaram o cozimento do arenito. Pressupõe-se que tenha ocorrido a formação de um grande deserto (paleodeserto) nesta região que recebeu o nome de “Botucatu”. Os dados encontrados em JUSTUS et al. (1986), nos dizem que a região geomorfológica da Campanha ocupa uma superfície de 30.395 km², mencionando que “As formas de relevo desta região geomorfológica foram esculpidas em rochas efusivas básicas da formação Serra Geral e secundariamente em arenitos da Formação Botucatu. Conforme AREND, (1990), “Na Campanha gaúcha, caracterizada por uma superfície de ondulações suaves, o basalto é muito pouco espesso, existindo pontos onde o arenito está aflorando, devido à ação intempérica e erosiva que ocorre no basalto superposto”.

Como aponta Gomes (2016), apesar de seu uso formal, a expressão contém no seu âmago cultural um signo inerente ao contexto histórico que é peculiar ao estado gaúcho e a concepção de “Campanha” carrega em si a herança belicosa da histórica demarcação das fronteiras no cenário dos emergentes estados nacionais

contemporâneos, particularmente ao caso do contexto platino do século XIX, sendo que assim, Campanha e Fronteira apresentam uma complementaridade ao sentido de espaço, tempo e localização geográfica e herança cultural histórica (Gomes, 2016).

Ainda sobre o conceito de Pampa, que é associado a região, Gomes (2016), aponta que:

No tocante a expressão “Pampa”, a mesma incorpora os elementos anteriormente citados. Sem contradição aos locais, a Pampa forma a roupagem da fronteira, o chão da Campanha. Adentra-se neste caso ao concerto dos biomas. Quanto aos aspectos de caráter ambiental, conforme AREND (op.cit.), o Rio Grande do Sul pode ser dividido em onze zonas fisiográficas, determinadas segundo atributos climáticos, topográficos e fitogeográficos. Neste sentido, a região da Campanha e/ou Fronteira sudoeste correspondente a uma destas zonas, caracterizada por paisagens campesinas de ondulações suaves, entremeada por matas ciliares e de galeria que margeiam rios, arroios e sangas. Esta descrição também pode corresponder a paisagem que se define por “Pampa”. Em DEMANGEOT (2000:364), encontra-se a seguinte definição: “São igualmente pradarias: Pampa significa planície herbácea em língua araucane (dialeto chileno), [...], um terreno não arborizado, no sentido vago do termo”.

Gomes (2016), ainda aponta de forma precisa uma ideia que representa, como esta região de estudo, deve ser percebida:

A região que abordamos aqui é, portanto, geomorfológica, é ambiental, mas também cultural. Não é em nosso estudo cronológica, mas sim repleta de temporalidades. Ambiental por ser possível identificar um conjunto de paisagens com atributos próprios (fauna e flora). Cultural porque as etnias dos grupos humanos que aqui se estabeleceram em algum momento, moldaram-se aos locais transformando os mesmos em lugares. E assim surgiram novas identidades, mesclando traços de suas remotas origens das quais ainda hoje nos detemos em tentar conhecer um pouco melhor.

Infelizmente não tivemos tempo para trabalhar com a ideia de paisagem nesta pesquisa, mas pensamos que se em trabalhos futuros forem utilizadas mais formas de pensar a vivência destas populações, em conjunto com esta perspectiva, teremos mais dados para uma visão mais ampla deste passado tão remoto, pois a análise da interação entre os grupos pretéritos e paisagens vivenciadas configura-se como eixo

condutor da investigação em Pré-História (BICHO, 2006) desempenhando papel fundamental na análise das sociedades humanas e a reconstituição paleoambiental (Gomes, 2014).

3.2 Aspectos Geológicos, Geomorfológicos, Hidrográficos e Climáticos

A partir dos trabalhos de Villwock, Lahm e Naime (2004), compreendemos que a área de estudo é caracterizada geologicamente por rochas vulcânicas básicas enquadradas dentro da Bacia do Paraná, sendo esta uma grande bacia intracratônica que se desenvolveu em uma área de 1.700.000 km², resultando em um pacote litológico de 5000m, caracterizado por um empilhamento, da base para o topo, de rochas sedimentares e, por fim, de uma espessa sucessão de rochas vulcânicas de aproximadamente 1000m. (Villwock, Lahm e Naime, 2004).

Apontamos que dentro da Bacia do Paraná há a Formação Serra Geral que recobre uma área significativa do território gaúcho, pertencente ao grupo São Bento. Esta litologia foi gerada em um amplo intervalo de tempo geológico, estendendo-se do Mesozóico até o Cenozóico, mais especificamente, do Triássico - Jurássico até os dias (VILLWOCK, LAHM E NAIME, 2004).

Através de bibliografia especializada, sabemos que o município de Uruguaiana está assentado sobre um derrame basáltico, sendo a rocha vulcânica, porfirítica ou vítrea, constituída principalmente por plagioclásio e augita, sendo que o subsolo mais profundo é de uma rocha sedimentar (arenito-grés metamórfico) proveniente da consolidação da areia, chamado de arenito Botucatu.

De acordo com Roisenberg e Viero (2000), a Formação Serra Geral, é o registro do vulcanismo ocasionado pela ruptura do megacontinente de Gondwana, dando origem ao Oceano Atlântico Sul. A espessura média deste pacote vulcânico é de 800 m., podendo atingir até 1.500 m., e ocupa, na sua totalidade, 1.280.000 km², estando 1.200.000 km² destes na América do Sul, ocupando áreas do sul do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, sendo constituída por uma série de derrames de lavas básicas toleíticas, intercaladas com alguns derrames andesíticos e riodacíticos, especialmente em direção ao topo da seqüência. Existem registros de magmatismo subordinado de afinidade picrítica e de afinidade alcalina. De maneira geral, as rochas vulcânicas da

Formação Serra Geral recobrem os arenitos eólicos da Formação Botucatu, mas podem ser também encontrados em contato direto com rochas permo-triássicas da Bacia do Paraná e até mesmo com o embasamento cristalino, nas bordas da bacia (ROISENBERG e VIERO, 2000).

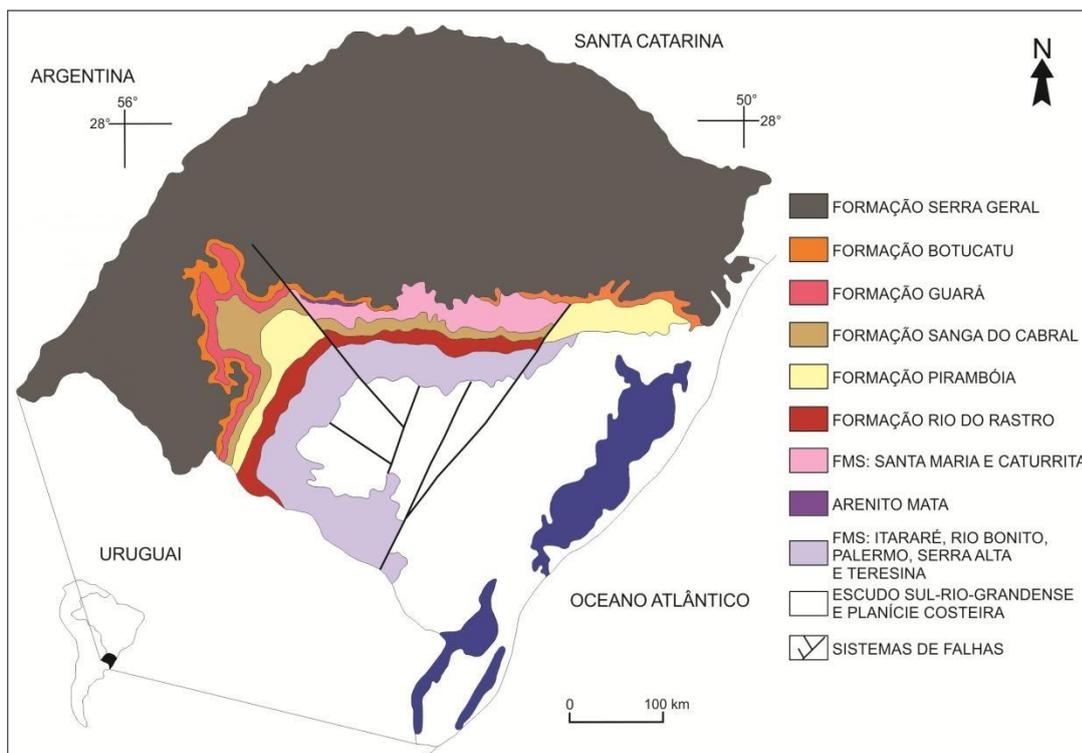


Figura 8 – Mapa do arcabouço estratigráfico do Pacote Mesozóico da Bacia do Paraná, segundo SCHERER et al. (2002).

Villwock, Lahm e Naime (2004), enfatizam que a Geomorfologia Uruguaiana, assim como a Campanha, apresentam a presença sempre constante das coxilhas onduladas e recobertas de campos limpos, e dentro deste contexto destacam-se as coxilhas de Santana, coxilhas estas que atravessam o município de oeste a leste, e a de Japeju, que se localiza abaixo da foz do Ibicuí, nas proximidades do rio Uruguai, na porção noroeste a sudeste. A região de Uruguaiana, localiza-se na porção mais avançada para oeste e para sul do domínio morfo-estrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, sendo a região geomorfológica Planalto da Campanha e unidade geomorfológica Planalto de Uruguaiana, representando uma superfície de aproximadamente 30.395 km², equivalendo a 12% do Estado do RS (VILLWOCK, LAHM E NAIME, 2004).

Villwock, Lahm e Naime, (2004), destacam que os limites ao Oeste desta unidade estão definidos pelos rios Uruguai e Quaraí, sendo o Leste limitado pela Depressão Central Gaúcha e o Norte faz contato com o Planalto das Missões, os pesquisadores apontam que os contatos com as regiões geomorfológicas situadas a leste e norte estão caracterizados por formas de relevo resultantes da dissecação do Planalto da Campanha, representadas, respectivamente, pela Coxilha da Cruz, a leste, e pela Coxilha do Espinilho, a norte e no contato leste, o Planalto da Campanha mostra um acentuado desnível de até 200m, marcado por um rebordo fortemente escarpado e residual denominado Coxilha da Cruz (VILLWOCK, LAHM E NAIME, 2004).

De acordo com Villwock, Lahm e Naime (2004), uma característica importante do Planalto da Campanha são os expressivos depósitos aluvionares holocênicos, marcados por terraços fluviais dos rios Uruguai e Quaraí, sendo que os depósitos estão compostos por cascalheiras, areias, sedimentos siltico-argilosos das planícies de inundação e depósitos atuais e subatuais.

A região geomorfológica Planalto da Campanha ainda de acordo com Villwock, Lahm e Naime (2004), é dividida na Unidade Geomorfológica Planalto de Uruguaiana, sendo que esta unidade é constituída por vários setores com formas de relevo e aspectos evolutivos característicos. O Planalto de Uruguaiana localiza-se na porção centro-oeste e sudeste de Uruguaiana, fato que se relacionou a sua denominação. Ocupa a mesma área do Planalto da Campanha, estando limitada ao norte pelo Planalto de Santo Ângelo; ao sul e oeste, pelos rios Uruguai e Quaraí; na porção leste, faz contatos com o Planalto dos Campos Gerais e com a Depressão rio Ibicuí – Negro. As áreas interfluviais mais significativas, que ainda permanecem preservadas da erosão, constituem extensas áreas planas, denominadas regionalmente de Coxilhas de Santana, de São Rafael, da Cruz, do Espinilho, entre outras (SOUZA, 2016).

O relevo do Planalto de Uruguaiana é caracterizado por áreas planas com suave caimento para oeste, em direção ao rio Uruguai e este tipo de relevo, denominado regionalmente de Coxilha de Santana, constitui uma superfície plana e elevada, correspondendo ao interflúvio que separa a bacia hidrográfica do rio Quaraí e do rio Ibicuí.

A dissecação desta coxilha pela erosão fluvial é responsável pelo aparecimento de coxilhas menores e residuais e, também, pelo desenvolvimento de morros

testemunhos. Os morros testemunhos representam porções residuais dos derrames que não conseguiram ser totalmente erodidas. O processo principal de degradação das formas do relevo é a erosão fluvial, comandada pelo rio Uruguai, representando este o nível de base da erosão da região (Villwock, Lahm e Naime, 2004).

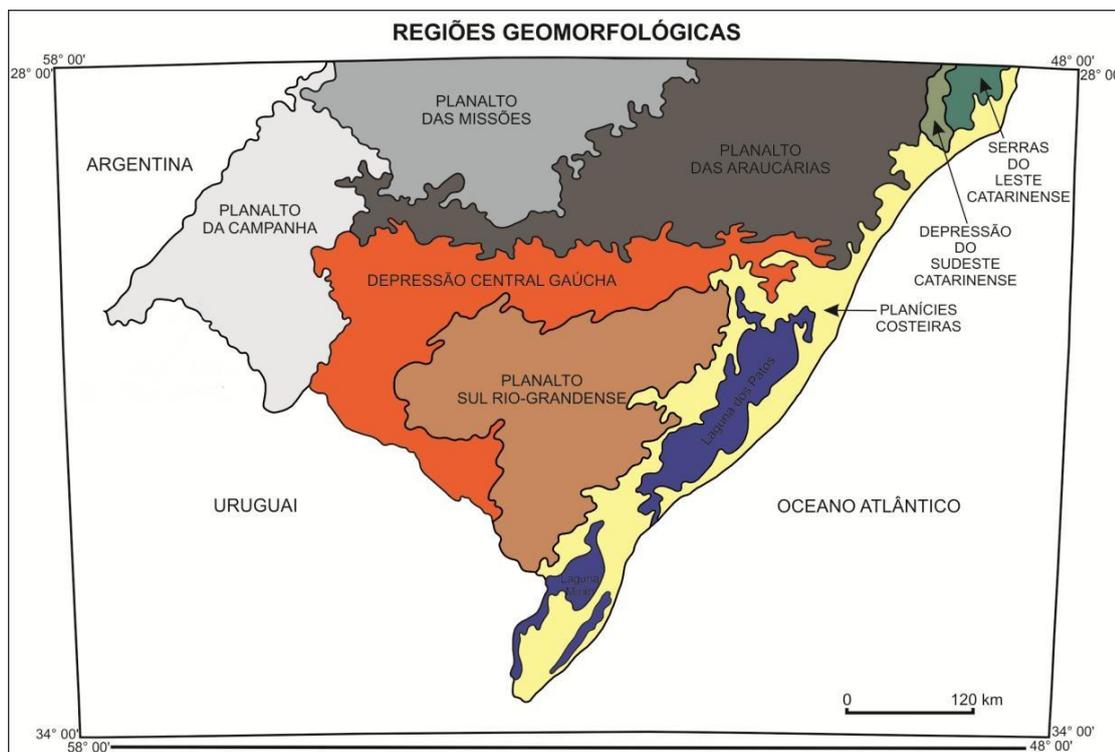


Figura 9 – Mapa das Regiões Geomorfológicas do Rio Grande do Sul, segundo IBGE (1986).

Righi e Robaina (2010), dissertam que em relação a Hidrografia da região, o rio Uruguai é o segundo sistema fluvial da bacia do rio da Prata em importância, e desde a confluência dos rios Pelotas e Canoas, a montante, até sua confluência com rio Paraná assume a direção leste-oeste, dividindo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Após a sua confluência com o rio Peperi-Guaçu, escoar na direção sudoeste, servindo de fronteira entre o Brasil e a Argentina. Após receber a afluição do rio Quaraí, que limita o Brasil e o Uruguai, na região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, toma a direção sul, fazendo fronteira entre a Argentina e o Uruguai, até sua foz (RIGHI E ROBAINA, 2010).

Tucci (1993), enfatiza que o curso médio do rio Uruguai, até a localidade de Salto (Uruguai), abrange uma extensão aproximada de 570 km e seu principal afluente pertencente à margem esquerda é o Ibicuí, por ocupar uma maior área, sendo a

largura máxima do rio é 1200 metros em Uruguaiana e sua declividade se reduz para 0,10 metros/km. Os restantes 325 km representam o curso inferior do rio Uruguai.

De acordo com Tucci (1993), nos últimos 350 km a navegação se verifica, no todo, para embarcação de 1,80 metros de calado e nos 190 km finais para embarcações de grande porte, dado que a profundidade mínima aí verificada é de 40 metros. No trecho francamente navegável (350 km) sua declividade média acha-se em torno de 3 cm/km (TUCCI, 1993). Os principais afluentes do rio Uruguai dentro do Estado do Rio Grande do Sul são os rios Pelotas, Várzea, Ijuí, Piratinim, Ibicuí e Quaraí, estando este último situado na fronteira com o Uruguai.



Figura 10 - Bacias e Sub-Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul (SEMA, 2014).

3.2.1 Vegetação

Ainda sobre o município de Uruguaiana situa-se fitogeograficamente na Região da Campanha do sudoeste do Rio Grande do Sul, apresentando uma formação vegetal do tipo estepe, caracterizada por uma flora xerófila com predominância de vegetação campestre.

Milder (2000), aponta que a denominação estepe foi inicialmente aplicada para definir a vegetação da Zona Holártica, submetida a dois períodos de estacionalidade fisiológica distintos: um provocado pelo frio e outro provocado pela seca. No projeto RADAMBRASIL a estepe foi considerada a vegetação do extremo sul do Brasil - Campanha - como homóloga á estepe dos climas temperados, em função dos parâmetros ecológicos fundamentais.

Milder (2000), descreve que no território sul-brasileiro, a estepe está submetida a um clima de dupla estacionalidade, provocado por um período frio (inverno) alternado por um período subúmido e quente (verão). Os terrenos ocupados são os de topografia aplainada provenientes do derrame basáltico (Juracretáceo no Planalto da Campanha e de sedimentos permianos e triássicos na Depressão do Rio Ibicuí - Rio Negro). Os solos são eutróficos, geralmente cálcicos e, às vezes solódicos, reflexo de um clima pretérito mais frio e árido (Milder, 2000).

Em relação à vegetação campestre da estepe, Milder (2000), disserta que é caracterizada essencialmente por gramíneos cespitosas (hem criptófitas) dos gêneros *Stipa* e *Agrostis*, gramíneos rizomatosas (geófitas) dos gêneros *Paspalum* e *Axonopus*, raros gramíneos anuais e oxalidáceas (terófitas), além de leguminosas e compostas (caméfitas). As fanerófitas são representadas por espécie espinhosas e decíduas dos gêneros *Acácia*, *Prosopis*, *Acanthosyris* e outros. A estepe ocupa, no Planalto da Campanha, solos Litólicos, eutróficos, formados a partir de derrames basálticos do Juracretáceo. Na planície aluvial do rio Uruguai e na Depressão do Rio Ibicuí-Rio Negro, os solos são eutróficos, às vezes cálcicos, pouco profundos, de coloração escura, oriundos de sedimentos quaternários e de rochassedimentares atribuídas aos períodos Triássico e Permiano, respectivamente (Milder, 2000, p. 21).

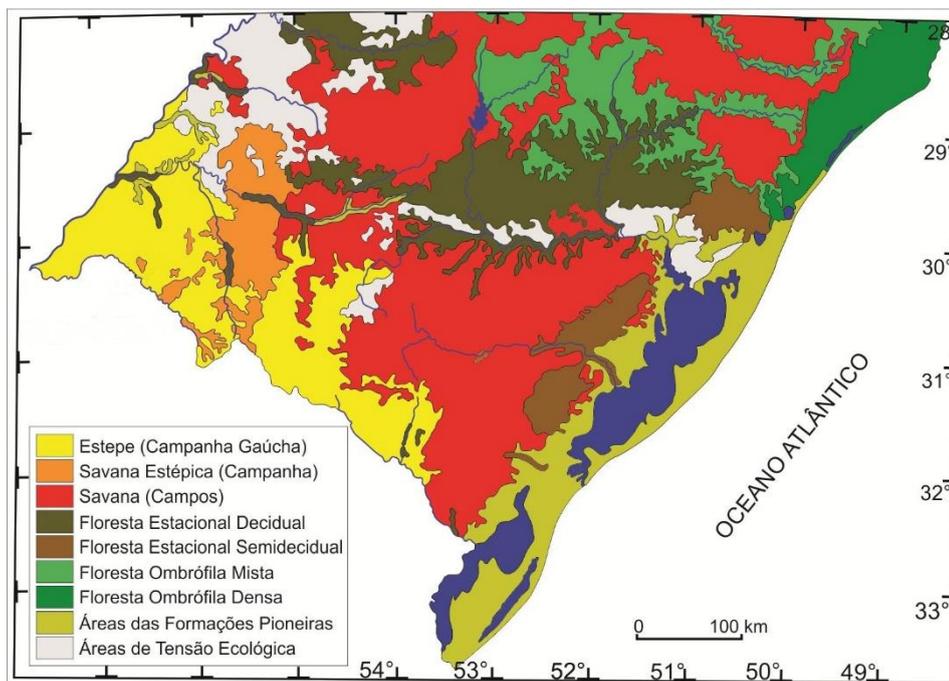


Figura 11 – Mapa das tipologias de vegetação do Rio Grande do Sul, de acordo com Veloso & Góes-Filho (1982).

3.3 Localização e Coleta do material



Figura 12: Localização do município de Uruguaiana e dos sítios arqueológicos Usina e Castração. (Google Earth, acessado em 14/10/17)

3.3.1 Sítio Arqueológico Castração

Como apontado por Souza (2016), o Sítio Arqueológico Castração localiza-se (ex. imagem 5 e 6), no atual município de Uruguaiana, nas proximidades da margem esquerda do médio rio Uruguai, Estado do Rio Grande do Sul. O sítio tem como coordenadas geográficas a latitude $29^{\circ}42.082'S$ e a longitude $56^{\circ}53.698'W$. Apontamos que a coleta deste material foi realizada em 2003, pelo falecido Arqueólogo Saul Seiguer Milder, e a análise apresentada foi realizada em 2016, pela autora desta dissertação. Como se pode ver nas imagens (15 e 16), a coleta do material é totalmente superficial, como estes ambiente a erosão é mais ativa que a deposição de sedimentos, a presença de sítios arqueológicos em superfície, ou em subsuperfície com estratos pouco profundos, o que dificulta a elaboração de quadros cronológicos claros. Esses sítios, entretanto, não devem ser considerados dados perdidos. É necessário adaptar a metodologia de análise e reconhecer seus limites interpretativos, caso por caso.

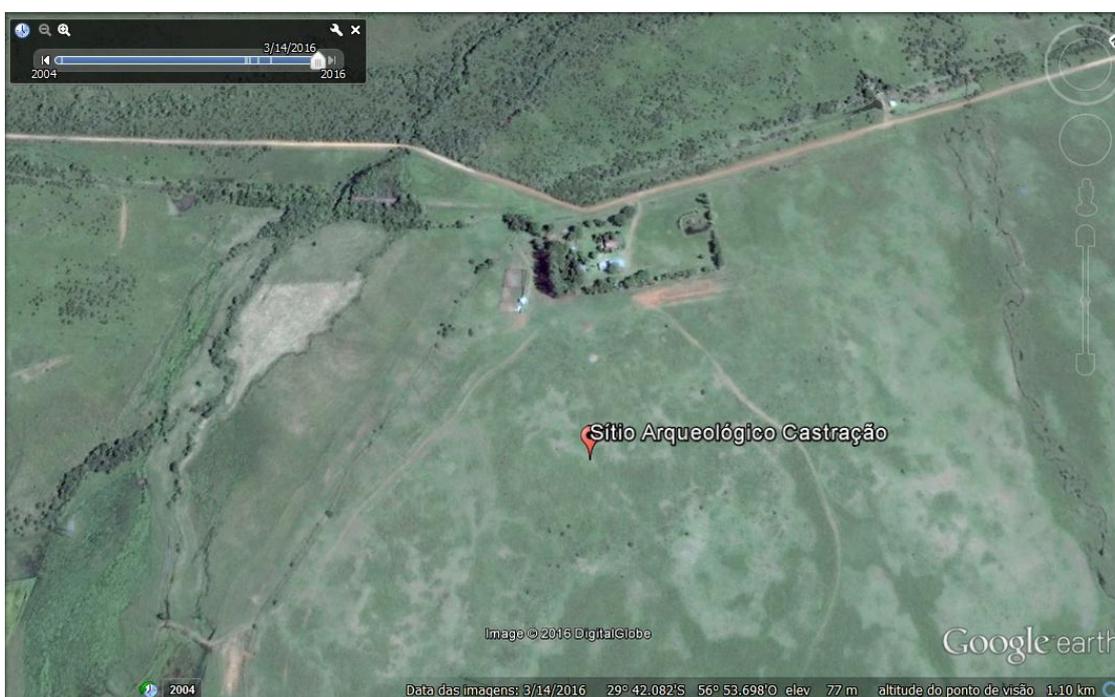


Figura 13 - Localização do sítio arqueológico Castração no município de Uruguaiana. Fonte Google Earth.



Figura 14 - Localização do sítio arqueológico Castração em relação ao Rio Uruguai. Fonte Google Earth.



Figura 15 - Coleta do Material lítico, proveniente do Sítio Arqueológico Castração. Fonte: Acervo do LEPA



Figura 16 - Paisagem referente à localização do sítio arqueológico Castração. Fonte: Acervo do LEPA.

3.3.3 Sítio Arqueológico da Usina

De acordo com Milder (2000), O Sítio da Usina foi estudado em 1998, e mostra um trabalho pioneiro, na região, de plotagem total das evidências e coleta controlada. O sítio arqueológico localiza-se em Uruguaiana, e a área corresponde a 38 hectares, sendo balizada, ao norte pela BR 472, ao sul, pela linha férrea da RFFSA; ao oeste comunica-se com os silos da Cooperativa Agrícola Uruguaiana, ao leste limita-se com plantações de arroz na várzea do arroio Imbaá.

O sítio é constituído por dois (I, II) afloramentos de arenito intertrap e um afloramento de basalto (III) com material arqueológico em arenito. Nestes afloramentos ocorre uma delgada cobertura vegetal. O sítio é desprovido de estratigrafia, e o material arqueológico ocorre totalmente na superfície.

O material é predominantemente formado por lascas e núcleos, caracterizando uma área de obtenção de matéria-prima. Apontamos que a coleta deste material foi realizada em 1998, pelo falecido Arqueólogo Saul Seiguer Milder, e a análise

apresentada foi realizada em 2018, pela autora desta dissertação.



Figura 17. Afloramento I no sítio da Usina, ao fundo os silos da CAUL. Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.



Figura 18. Área residencial no topo da colina, percebe-se que o assentamento rural se fez no cimo do principal afloramento de arenito. Sítio da Usina, Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.



Figura 19. Vista parcial do afloramento I no sítio da Usina, Uruguaiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.



Figura 20. Afloramento II do sítio da Usina, Uruguaiana, RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.



Figura 21. A colina de basalto destruída pela linha férrea. Processo de coleta do material lítico, que restou. Sítio da Usina, Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.



Figura 22. Afloramento de blocos de arenito, junto a um bebedouro no sítio da Usina, nota-se a parca cobertura de sedimentos e vegetação. Uruguaiiana-RS. Foto: LEPA-UFSM. 1998.

3.4 Análise da cultura material lítica

Como aponta Machado (2015), sabemos que coleções arqueológicas de superfície sempre devem ser questionadas quanto a sua temporalidade e homogeneidade. As superfícies dos solos têm histórias de desenvolvimento particulares. Elas estão em constante mudança por causa da interação complexa entre fatores naturais de deposição e de erosão e também fatores culturais. Em muitos sítios arqueológicos os vestígios materiais podem encontrar-se pouco profundos na estratigrafia, ou serem presentes somente em superfície, como é o caso dos materiais apresentados nesta dissertação.

De acordo com Souza (2016), as peças líticas do Sítio Castração em 2003 passaram pelo processo de curadoria, sendo realizada a limpeza e catalogação do material. Posteriormente com o desenvolvimento atual desta pesquisa as peças foram dispostas sobre a mesa e separadas de acordo com as quadriculas na qual foram encontradas; nesta primeira etapa buscou-se reconhecer possíveis padrões tecnológicos. Na segunda etapa buscou-se agrupar de acordo com o atributo tecnológico da peça, observando se a mesma era lasca, núcleo, instrumento ou detrito. A mesma metodologia foi aplicada ao Sítio da Usina, e como houve três complexos apontados neste último Sítio, resolvemos analisar em separado os conjuntos, apesar da tecnologia e as técnicas serem as mesmas aplicadas.

A respeito dos atributos a serem selecionados e a forma como seriam abordados, como descreve Galhardo (2010), um dos principais critérios foi recorrer aos estudos já realizados em tecnologia lítica em nível acadêmico, como Laming-Emperaire (1967); Tixier *et al.* (1980); Leroi-Gourhan (1981); Inizan *et al.* (1995); Pelegrin (1995); Fogaça (2001); Prous (2004); Hoeltz (2005); Mello (2005); Rodet (2005; 2006) e Viana (2005).

A análise foi dividida entre instrumentos, núcleos, lascas e detritos. Esses recortes foram efetuados apenas para conferir organização à análise, pois em todas as categorias a premissa é a de que os atributos forneçam informações sobre as etapas do lascamento, e que, desse modo, haja ligação entre as partes, assegurando a interpretação dos dados em conjunto.

A análise contemplou as informações condizentes com todas as categorias,

por exemplo, dados locacionais, características da matéria-prima e suas alterações, acidentes naturais e antrópicos e dimensões morfológicas. Também foi analisada a quantidade e posição do córtex, alterações de superfície, cor da matéria, suporte utilizado – diagnosticado pelo córtex e/ou tecnologia, integridade da peça, técnica empregada (quando possível) e as dimensões máximas.

Para a tabulação das informações provindas das análises das coleções, isto é, a apreciação dos dados quantitativos, optou-se pela utilização do programa Excel da Microsoft. Este recurso possibilitou o cruzamento de variáveis e a confecção de gráficos e tabelas, ajudando na interpretação das informações levantadas e podendo chegar também a outras questões importantes.

Estão presentes na coleção do Arqueológico Castração 553 lascas, 306 instrumentos, 47 núcleos e 74 detritos, totalizando 980 peças.

Já no Sítio da Usina, juntando os três afloramentos temos 462 lascas, 482 instrumentos, 226 núcleos e 93 detritos, totalizando 1.263 peças.

3.4.1 Matéria Prima

O arenito silicificado é a matéria prima mais recorrente no Sítio Arqueológico Castração, correspondendo 99,99%, e é 100% presente no Sítio da Usina, apontamos que comparado as demais indústrias líticas descritas para a região, a proporção de arenito silicificado empregada na produção de artefatos dos dois Sítios Arqueológicos equipara-se as cifras propostas por Taddei (1987) para os sítios da indústria Catalanense. Entretanto, tais elementos de cunho quantitativo estão longe de serem suficientes para estabelecer alguma vinculação tecnológica a tal indústria, pois apesar da semelhança de proporções e tipos de matéria-prima, tais características refletem mais a variabilidade litológica da região que escolhas culturais.

Mas dissertando sobre a matéria prima recorrente, de acordo com Araújo (1992), os arenitos silicificados são rochas silicosas, de origem sedimentar e formadas mecanicamente, ou seja, são rochas siliciclásticas. Sua composição básica é de grãos de quartzo, ocorrendo também minerais acessórios como feldspato, zircão, turmalina etc., cuja presença depende de fatores diversos como a

área-fonte e as condições ambientais reinantes ao longo do processo de formação do arenito.

Araújo (1992) afirma que o adjetivo “silicificado” provém do fato de tais rochas haverem passado por um processo diagenético de cimentação, denominado silicificação. Segundo Paraguassu (1972), o processo de silicificação ocorre, por meio de soluções aquosas saturadas em sílica que percolam através dos poros do arenito inconsolidado e se precipitam, formando assim o cimento silicoso.

De acordo com o autor supracitado, dentre os fatores que determinam o comportamento físico dos arenitos silicificados, talvez o mais importante seja justamente a silicificação. Como resultado deste processo temos uma rocha coesa, onde os grãos de quartzo e o cimento possuem a mesma composição química (SiO_2). Isso faz com que o arenito silicificado tenda a se comportar como uma rocha silicosa homogênea, e confere ao mesmo um caráter de isotropia física. Ao ser golpeado com um percutor, ocorre o livre deslocamento das ondas de choque em seu meio.

Araújo (1992) complementa que a conjunção destes fatores resulta no fraturamento conchoidal, desde que não haja planos de fratura e demais descontinuidades físicas na rocha. A silicificação pode se dar em maior ou menor grau, dependendo de algumas variáveis físicas, conforme será visto adiante. Um arenito que tenha sofrido boa silicificação, apresentando alta coesão entre os grãos, será mais apto ao lascamento do que outro que tenha passado por uma silicificação incipiente, no qual os grãos constituintes estejam soltos, resultando numa baixa coesão e conseqüentemente numa menor capacidade de transferência de energia cinética (ou seja, a onda de choque produzida por percussão não se propaga de maneira satisfatória). Referente ao processo de silicificação nota-se que a granulação fina (Gráfico 1), apresenta uma maior porcentagem nas peças líticas do Sítio Arqueológico Castração, em seguida temos a granulação média e a grosseira.

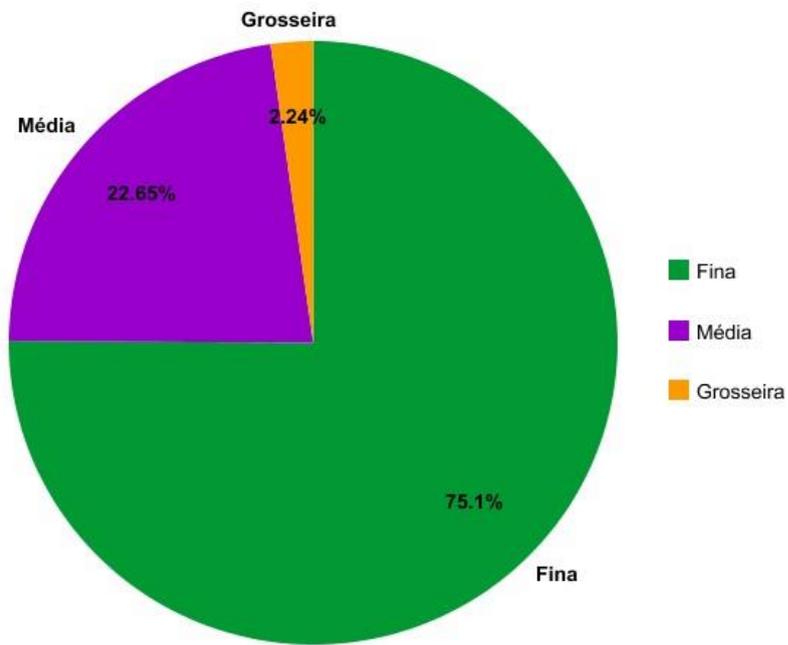


Gráfico 1- Porcentagem da granulação referente ao Arenito silicificado presente no Sítio Castração (SOUZA, 2016).

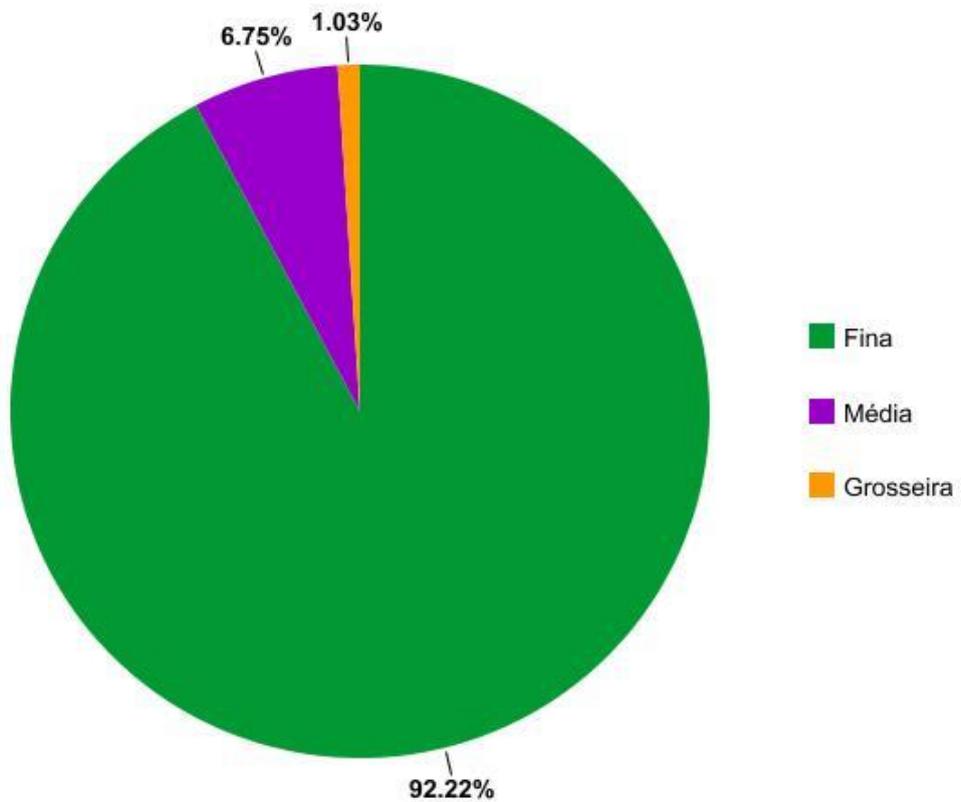


Gráfico 2- Porcentagem da granulação referente ao Arenito silicificado presente no Sítio Usina.

3.4.2 Instrumentos

Primeiramente destacamos que anterior a apresentação dos atributos selecionados para a análise dos instrumentos, devemos apontar a definição do que foi entendido como “instrumento” pela pesquisa; pensamos que desta forma que “instrumento” é todo trabalho sistemático sobre um objeto que visa sua transformação tecnomorfológicas através de retoques, propiciando áreas ativas, seja por trabalhos formais volumosos ou por pequenas modificações tecnomorfológicas sobre os bordos, ainda entende-se que a técnica do retoque é a materialização do intuito do artesão em transformar partes brutas em áreas ativas a fim de utilizá-las. O retoque garante o nome de instrumento a uma peça, já que reflete a intenção clara de alteração morfológica e técnica (TIXIER, 1963, p. 17; INIZAN, *et al.* 1995, p.83 apud GALHARDO, 2010).

Como aponta Souza (2016), A denominação de instrumento para as peças que foram modificadas por meio de retoque não exclui o fato de que peças brutas com macrotraços ou mesmo lascadas, mas sem traços visíveis macroscopicamente tenham servido como verdadeiros “instrumentos de trabalho” ao homem no passado.

No caso dos sítio arqueológico Castração de acordo com Souza (2016), todas as peças provém de superfície, mas nem mesmo essa informação exclui a possibilidade de indicativos frutíferos com relação aos macrotraços, diferentemente do que ocorre com o estudo dos microtraços (*microwear analysis*), em que além da atenção ao estado do sítio também devem ser obedecidos cuidados, em campo e laboratório, preconizados pelos estudiosos da área, para que os resultados sejam confiáveis (GALHARDO, 2010).

Souza (2016), aponta que outro ponto muito importante no estudo do instrumento é pensar em seus prováveis movimentos; para tal é necessário à junção de três conceitos, sobre os quais Mello (2005) discorreu: organização, funcionamento e função. Por organização entende-se um conjunto de atributos físicos e geométricos como forma, tamanho, material, solidez, elasticidade etc. O funcionamento é entendido pela pergunta: como o instrumento trabalha? Intrínseco a esse questionamento há a forma do instrumento em relação ao sujeito que desenvolveu a preensão e o movimento da peça. E, finalmente, tem-se a função ou

as funções do instrumento, talvez a parte mais delicada no estudo do material lítico, mas, no entanto, somente exames de traceologia poderiam confirmar seu uso, exames estes que não foram realizados nesta pesquisa (SOUZA, 2016).

Com base na análise e descrição das peças dos dois sítios, podemos notar a frequência dos suportes utilizados para a produção de instrumentos, de acordo com a matéria-prima utilizada. Podemos observar no Sítio Castração o predomínio da utilização de lascas corticais (Gráfico 3), e em seguida lascas semicorticais, havendo, também, uma pequena presença da utilização de seixos brutos com pequenas retiradas e retocados. A grande maioria das peças apresenta talões, sendo numerosos os lisos, corticais e facetados. No Sítio da Usina (Gráfico 4, 5 e 6), encontramos o predomínio de suportes sem Córtex e em seguida, mas quase pareô, lascas corticais, demonstrando uma não escolha por um suporte específico, já que em nenhum sítio a um destaca destes atributos.

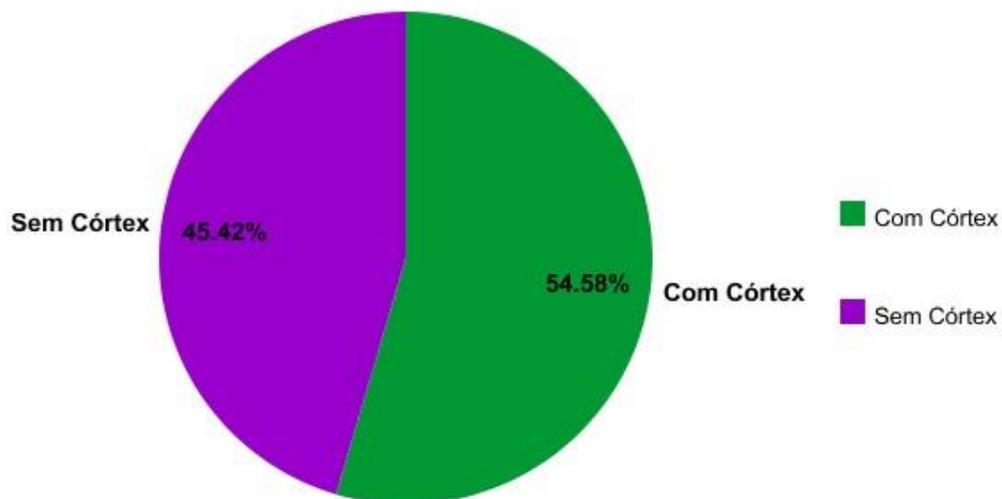


Gráfico 3 - Presença de Córtex nos Instrumentos referentes ao Sítio Castração (SOUZA, 2016).

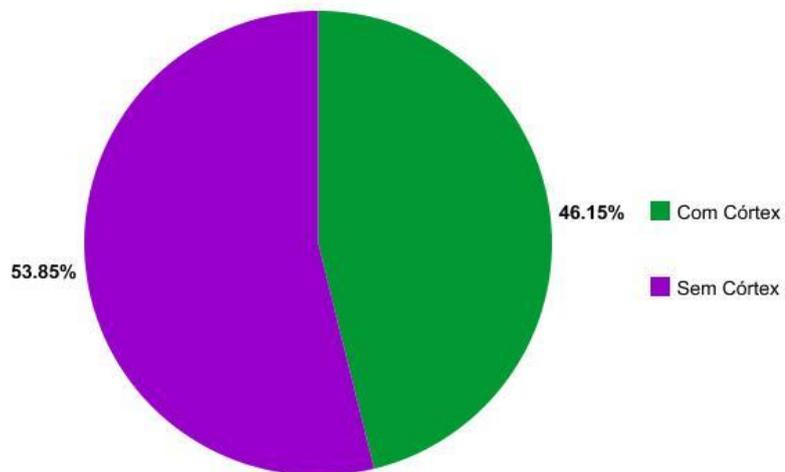


Gráfico 4 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina - 111.

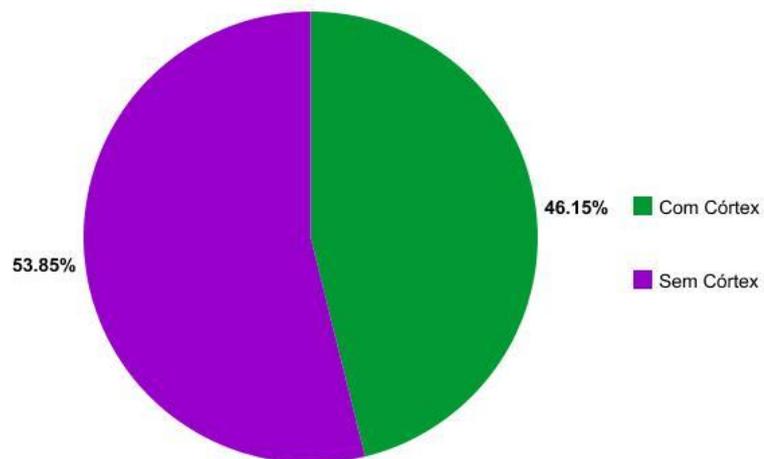


Gráfico 5 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina - 112

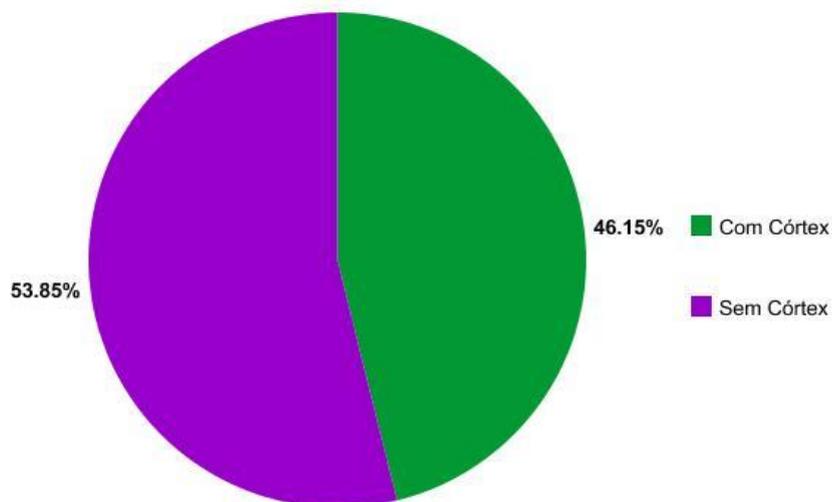


Gráfico 6 - Presença de Córtex nos Instrumentos presentes no Sítio Usina - 113

Abaixo segue um gráfico com a ordem dos retoques, começando pelo Sítio Castração sendo a maior parte realizada em posição direta (Gráfico 7), em seguida a posição alternante e com menor número a posição inversa. Os retoques foram efetuados, com maior frequência, na porção distal e mesodistal dos instrumentos, e aqueles retoques realizados nas bordas das peças foram frequentemente curtos e em bem menor proporção invadentes. A proporção da delineação dos retoques (Gráfico 8), seguiu a ordem retilíneo, convexo e côncavo. Quanto à proporção referente à inclinação dos gumes retocados (Gráfico 9), constatamos em maior número a inclinação semi abrupta com 189 peças, oblíquo com 112 peças, abrupto com 93 peças, vertical com 23 peças e rasante com 10 peças.

Já nos três afloramentos do Sítio da Usina, a respeito da ordem dos retoques, temos a maior parte realizada em posição direta (10, 11 e 12), em seguida a posição alternante e com menor número a posição inversa, mostrando proporção em relação ao sítio Castração. Apontamos também que os retoques foram efetuados, com maior frequência, na porção distal e mesodistal dos instrumentos, e aqueles retoques realizados nas bordas das peças foram frequentemente curtos e em bem menor proporção invadentes. A proporção da delineação dos retoques (Gráfico 13, 14 e 15), seguiu a ordem retilíneo, convexo e côncavo, tendo se destacado o

delineamento convexo no afloramento 113. Quanto à proporção referente à inclinação dos gumes retocados (16, 17 e 18), constatamos em maior número a inclinação vertical, em seguida abrupta, posteriormente rasante, semi abrupto e finalmente oblíquo, se diferenciando desta forma dos dados do Sítio Castração em relação a estes atributos.

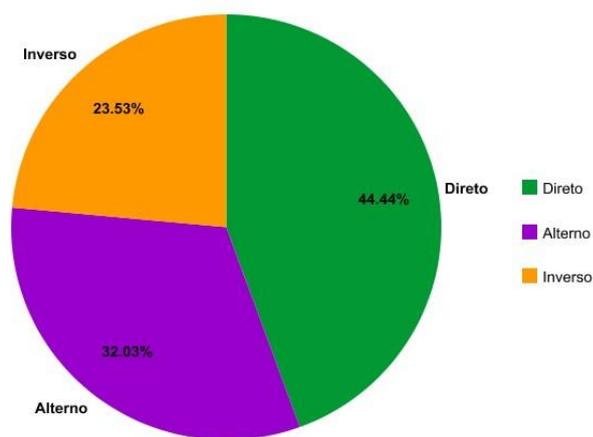


Gráfico 7 – Posição das retiradas presentes no Sítio Castração (SOUZA, 2016).

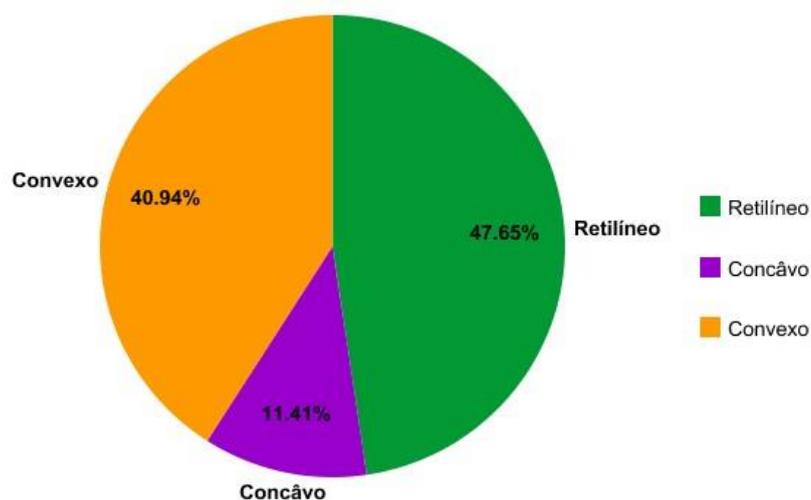


Gráfico 8 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Castração.

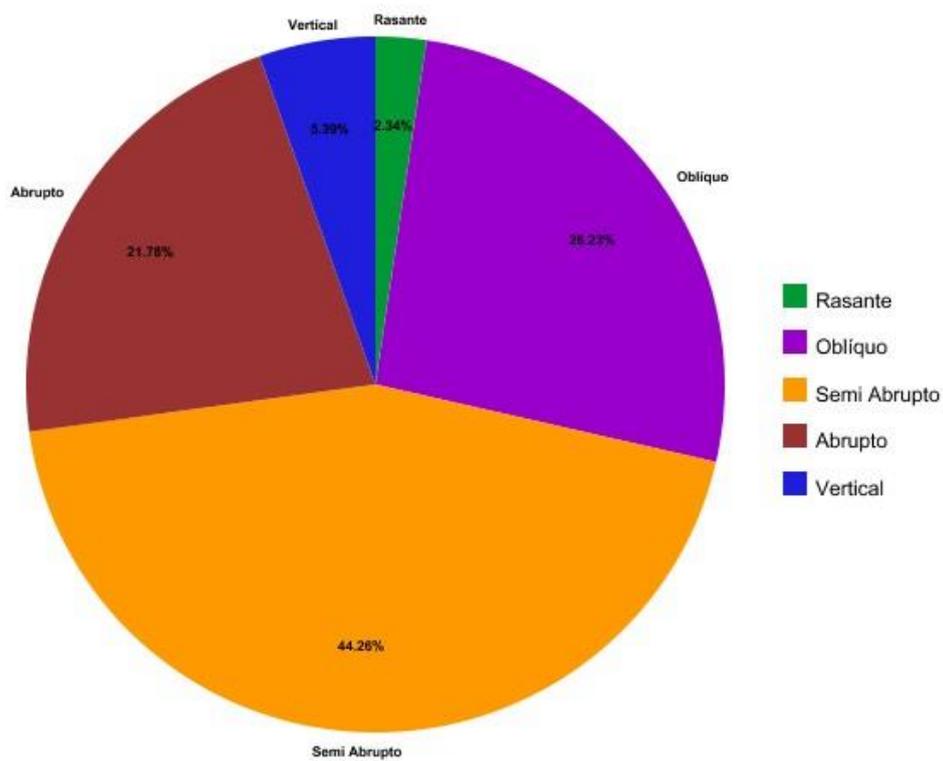


Gráfico 9 – Inclinação dos gumes retocados presentes no Sítio Castração (SOUZA, 2016).

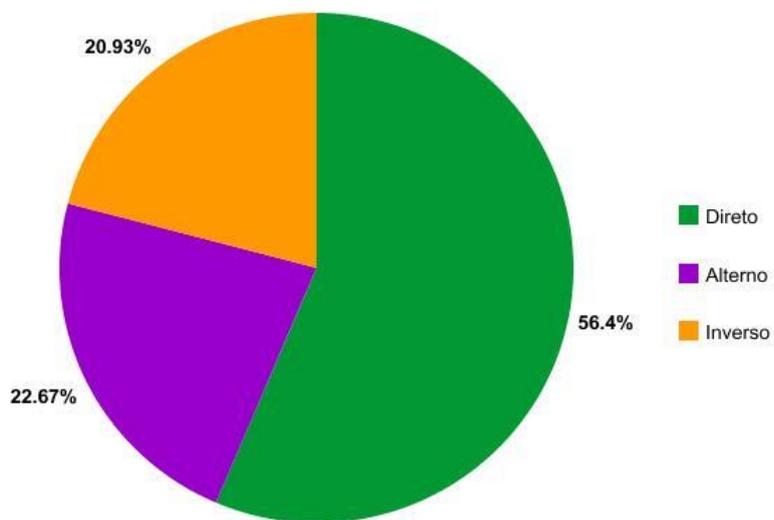


Gráfico 10 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina – 111.

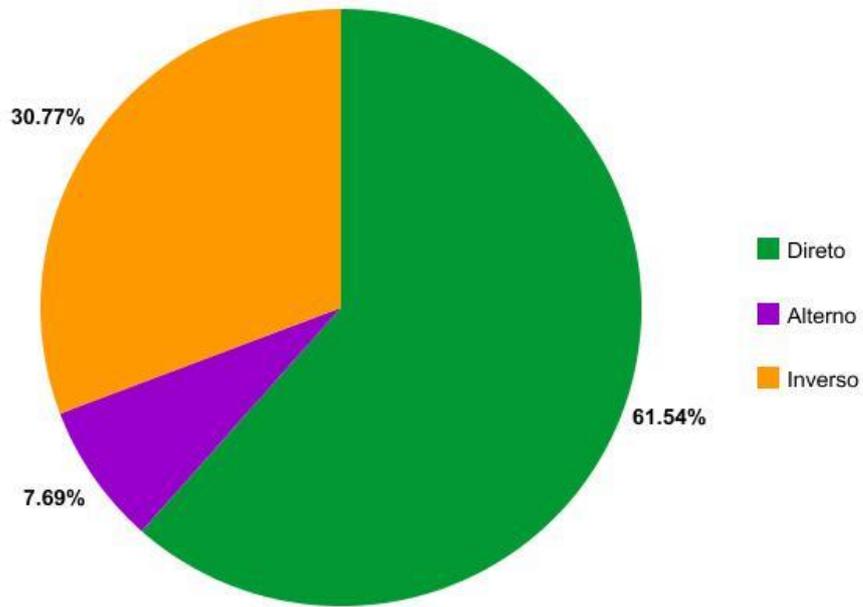


Gráfico 11 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina – 112.

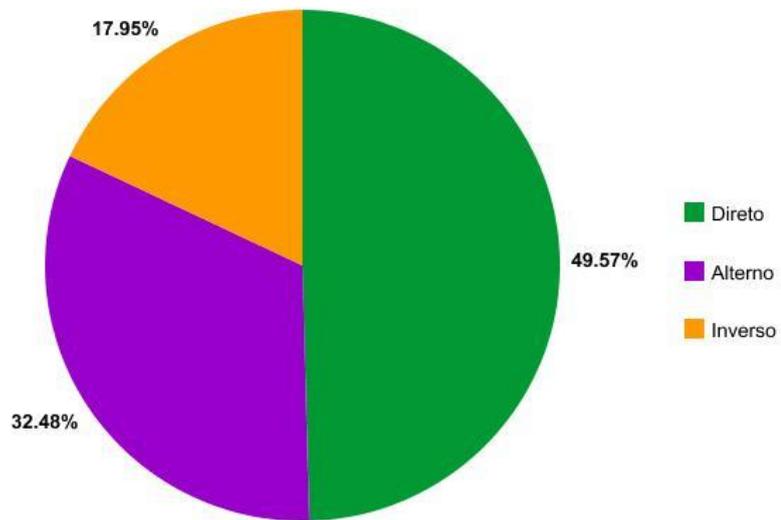


Gráfico 12 – Posição das retiradas presentes no Sítio Usina – 113.

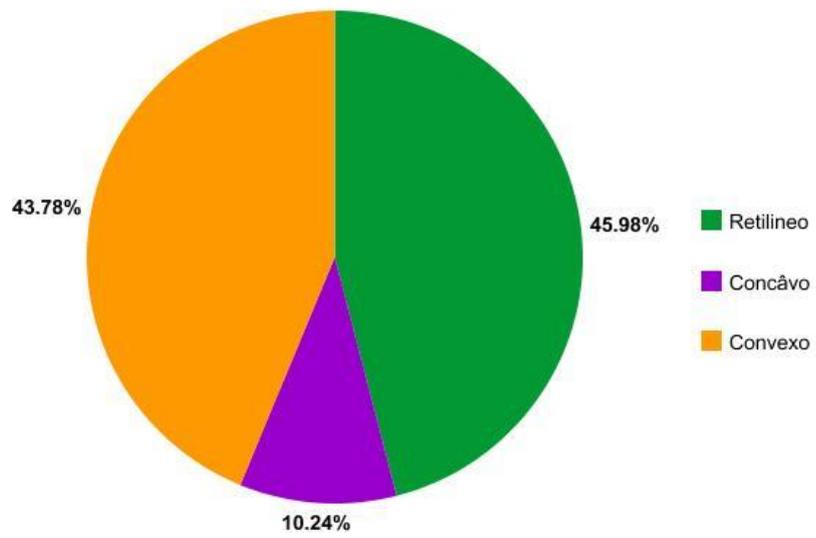


Gráfico 13 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 111.

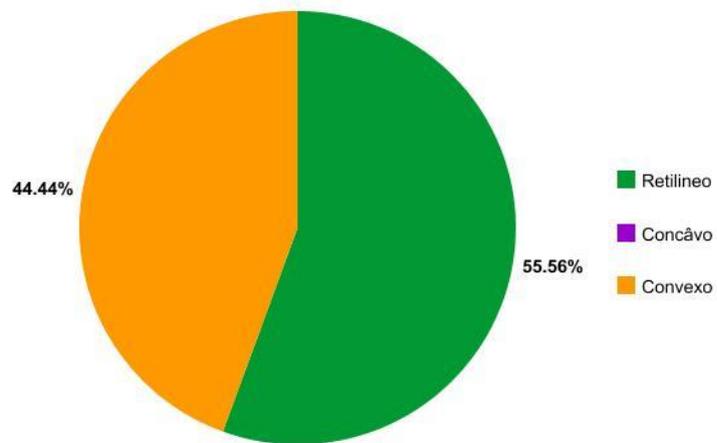


Gráfico 14 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 112.

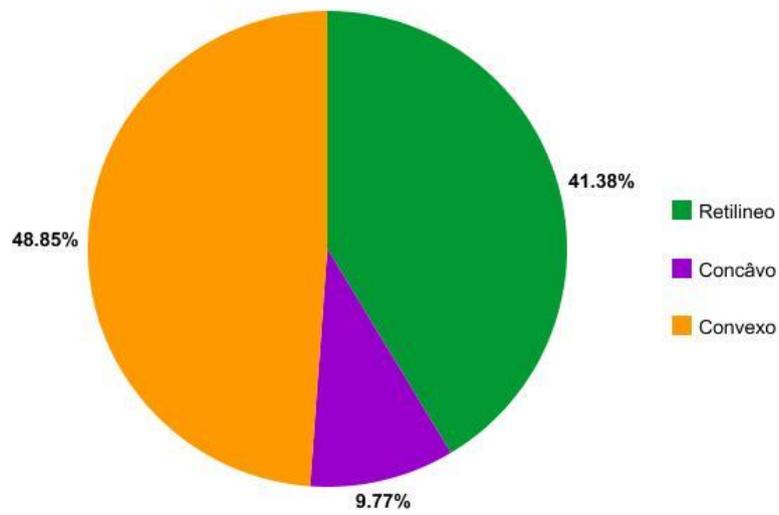


Gráfico 15 – Delineação dos gumes presentes no Sítio Usina – 113.

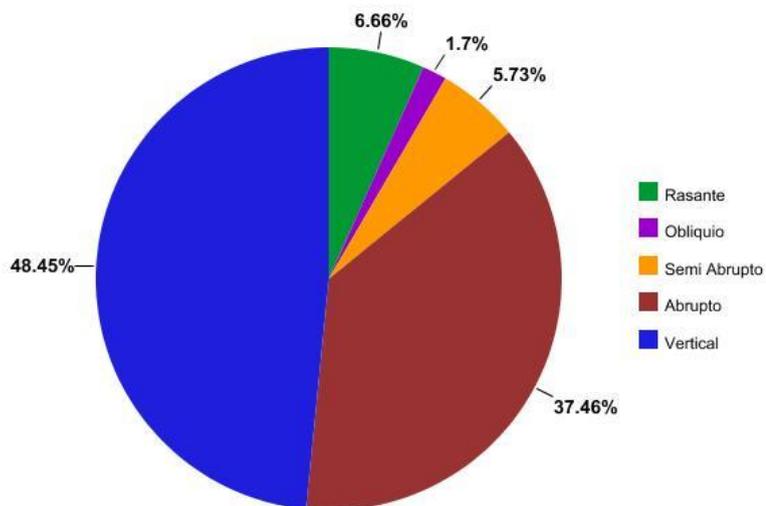


Gráfico 16 – Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 111.

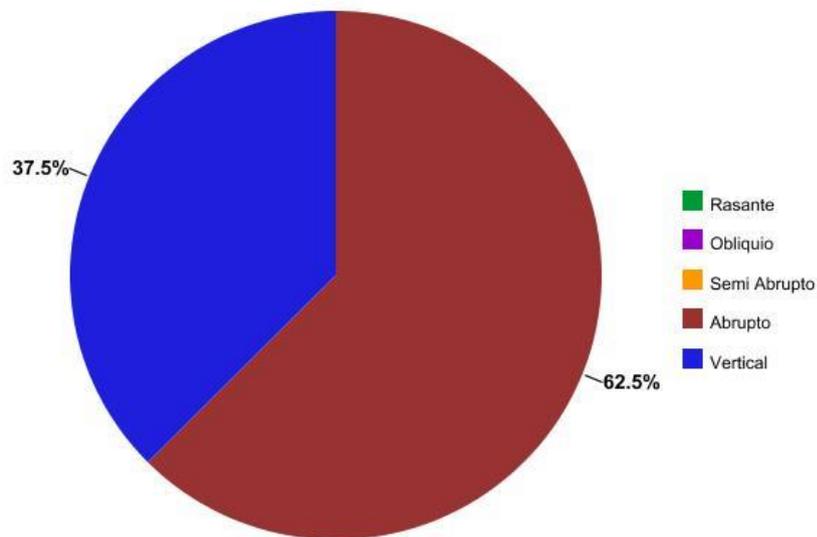


Gráfico 17 – Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 112.

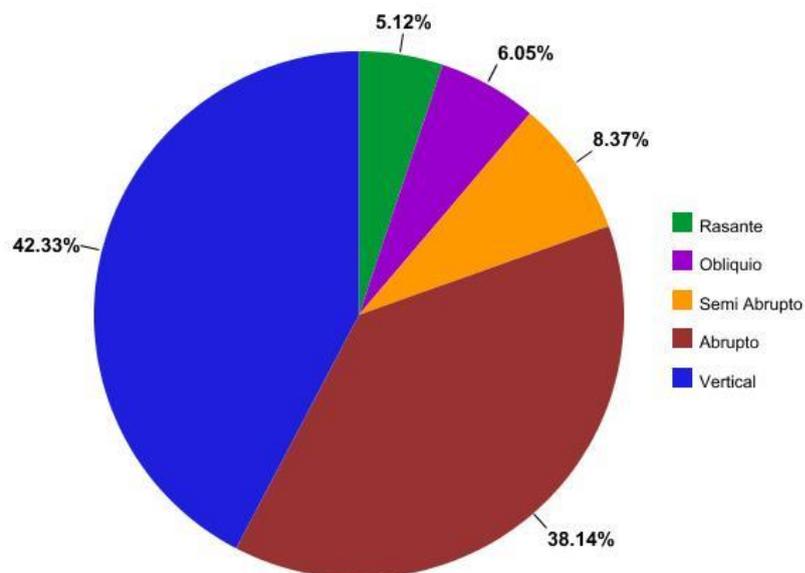


Gráfico 18 – Inclinação dos gumes retocados no Sítio Usina – 113.

Com a análise foi possível identificar que a maior parte dos suportes não apresenta apenas uma parte ativa (Gráfico 19), mas que predominam peças com duas unidades ativas (Gráfico 19), muitas vezes com distintas delineações e inclinações de gume, o que parece apontar para funcionalidades distintas em um mesmo suporte. No Sítio da Usina (Gráfico 20, 21 e 22), encontramos também o

predomínio de uma parte ativa, ou bordo ativo, seguido de 2, 3 e finalmente com bem menos utilização 4.

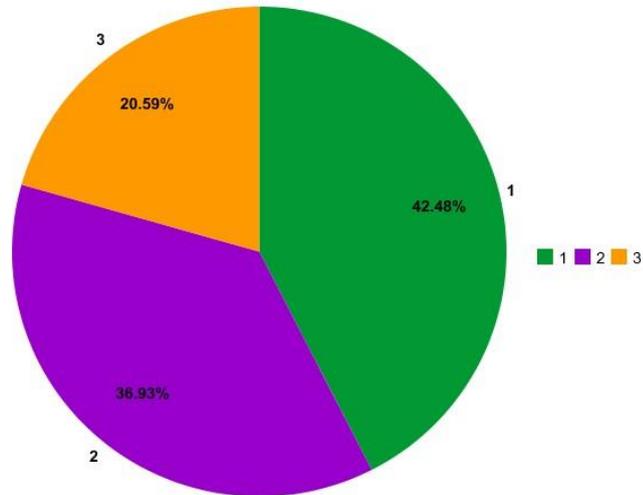


Gráfico 19 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Castração (SOUZA, 2016).

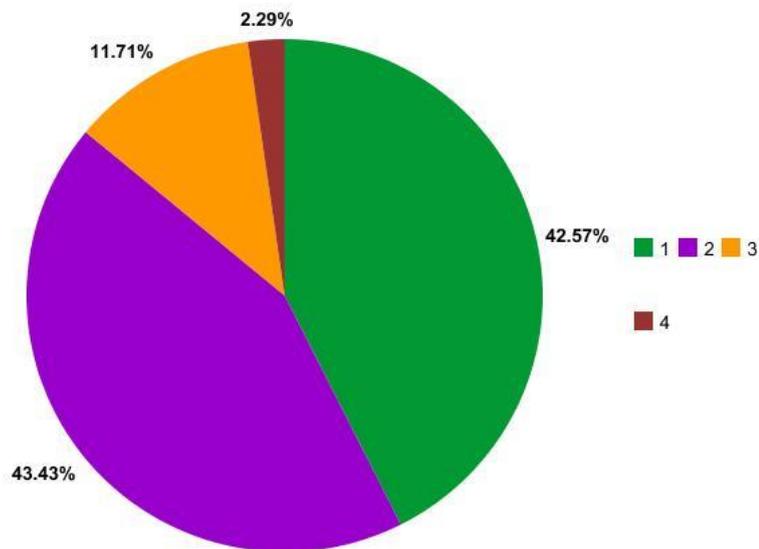


Gráfico 20 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sítio Usina – 111.

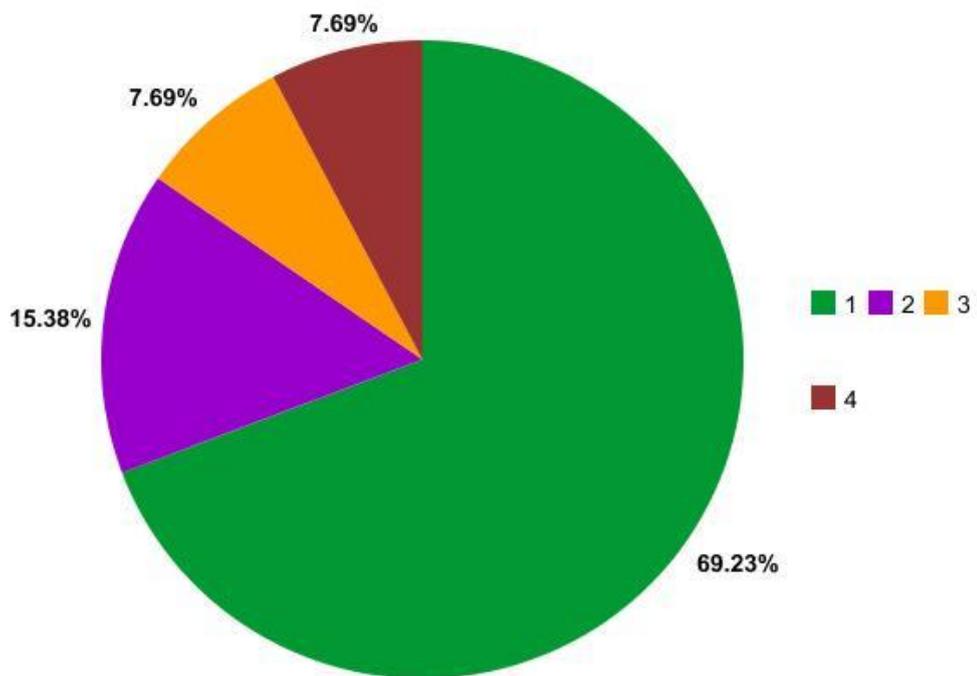


Gráfico 21 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sitio Usina – 112.

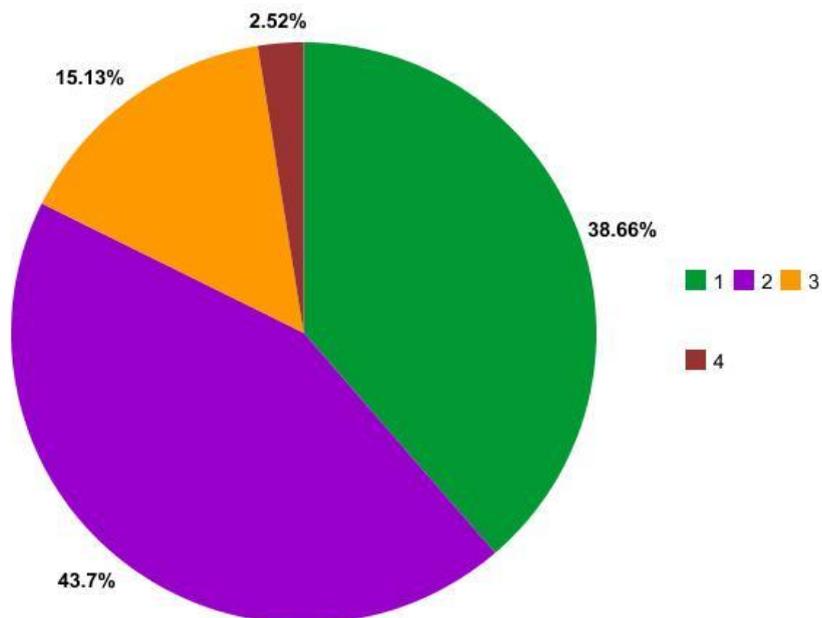


Gráfico 22 – Quantidade de partes ativas por instrumentos presentes no Sitio Usina – 113.



Figura 23 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 24 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 25 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Usina (SOUZA, 2016).

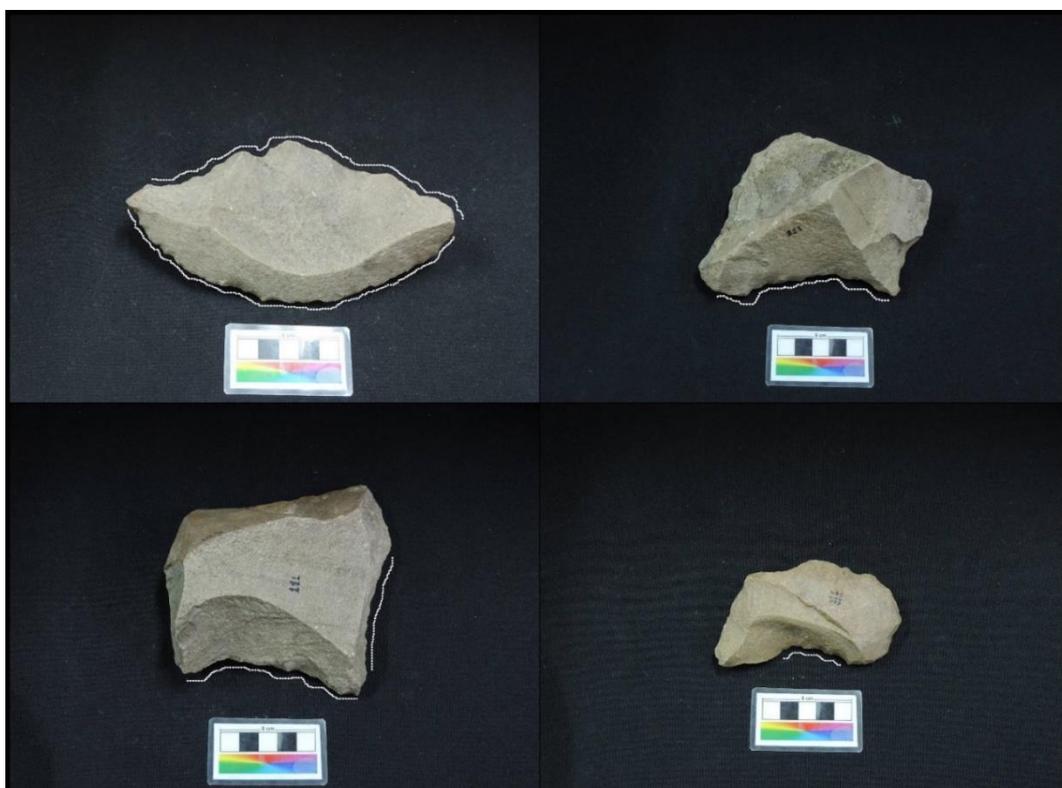


Figura 26 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes presentes no Sítio Usina.

A respeito das pressões, Napier (1983) disserta que a preensão de força é aquela em que o objeto é pressionado contra a palma da mão pela superfície dos dedos, onde o polegar atua como agente amortecedor e intensificador da força. Já as preensões de precisão são aquelas onde o objeto é segurado entre a almofada terminal do polegar e as almofadas das pontas dos dedos, sendo empregadas quando a ação exige delicadeza do manuseio e a justeza do trabalho (NAPIER, 1983).

De acordo com Souza (2016), percebe-se que as extensões dos gumes referentes às partes ativas estão interligadas e uma ampla zona sobre o corpo da peça que permite estabilidade da preensão no sentido longitudinal, isto é, quando a mão se ajusta a todo o eixo morfológico e desta forma tanto as zonas receptivas quanto as preensivas garantiram segurança no gesto realizado e certamente foi um fator que entrou em harmonia na eficiência da parte ativa trabalhando sobre a matéria (SOUZA, 2016).



Figura 27 – Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 28 - Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Castração (SOUZA, 2016).

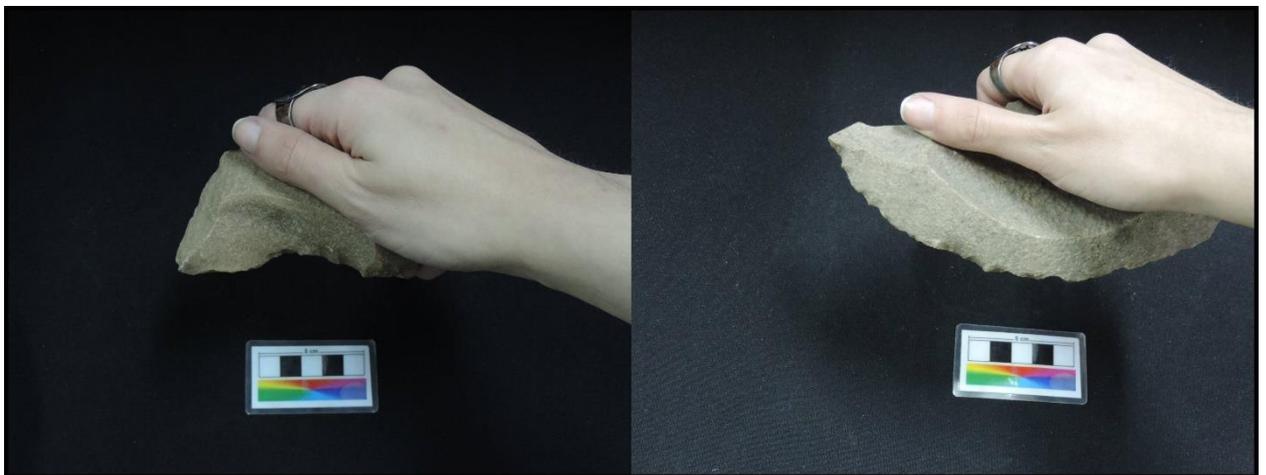


Figura 29 - Possíveis preensões com os instrumentos do sitio Usina.



Figura 30 - Instrumentos retocados com diferentes delineações, áreas ativas e inclinações de gumes, presentes no Sítio Usina, mas o destaque principal destas peças, são a possível utilização das mesmas em diferentes períodos, devido aos negativos com presença de pátina.

Apontamos ainda uma hipótese de reutilização de suportes por grupos em temporalidades diferentes, pois de acordo com as peças acima (figura 30), as mesmas apresentam negativos de debitação, com córtex em sua superfície, o que nos remete a esta ideia e compreendemos ainda uma possível utilização de instrumentos dos dois sítios para raspagem de madeira, devido aos seus gumes côncavos e largos, entendemos esta possível utilização através de experimentações junto ao Instituto Terra e Memória – ITM - Portugal, em trabalho conjunto com o arqueólogo Pedro Cura.

3.4.3 Núcleos

Laming (1997), aponta que o núcleo, é um bloco de matéria prima, preparado para que dele se possa tirar, um a uma série de lascas, sendo que um núcleo debitado (ou mostrando um ou dois negativos) é aquele do qual já se tirou uma ou várias lascas, que deixaram na superfície, a ou as cicatrizes, resultantes de sua debitação, já um núcleo esgotado é aquele do qual não é possível tirar mais nenhuma lasca e um núcleo reutilizado é um núcleo que não é mais utilizado como tal e do qual, um

ou vários bordos, foram retocados e utilizados como os de um utensílio (cortar, raspar, etc.) (LAMING-EMPERAIRE, 1967).

De acordo com Souza (2016), os núcleos podem gerar informações importantes quando seus negativos de lascamento são relacionados às características das lascas e dos detritos. A respeito da análise podemos constatar que há um predomínio de núcleos com plano de percussão cortical, o que pode indicar que estes não foram preparados e nem esgotados. Acreditamos que tal ocorrência esteja relacionada à grande disponibilidade de matéria-prima de boa qualidade na área do sítio e nas redondezas (SOUZA, 2016).



Figura 31 - Núcleos com plano de percussão cortical Castração (SOUZA, 2016).



Figura 32 - Núcleos com plano de percussão cortical Castração (SOUZA, 2016).



Figura 33 – Núcleos mais explorados do sítio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 34 – Alguns dos núcleos mais explorados do sítio Usina.

A respeito dos sistemas de debitage e o estado de evolução estrutural dos núcleos de acordo com (Boëda, 2013, apud Silva, 2017), a evolução estrutural dos núcleos seria uma resposta ao desenvolvimento estrutural dos instrumentos, pois para Eric Boëda, esse processo não seria necessariamente sincrônico, porém, a evolução dos instrumentos sempre precederia a evolução dos modos de produção de debitage, pois, a mudança na estrutura dos núcleos seria uma adaptação à novas necessidades dos instrumentos (Silva, 2017).

E para pensar nestes critérios de evolução estrutural dos núcleos, Boëda (2013) se apoia na noção de “linhagem técnica” desenvolvida por Yves Deforge (1985), que aponta, que a “essência” do desenvolvimento tecnológico repousaria sob

um “princípio” manifesto nas soluções tecnológicas presentes na existência de um problema e sua solução, e sendo assim uma “linhagem técnica” seria manifesta diacronicamente e evidenciada a partir de objetos que apresentariam o mesmo princípio e a mesma função de uso. Bruno Silva (2017), aponta que Boëda (2013), definiu que esse “princípio para as indústrias líticas,” poderia ser tanto um modo de produção (façonnage ou debitage) ou então um caractere estrutural do núcleo ou do tipo de suporte buscado (por exemplo, produção de lâminas) (Silva, 2017).

A partir dessas diretrizes teóricas, Boëda (2013) estabeleceu uma escala composta por seis níveis de evolução estrutural das concepções de debitage, denominados “A”, “B”, “C”, “D”, “E” e “F”. Nessa escala, os sistemas de produção de “A” à “D” contemplam os núcleos de estrutura adicional (ou abstrata), enquanto os denominados “E” e “F” correspondem àqueles núcleos de estrutura integrada (ou concreta). Esses níveis de estruturação dos sistemas de debitage seriam capazes de produzir suportes progressivamente mais estruturados (Silva, 2017).

Silva (2017), especifica os tipos de núcleo a seguir:

Sistema de Tipo A: Nesse tipo de sistema o núcleo tem como único critério funcional possibilitar a obtenção de um gume. Portanto, basicamente, o objetivo é fornecer um fio incisivo, cujo único critério de predeterminação é tão somente o potencial de corte decorrente do destacamento do suporte.

Para esse tipo de sistema existiriam apenas duas modalidades de debitage. Uma primeira que não privilegia nenhuma parte do bloco, fazendo com que a produção dos suportes ocorra por meio de percussões tecnicamente pouco controladas. A outra modalidade corresponde a um esquema operatório simples, organizado a partir de um plano de percussão e uma superfície de debitage adjacentes que formem um ângulo inferior a 90°, sem que haja para sua realização nenhuma modificação da superfície do bloco.

Segundo Boëda (2013), a identificação desses sistemas técnicos em contexto arqueológico é bastante difícil, uma vez que as características técnicas e morfológicas dos produtos obtidos apresentam certo aspecto de aleatoriedade. Desse modo, sua identificação geralmente se dá em relação a vestígios de fauna antropizada. Por esses motivos que, frequentemente, as indústrias relacionadas ao sistema de Tipo A seriam alvo de questionamentos.

Sistema de Tipo B: Nesse caso a produção dos núcleos limita-se a realização de uma curta série de retiradas recorrentes, sem, no entanto, que a superfície do bloco, antes de ser debitado, possua algum critério de normalização

técnica ou morfológica. Esse princípio de recorrência permitiria a normalização de certas características do gume, tais como sua inclinação, morfologia e extensão. Porém, devido aos discretos elementos predeterminantes e à ausência de uma preparação da superfície de debitação, acaba por gerar lascas de morfologias bastante variadas, bem como numerosos acidentes de lascamento. Esse grande número de acidentes - particularmente para a categoria dos refletidos - são indicadores de um modo de produção onde os critérios de convexidade distal são pouco controlados.

Sistema de Tipo C: Abrange os núcleos cujas características técnicas de predeterminação e os critérios de convexidade já se encontravam naturalmente presentes no bloco antes de ser debitado. Nessa categoria o processo de inicialização do núcleo consiste na escolha de uma superfície do bloco favorável a obtenção instantânea dos suportes desejados. Uma vez escolhido ou preparado o plano de percussão, esse sistema de produção possibilita a obtenção de uma única retirada preferencial por superfície natural escolhida ou então de uma curta série que geralmente não ultrapassam três retiradas. Nesses casos, a associação entre critérios naturais de convexidade e a noção de recorrência possibilitam a obtenção de produtos um pouco mais padronizados, entretanto devido a ausência de uma predeterminação mais complexa acaba por limitar o potencial de diversificação dos produtos. Portanto, a variabilidade dos produtos obtidos por meios dos sistemas de Tipo C está limitada ao tipo de superfície de debitação selecionada no bloco.

Em função da relação entre comprimento/largura dos suportes obtidos, o sistema de Tipo C, pode ser voltado para a obtenção de lascas ou então de lâmina. Assim quando a produção for voltada a obtenção de lascas os núcleos serão denominados C1, por sua vez, quando a produção for voltada a confecção de produtos laminares, esta será denominada C2. Conforme afirma Boëda (2013), os sistemas de produção de "Tipo C", foram os primeiros a exprimir uma concepção volumétrica que permite um controle antecipado sobre as características técnicas dos suportes a serem obtidos. Desse modo, quanto mais precisa for a seleção dos volumes naturais sob os quais se realizará a debitação, o núcleo poderá originar suportes mais próximos com os instrumentos buscados.

Sistemas de Tipo D: Diferentemente do sistema anteriormente descrito, onde o bloco é alvo de uma seleção em função de seus caracteres naturais, nesse sistema o volume útil a ser debitado deve ser alvo de uma preparação. Tal preparação se desenvolverá, preferencialmente, sobre a superfície de debitação e, eventualmente, sobre o plano de percussão.

A variabilidade de modos de inicialização dentro do sistema de Tipo D possibilita a obtenção de uma gama maior de suportes que os sistemas descritos anteriormente. Basicamente existem três categorias de suportes que podem ser obtidos por meio desse sistema: lascas, lâminas e lascas triangulares. Essas categorias são denominadas respectivamente como D1, D2 e D3.

Sistema de Tipo E: Esse sistema abrange núcleos que apresentam uma recorrência organizada das retiradas, de modo que é possível estabelecer “artificialmente” todos os critérios de convexidade no bloco para possibilitar a obtenção de produtos predeterminados. Porém, nesses casos, o bloco necessita ser explorado seguindo sempre a mesma gama de retiradas sob o risco de perder suas características de predeterminação e, por consequência, sua operacionalidade. Esse sistema de debitagem pode ser dividido em duas categorias, denominadas E1 e E2. A primeira é referente aos núcleos de estrutura discóide e a segunda, aos de estrutura piramidal. Dentro do panorama evolutivo proposto por Boëda (2013), a concepção de debitagem de tais núcleos permite standardizar uma série de produtos de características tecnológicas específicas, de modo que tais concepções acabam por apresentar certo caráter de complementariedade.

Sistemas de Tipo F: Os sistema de Tipo F necessitam de uma organização prévia de toda a integralidade do bloco com o objetivo de lhe estabelecer critérios técnicos rígidos, determinando uma dimensão preditiva às características técnicas e morfológicas dos produtos obtidos. Isso fica explícito no fato do volume dos núcleos desse sistema se confundir ao do bloco configurado prestes a ser debitado. Diferentemente dos núcleos do Sistema de tipo E, podem ser identificados dois tempos de produção bem distintos: um de inicialização, responsável por originar o núcleo; e um de debitagem propriamente dito, orientado à obtenção dos produtos buscados. Os sistemas de Tipo F podem ser divididos em dois subconjuntos: o Levallois, denominado tipo F1; e algumas debitagens laminares do Pleistoceno Superior e do Holoceno denominadas de tipo F2 (Silva, 2017).

Pensando nestes sistemas, e apesar de ter feito uma extensa descrição dos mesmos, a partir das ideias de Boëda e do trabalho de Silva (2017), entendemos que os núcleos presentes no Sítio Castração (47) e Usina (226), pertencem ao sistema C e D. Em análise, entendemos que a categoria mais expressiva equivale aos núcleos do sistema C, que são aqueles cujos critérios técnicos de predeterminação já se encontram naturalmente presentes na superfície do bloco, e a segunda categoria de maior proporção equivale aos do sistema D, cuja estrutura adicional

necessita de uma preparação (sobretudo, na superfície de debitage) para obter os produtos desejados, mesmo aproveitando uma série de critérios naturais do bloco.

3.4.4 Lascas

Laming-Emperaire (1967), disserta que uma lasca é um fragmento destacado por percussão de um bloco de rocha, de um seixo, etc.; sendo esse fragmento trabalhado para se transformar em múltiplos tipos de utensílios, cujo conjunto constitui a indústria de lascas, mas quando uma lasca é de grande tamanho, ela pode também ser utilizada como massa inicial, do mesmo que qualquer bloco de rocha, seixo, plaqueta, etc, para fornecer seja um núcleo do qual serão tiradas lascas menores, seja um utensílio da série dos bifaces, choppers etc. Uma massa inicial constituída por uma lasca, pode ser reconhecida seja pela face interna, seja pelo plano de percussão ou pelo bulbo” (LAMING-EMPERAIRE, 1967).

De acordo com Souza (2016), as lascas pertencentes ao sítio arqueológico Castração apresentaram, em média, de um a quatro negativos na face externa ou superior. Da análise desses atributos, podemos constatar que as lascas possuem diferentes dimensões sendo que em maior quantidade estas lascas apresentam de 2 a 3 cm e podendo atingir em bem menor quantidade 16 cm. de comprimento. Abaixo apresentamos os gráficos (23, 24 e 25) referentes ao comprimento, largura e espessuras do conjunto de lascas do Sítio Castração. Apontamos as mesmas proporções em dimensões para os afloramentos do Sítio Usina, apresentados nos gráficos (26,27,28,29,30,31,32,33,34). Uma característica importante a ser comentada é a grande quantidade de lascas *sirret*, encontradas na coleção do Sítio Castração, totalizando 68 lascas do total de 553. Já dentro do Sítio da Usina encontramos 52 peças no total de 462 lascas. A fratura *sirret* constitui-se de um plano de fratura que passa pelo ponto de impacto e divide a lasca em duas metades quase iguais (PROUS, 2004). Sendo assim, a lasca divide-se na metade da peça perpendicularmente ao talão. Como nos informa Hoeltz (1997) “São lascas produzidas por acidentes de lascamento”.

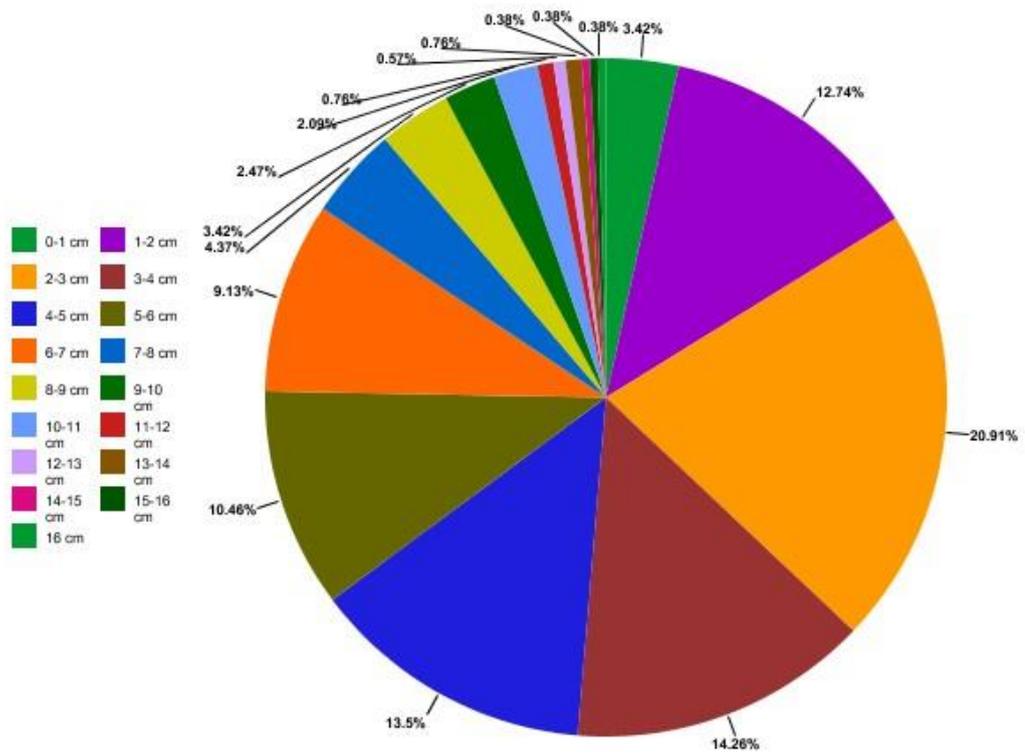


Gráfico 23 – Comprimento médio das lascas do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

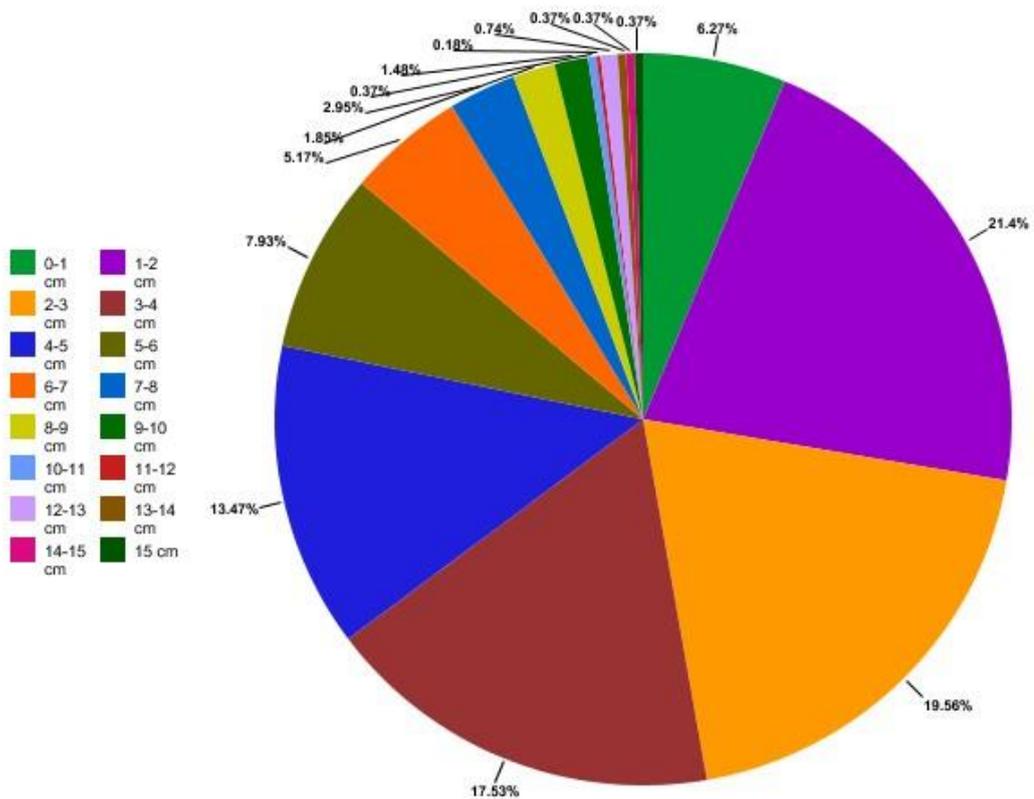


Gráfico 24 – Largura média das lascas do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

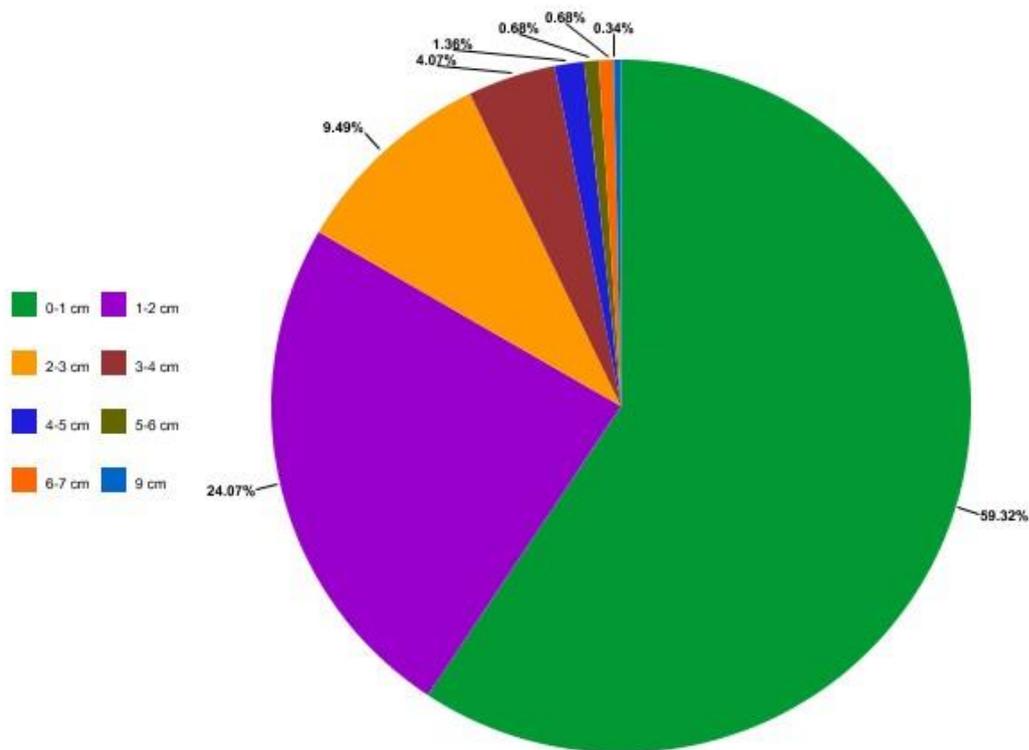


Gráfico 25 – Espessura média das lascas do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

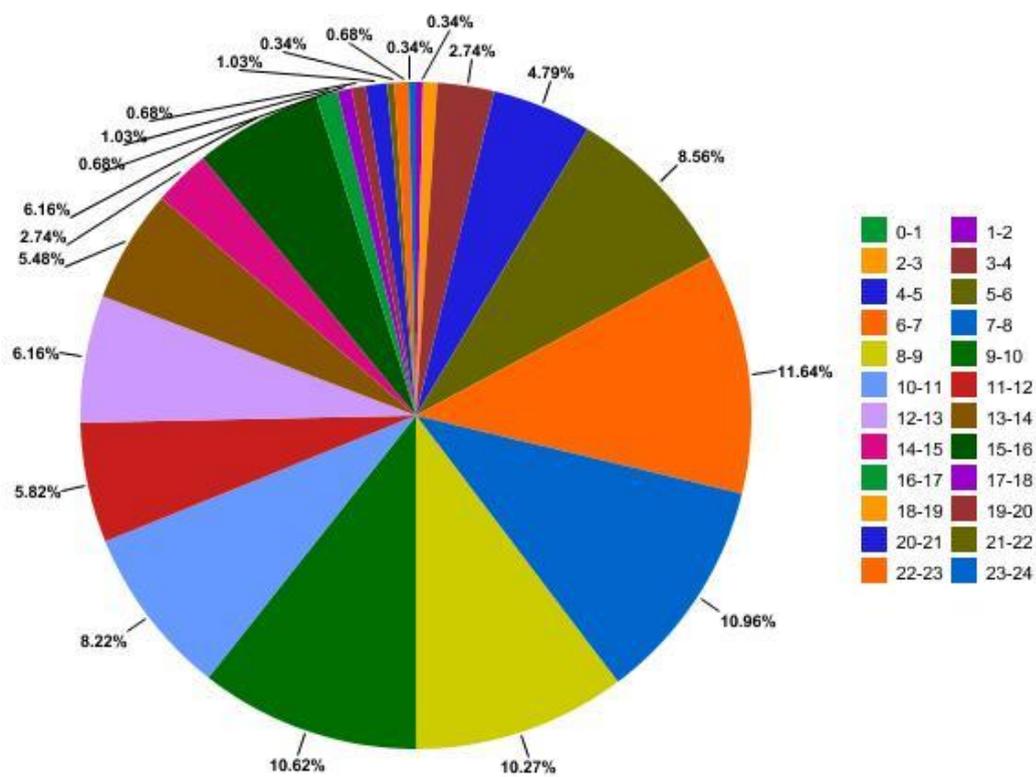


Gráfico 26 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 111

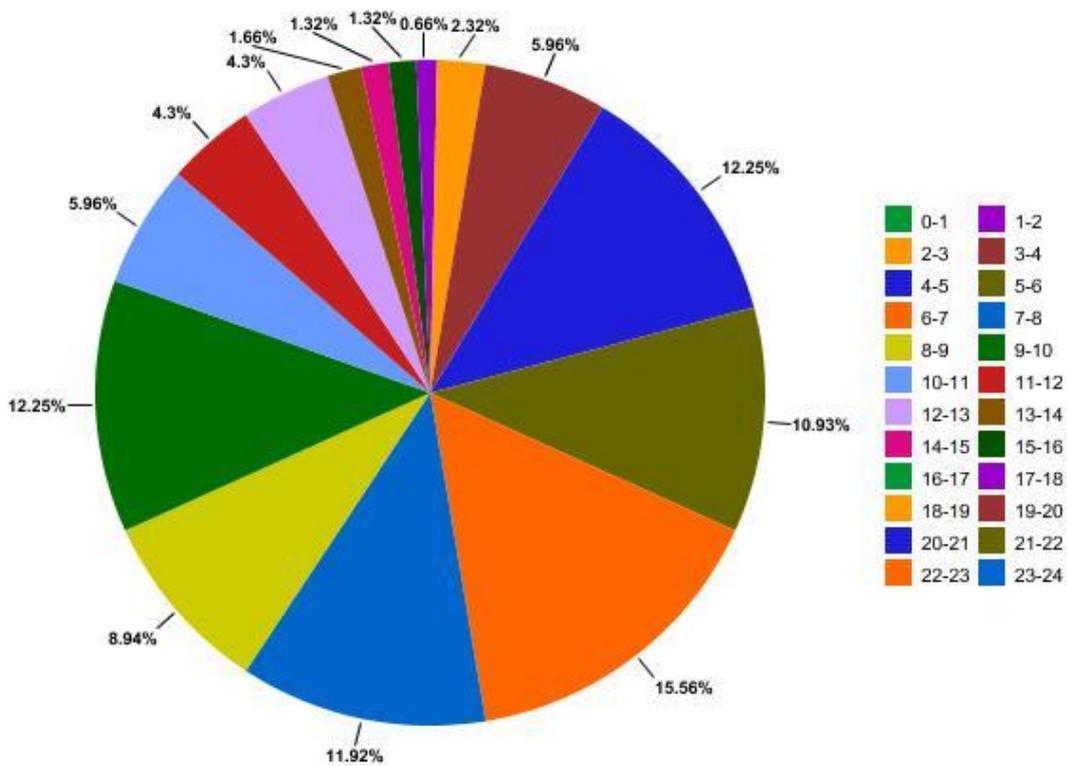


Gráfico 27 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 111

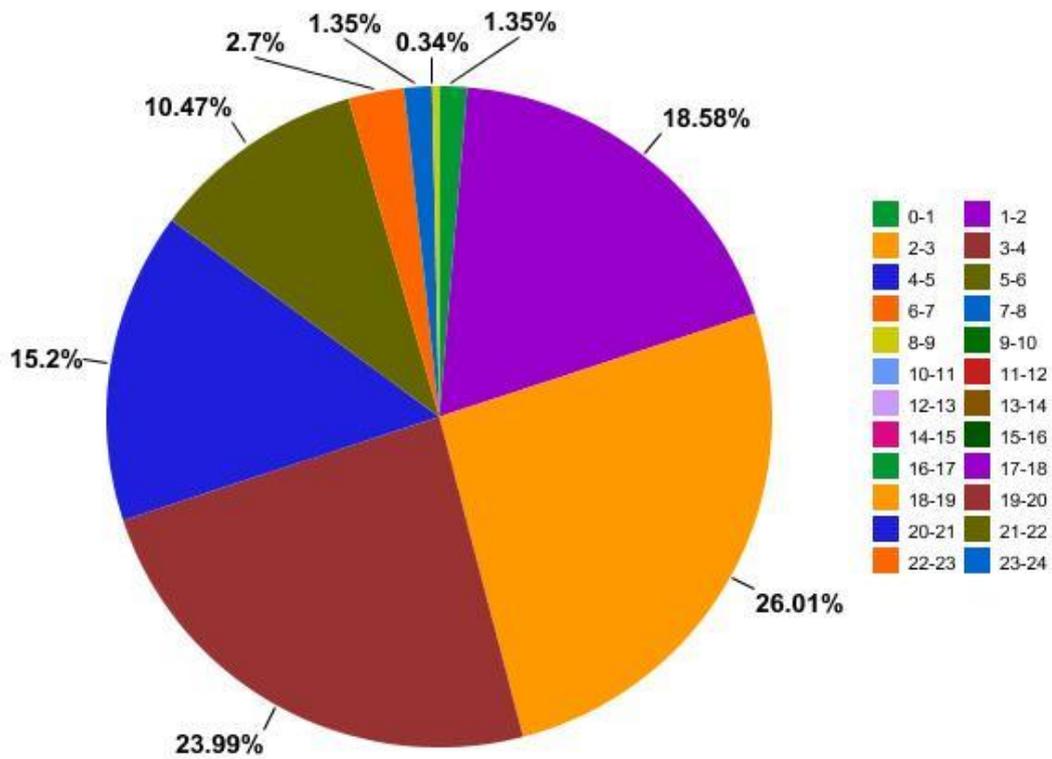


Gráfico 28 – Espessura média das lascas do Sítio Usina - 111

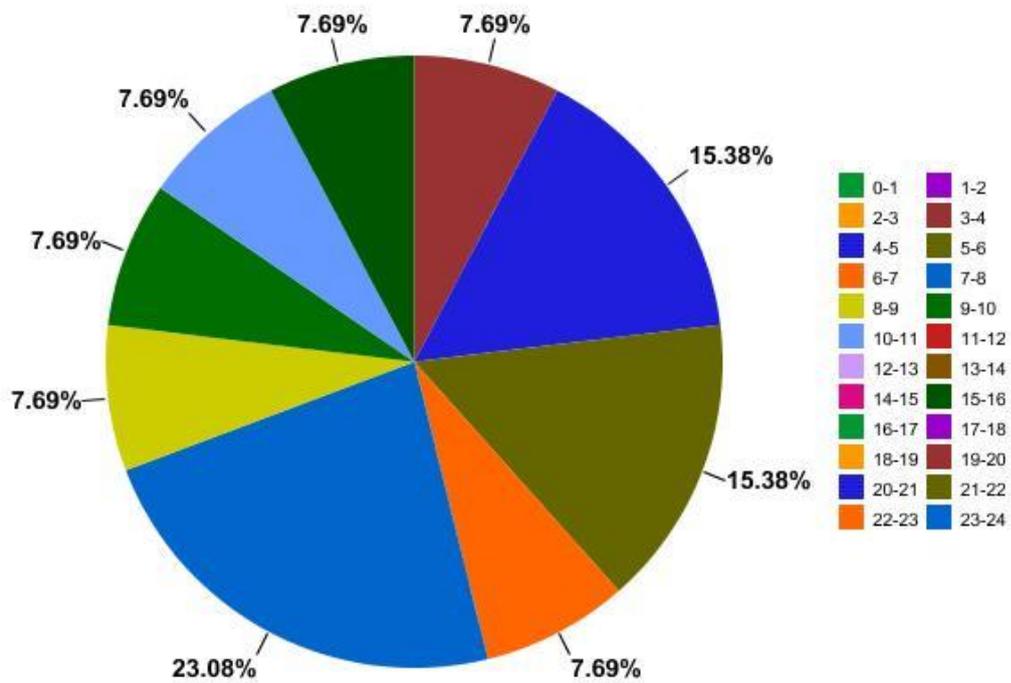


Gráfico 29 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 112

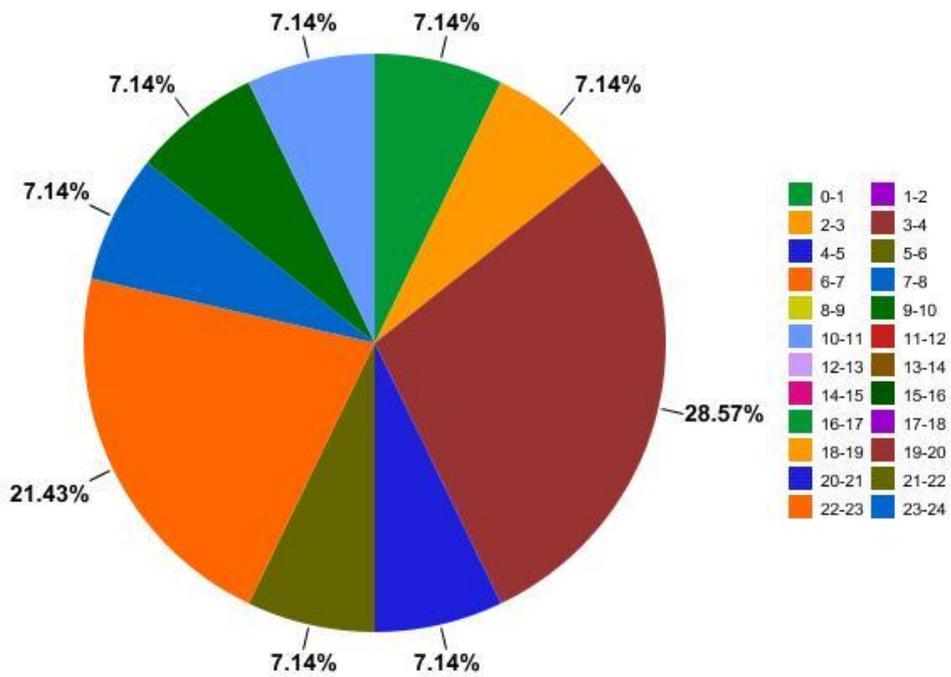


Gráfico 30 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 112

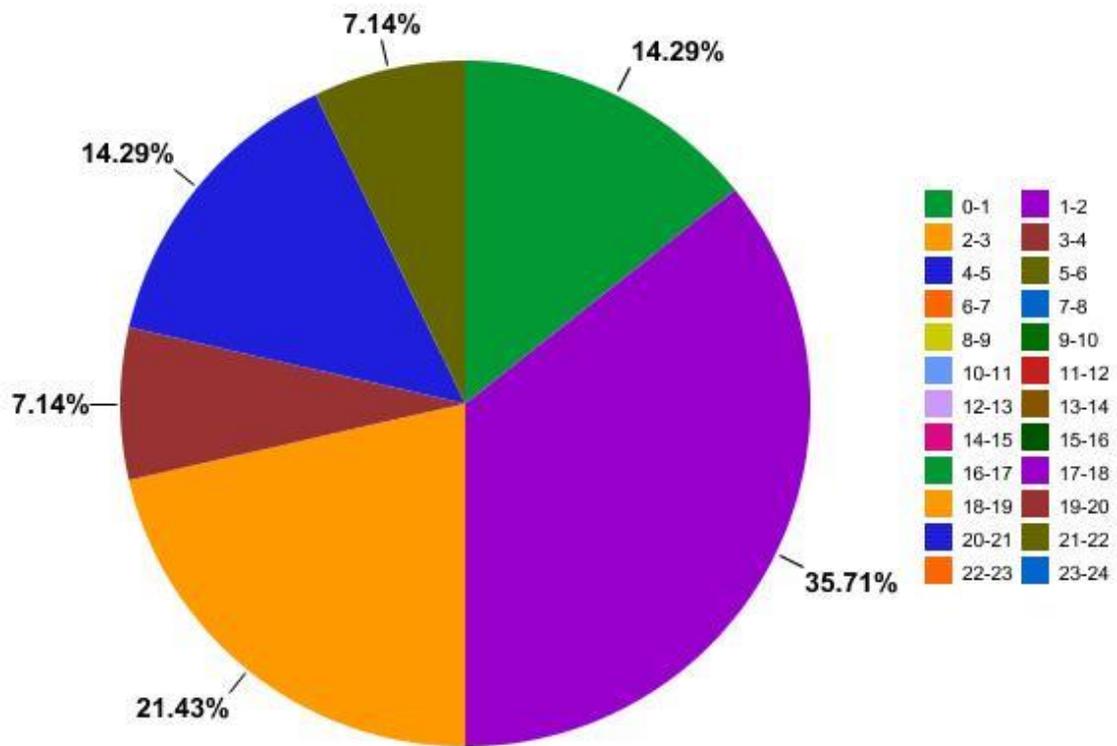


Gráfico 31 – Espessura média das lascas do Sítio Usina – 112

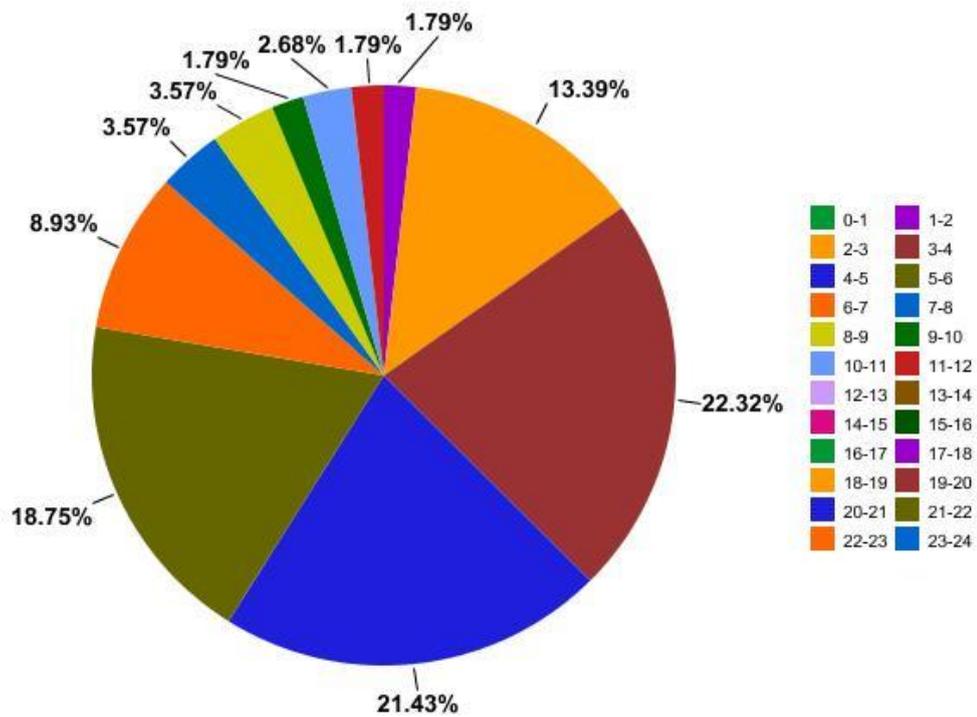


Gráfico 32 – Comprimento médio das lascas do Sítio Usina – 113

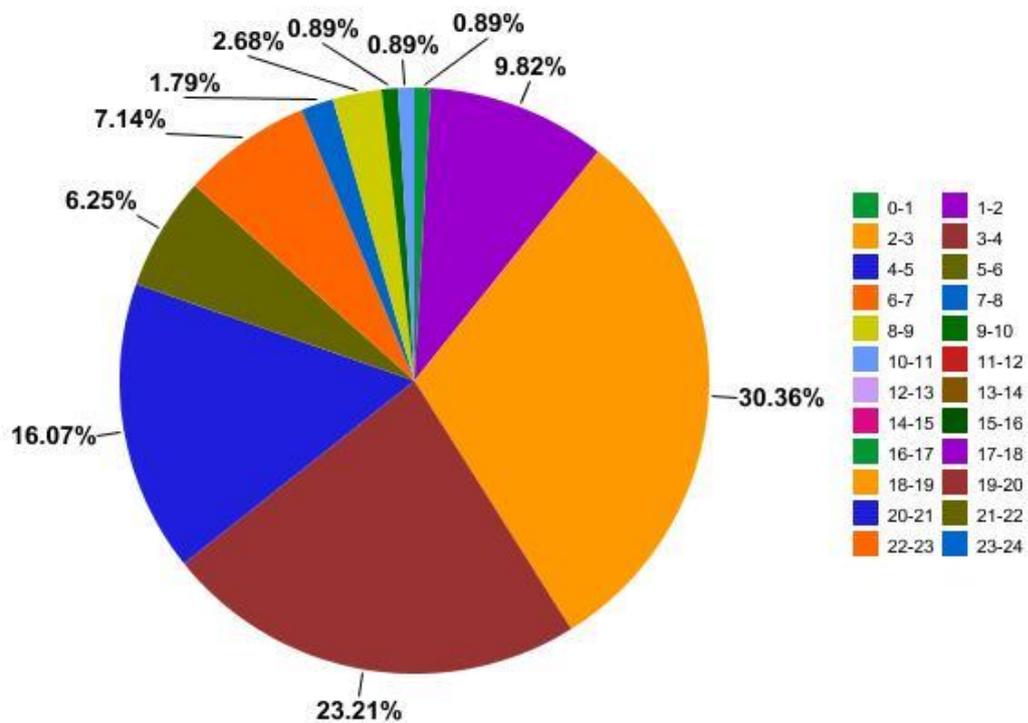


Gráfico 33 – Largura média das lascas do Sítio Usina – 113

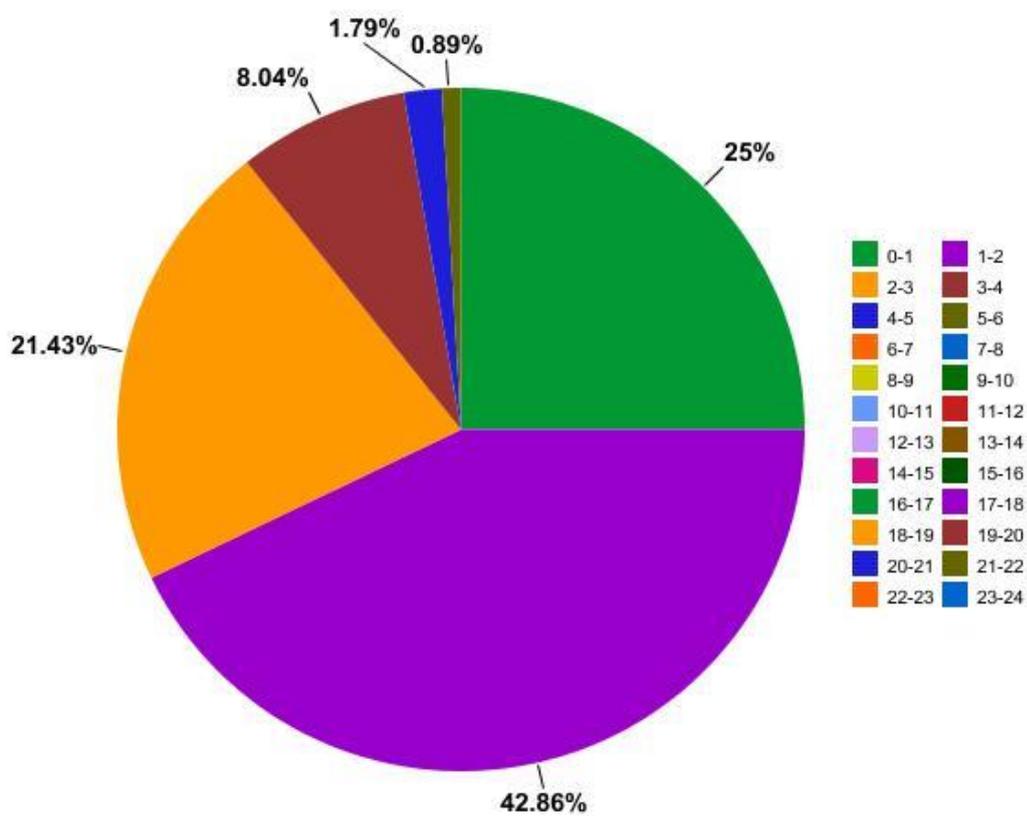


Gráfico 34 – Espessura média das lascas do Sítio Usina – 113



Figura 35 – Diferentes formatos de lascas pertencentes ao Sítio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 36 – Lasca de grande porte pertencente ao Sítio Castração (SOUZA, 2016).



Figura 37 – Diferentes formatos de lascas pertencentes ao Sítio Usina.

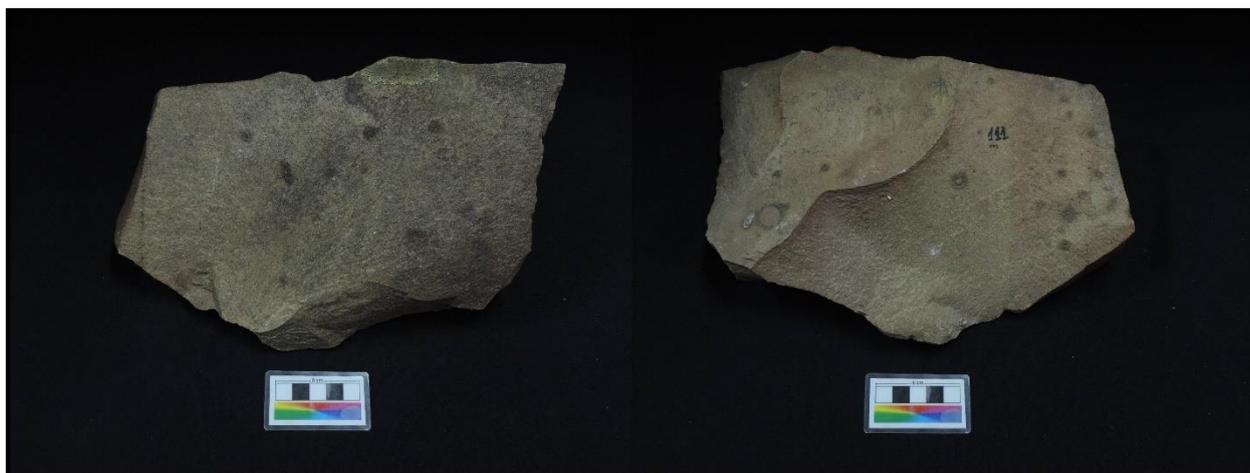


Figura 38 – Lasca de grande porte pertencente ao Sítio Usina.

A respeito do formato das lascas no Sítio Castração, (gráfico 35), há uma maior concentração do formato retangular seguido pelo semi-circular, triangular, quadrangular, circular, lascas de formato indefinido e trapezoidal. Já no Sítio da Usina (gráfico 36,37,38) temos em maior concentração retangular, seguido por semi-circular, triangular, quadrangular, indefinido e circular, apontamos mais uma vez que os dados são muito parecidos novamente, mesmo com uma concentração maior de peças analisadas. Desta forma há a apresentação de uma grande variedade de formatos que foram obtidos, principalmente os em maior quantidade com retiradas

no processo de *debitagem* de negativos paralelos, que possibilitam na maior parte dos casos a obtenção de produtos de forma tanto retangular, quanto quadrangular, onde o comprimento da peça está diretamente relacionado com a extensão da superfície de lascamento da qual esta foi desprendida (SILVA, 2014).

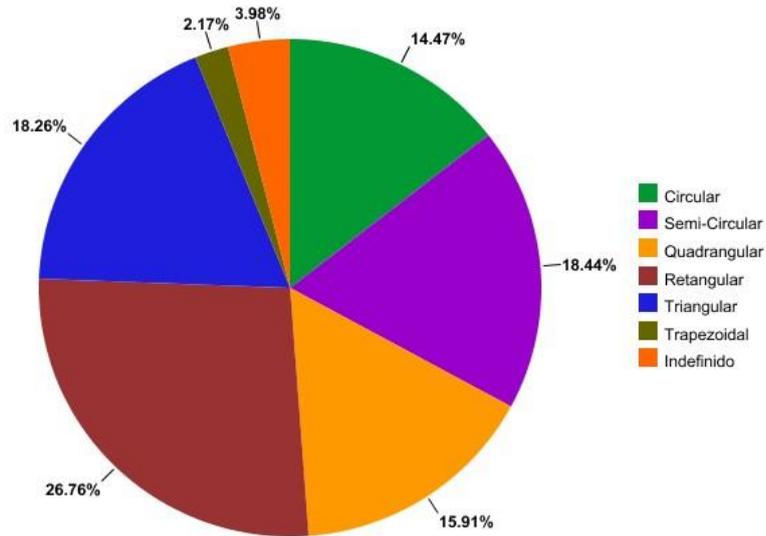


Gráfico 35 – Formato das lascas do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

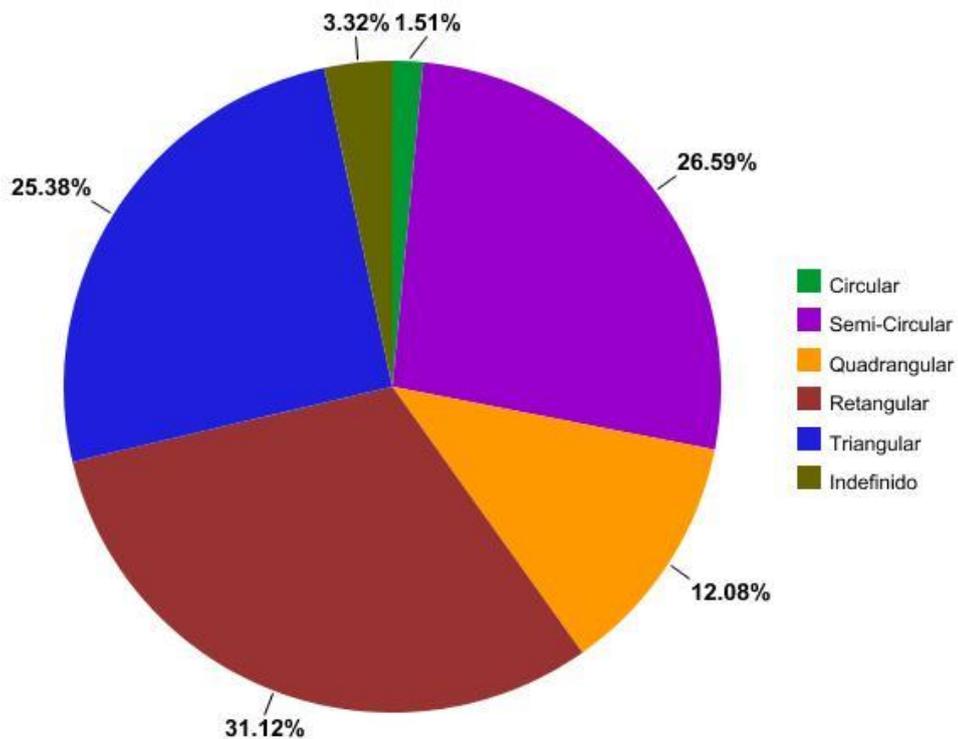


Gráfico 36 – Formato das lascas do Sítio Usina - 111.

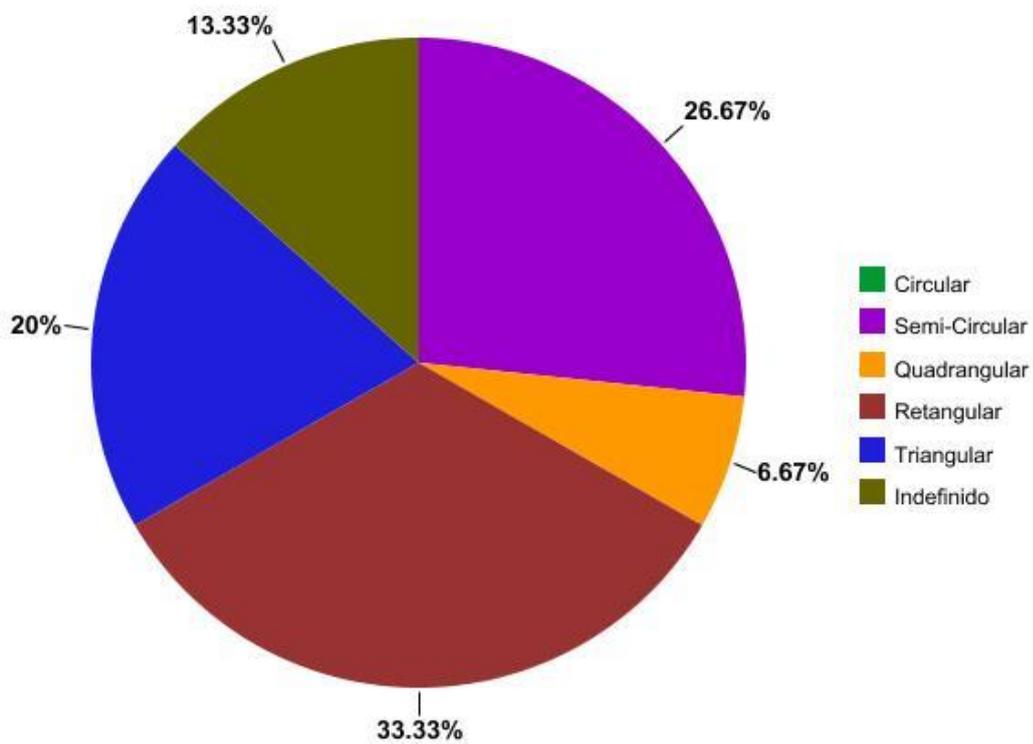


Gráfico 37 – Formato das lascas do Sítio Usina - 112.

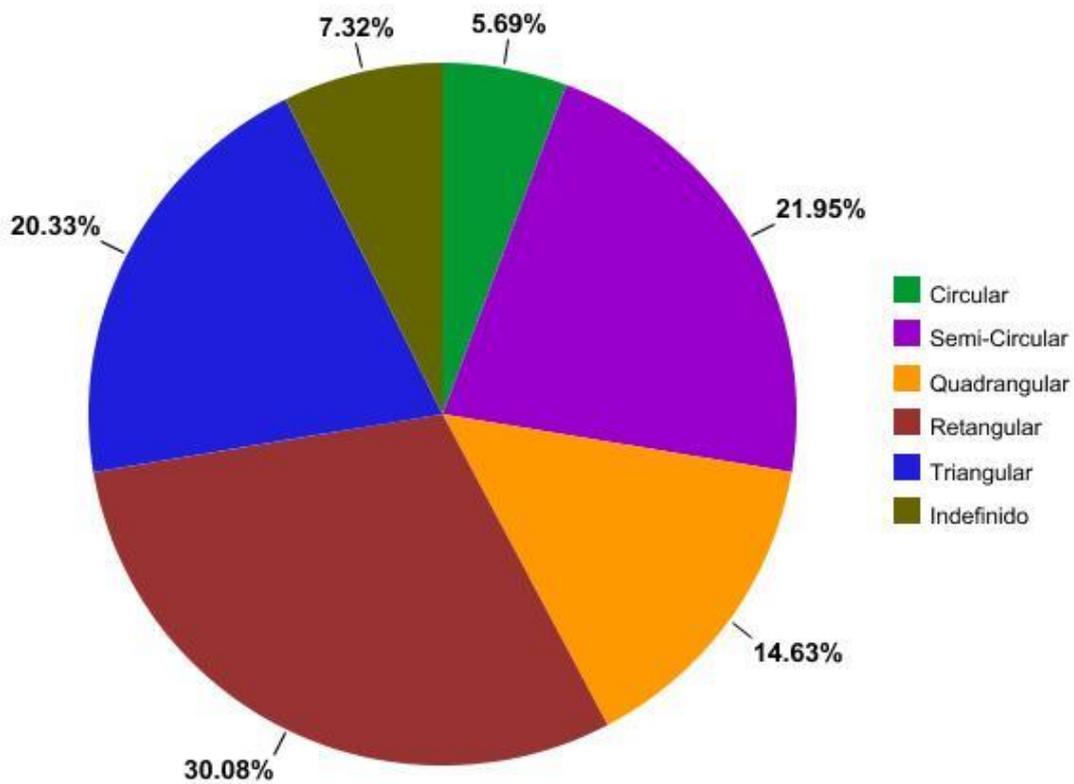


Gráfico 38 – Formato das lascas do Sítio Usina - 113.

O Gráfico 39, demonstra a porcentagem referente a orientação dos negativos presentes no Sítio Castração, em seguida nos Gráficos (40,41 e 42) do Sítio da Usina, temos os dados em acordo com o Sítio Castração, com a orientação paralelo de mesmo sentido em maior número, seguido de ortogonais e paralelos de sentido oposto.

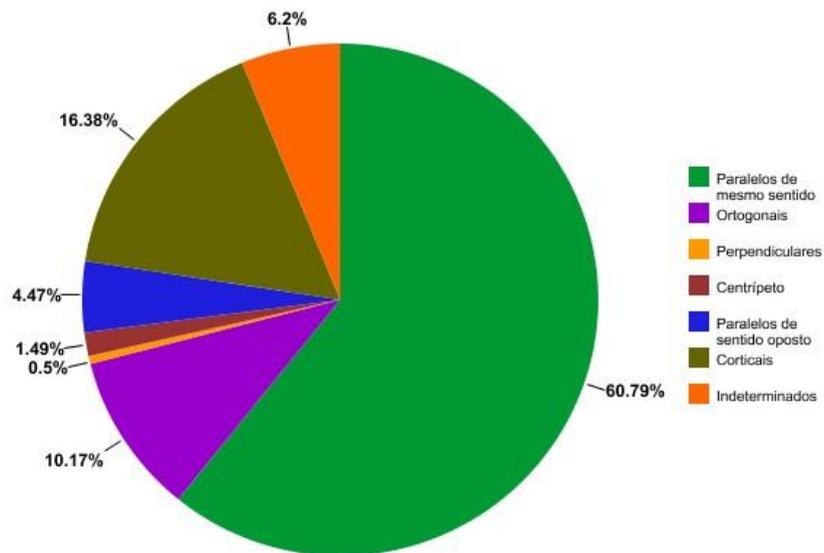


Gráfico 39 – Orientação dos negativos do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

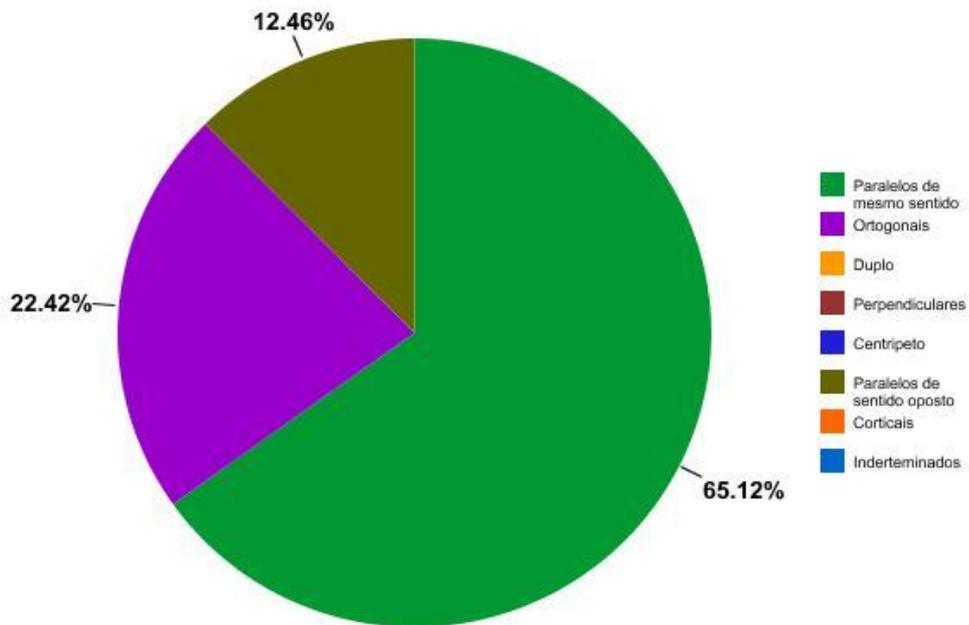


Gráfico 40 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 111.

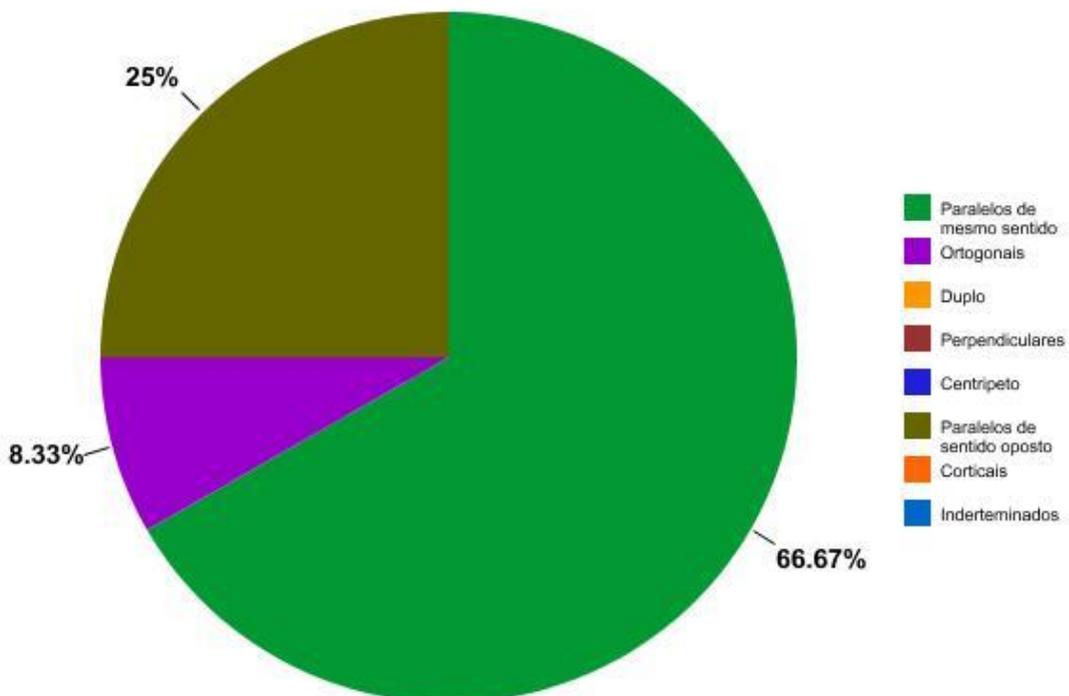


Gráfico 41 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 112.

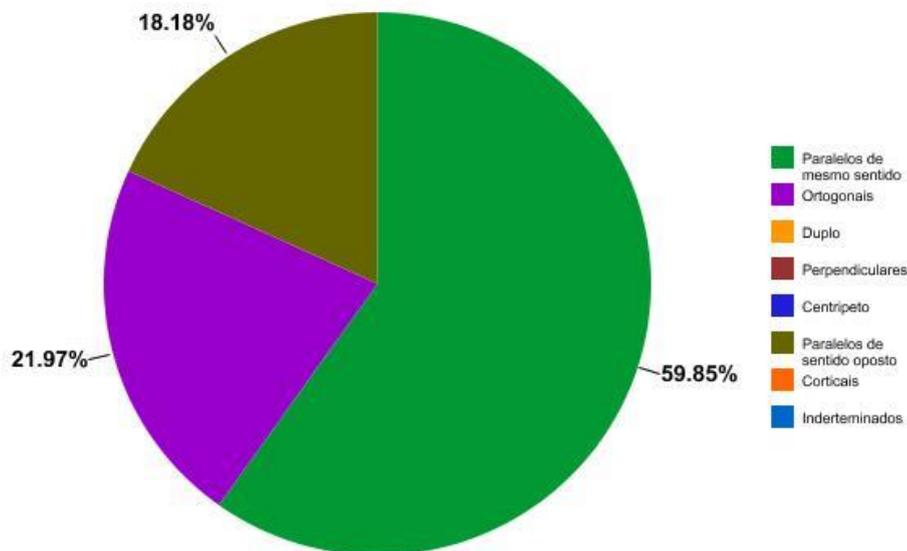


Gráfico 42 – Orientação dos negativos do Sítio Usina - 113.

Os sítios Castração e Usina apresentam como técnica de lascamento a percussão dura e como cita Silva (2014), podemos utilizar esta hipótese, pois os bulbos das lascas são majoritariamente salientes e apresentam ponto de percussão bem marcados, sendo em menor quantidade a presença de bulbos difusos. Assim, ao se relacionarem as dimensões dos talões das lascas do Sítio Castração (gráfico 47,48) e Usina (gráficos 49,50,51,52,53,54) e os tipos de bulbo (gráficos 55 e 56) e a preferência por superfícies planas pra o lascamento (fator atestado pela predominância de talões lisos), o que tudo indica é que a técnica de lascamento preferencial empregada na *débitage* seja a percussão direta com percutor duro.

Em relação aos tipos de talões no Sítio Castração (gráfico 43), ocorre o predomínio de talões lisos, seguidos de talões corticais, facetados, diedros, lineares e puntiformes, ocorrendo uma pequena variação pelo cortical em maior quantidade no Sítio Usina (gráficos 44,45 e 46). Os talões tendem a ser proporcionais ao tamanho das lascas e sugerem o uso preferencial da percussão direta com percutor duro.

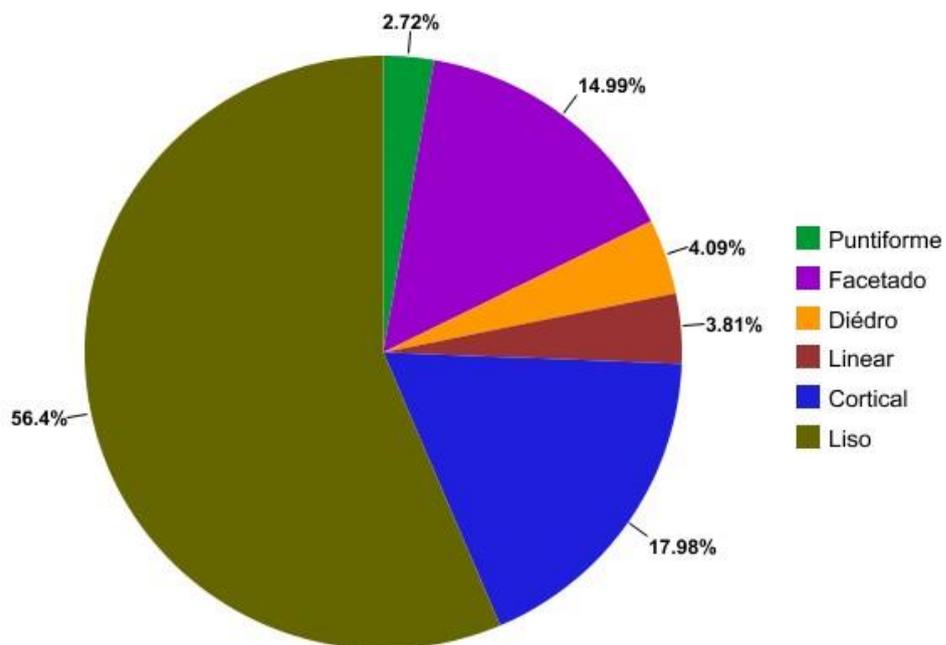


Gráfico 43 – Tipos de talão do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

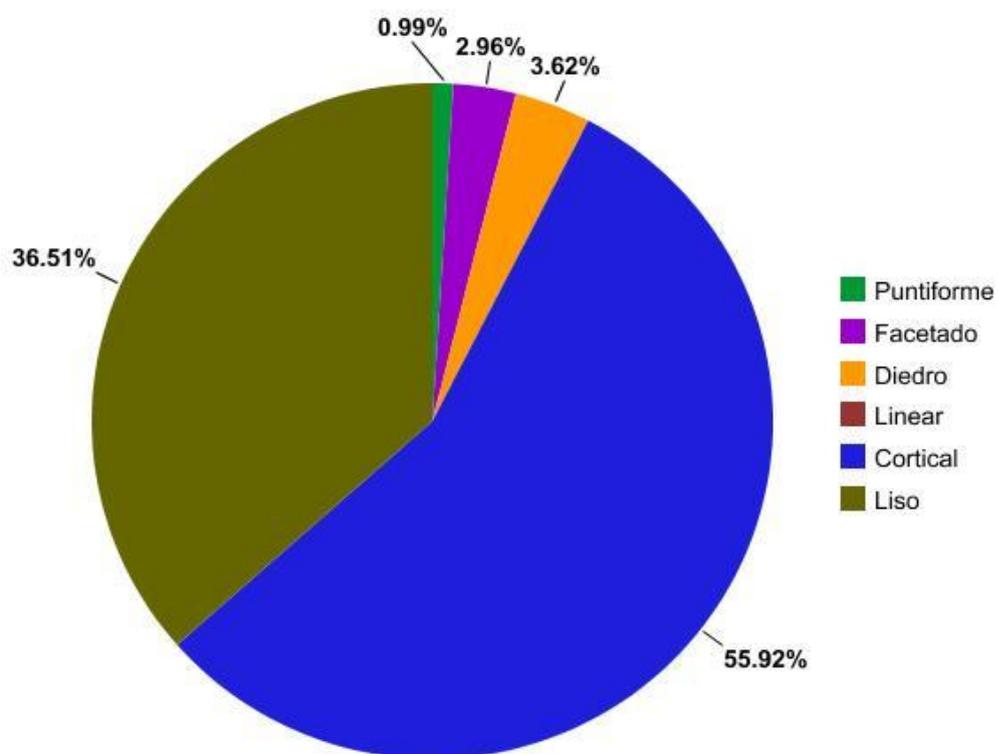


Gráfico 44 – Tipos de talão do Sítio Usina - 111.

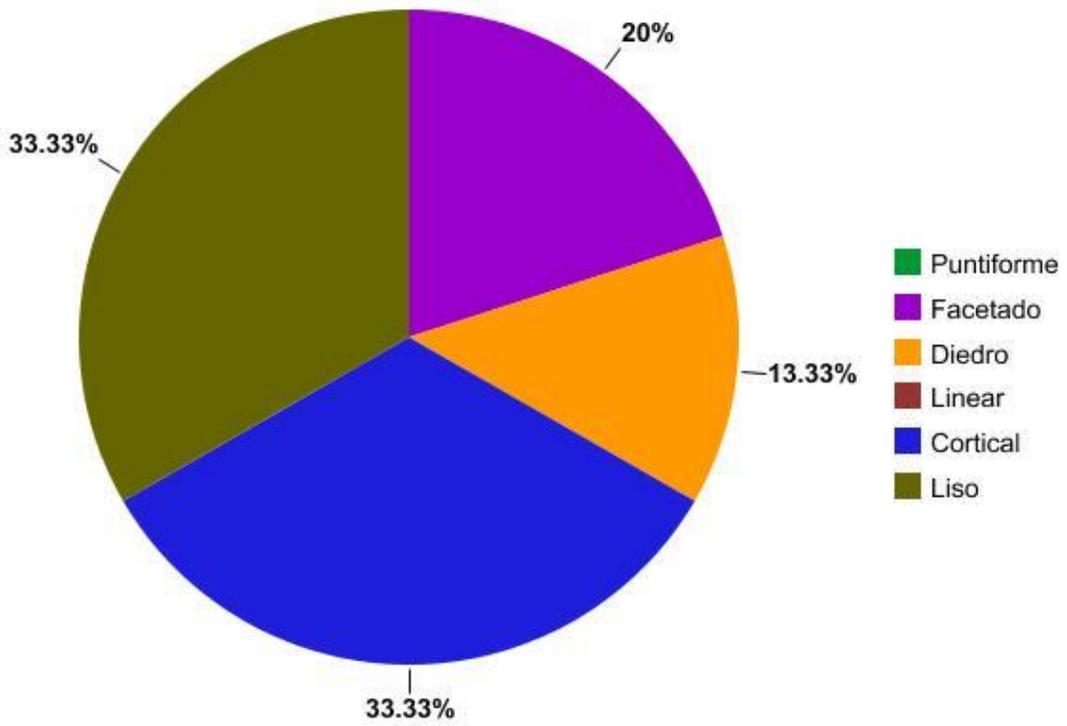


Gráfico 45 – Tipos de talão do Sítio Usina - 112

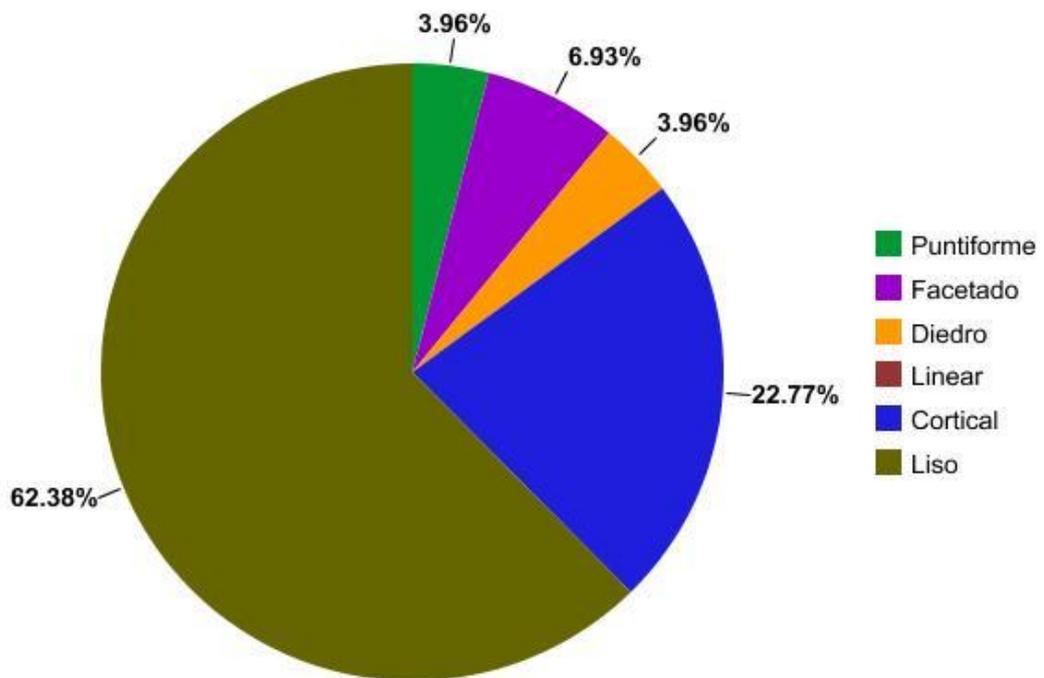


Gráfico 46 – Tipos de talão do Sítio Usina - 113.

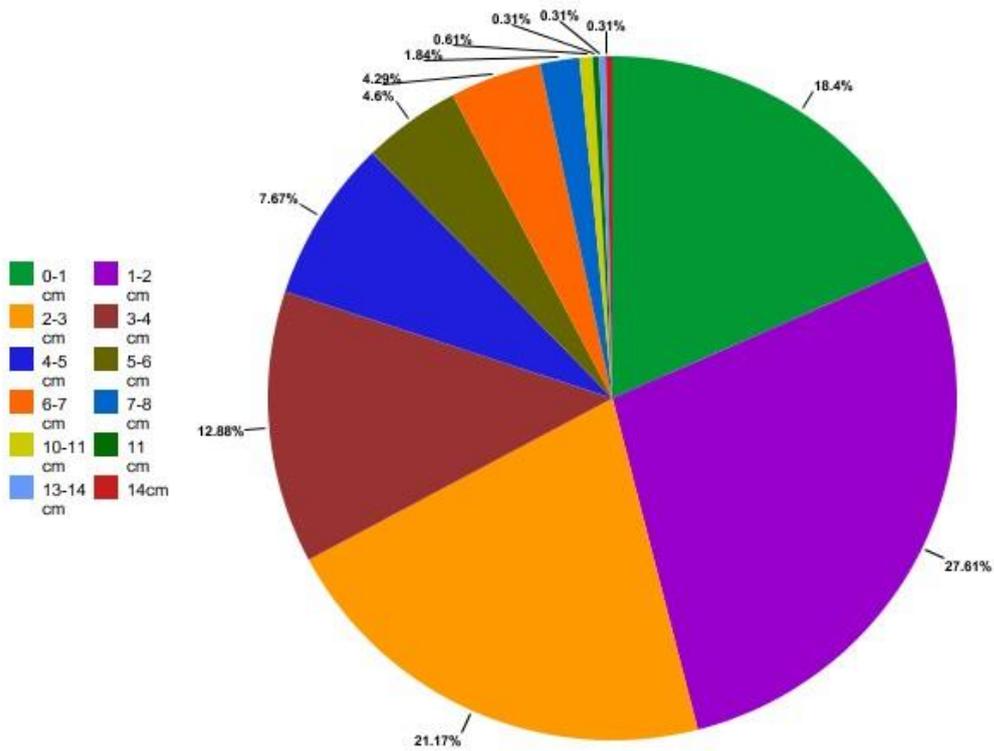


Gráfico 47 – Comprimento médio dos talões do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

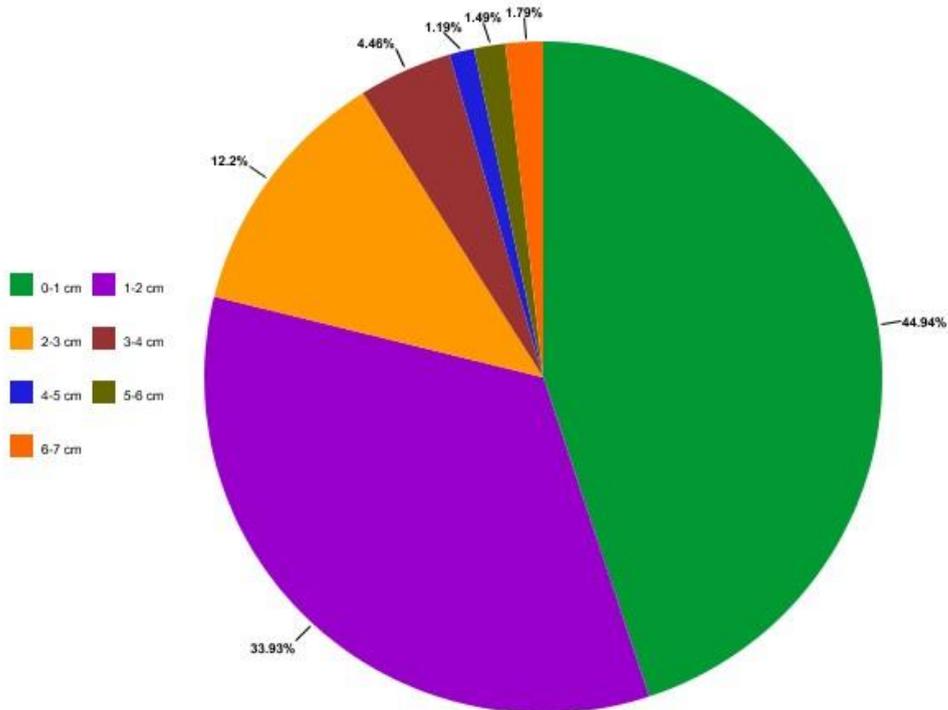


Gráfico 48 – Espessura média dos talões do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

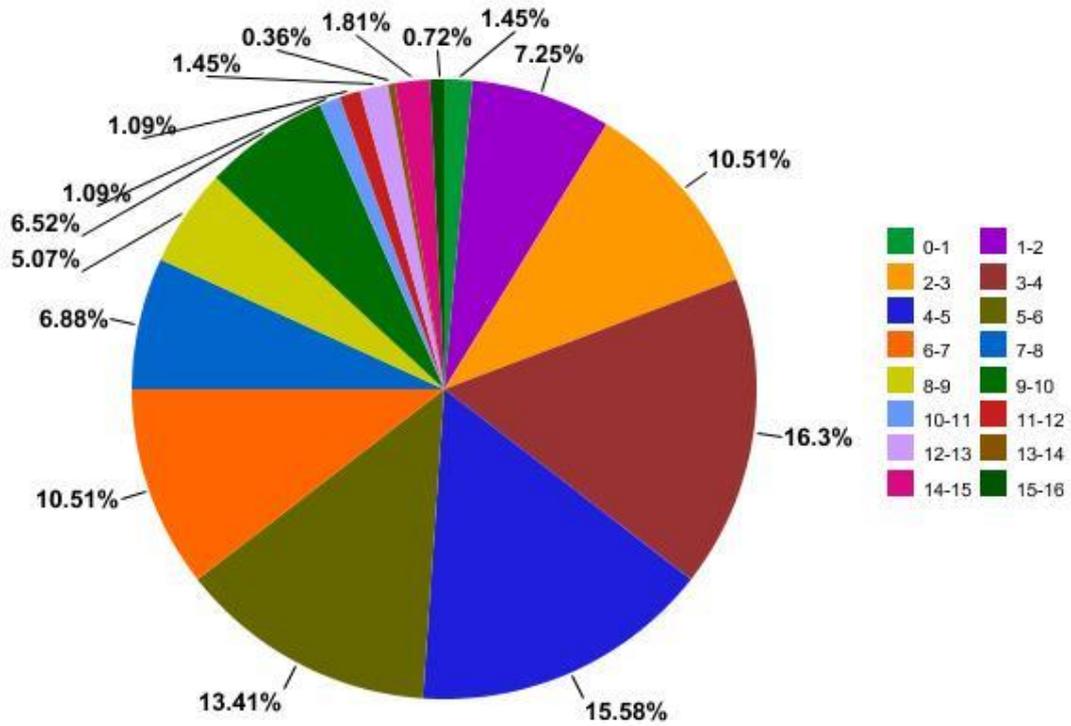


Gráfico 49 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 111.

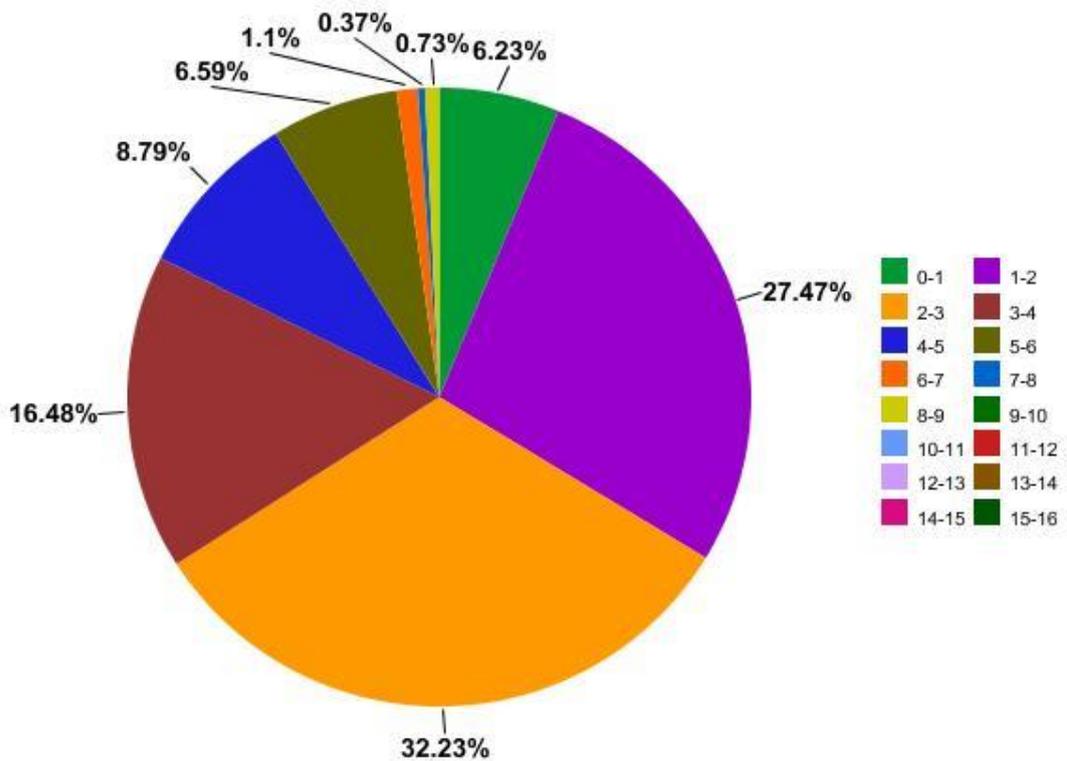


Gráfico 50 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 111.

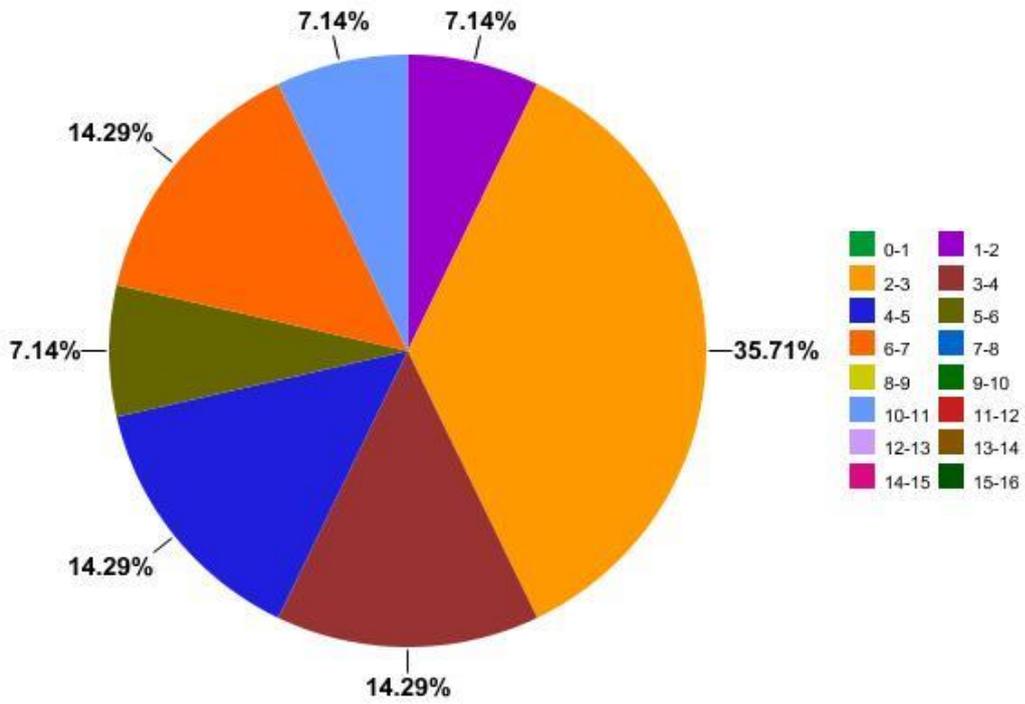


Gráfico 51 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 112.

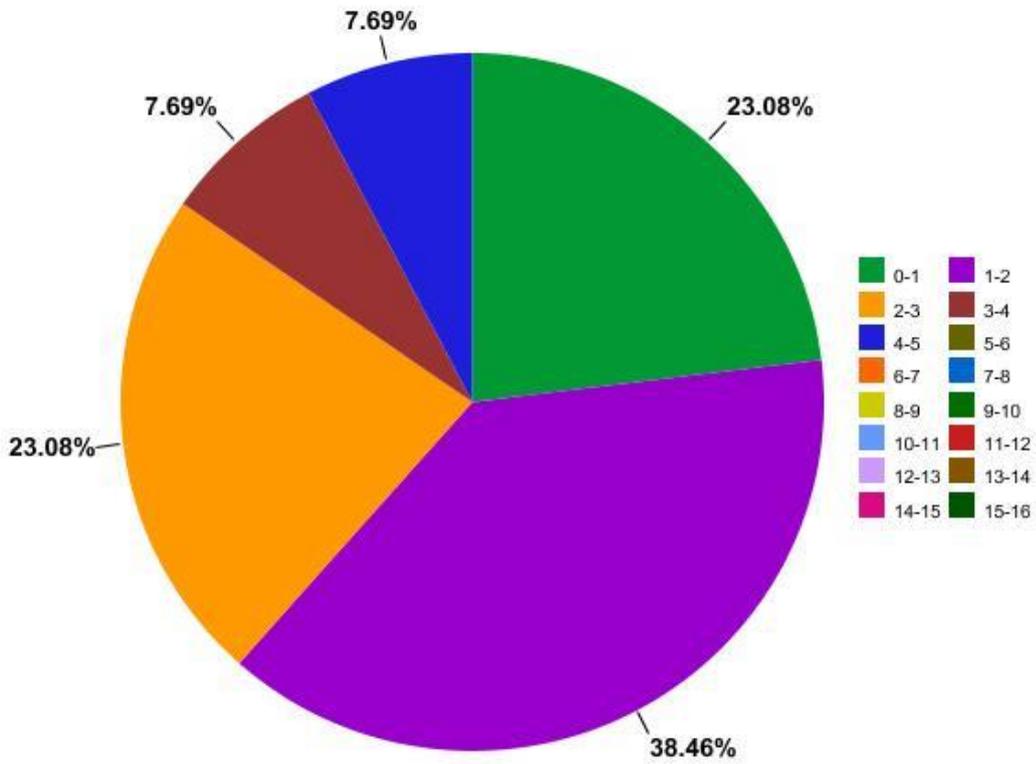


Gráfico 52 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 112.

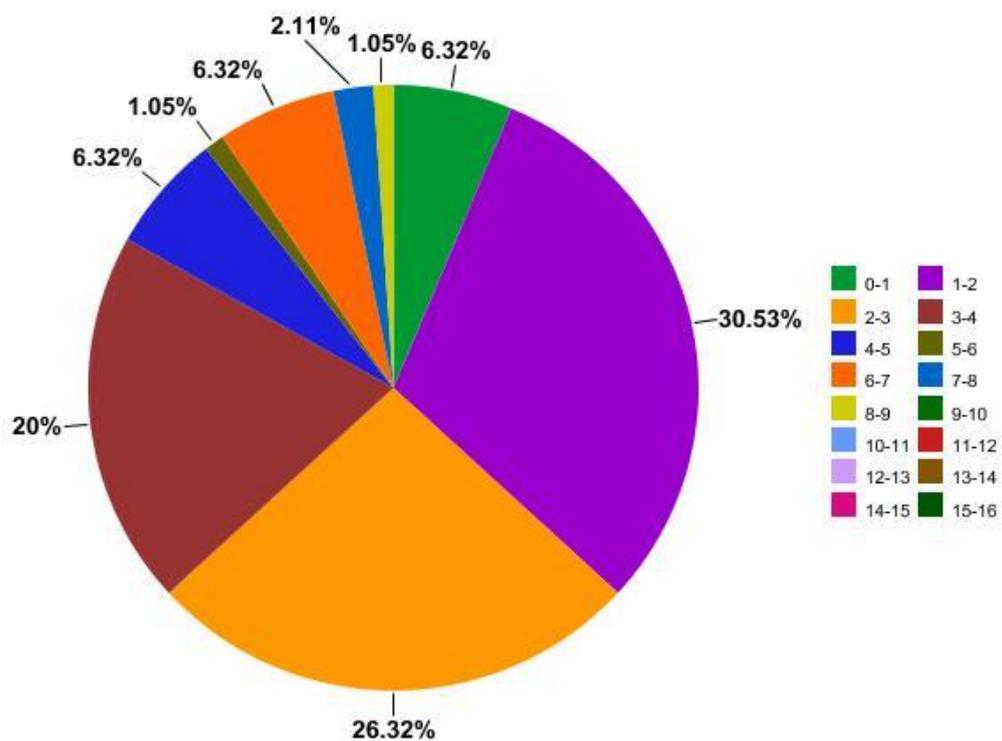


Gráfico 53 – Comprimento médio dos talões do Sítio Usina - 113.

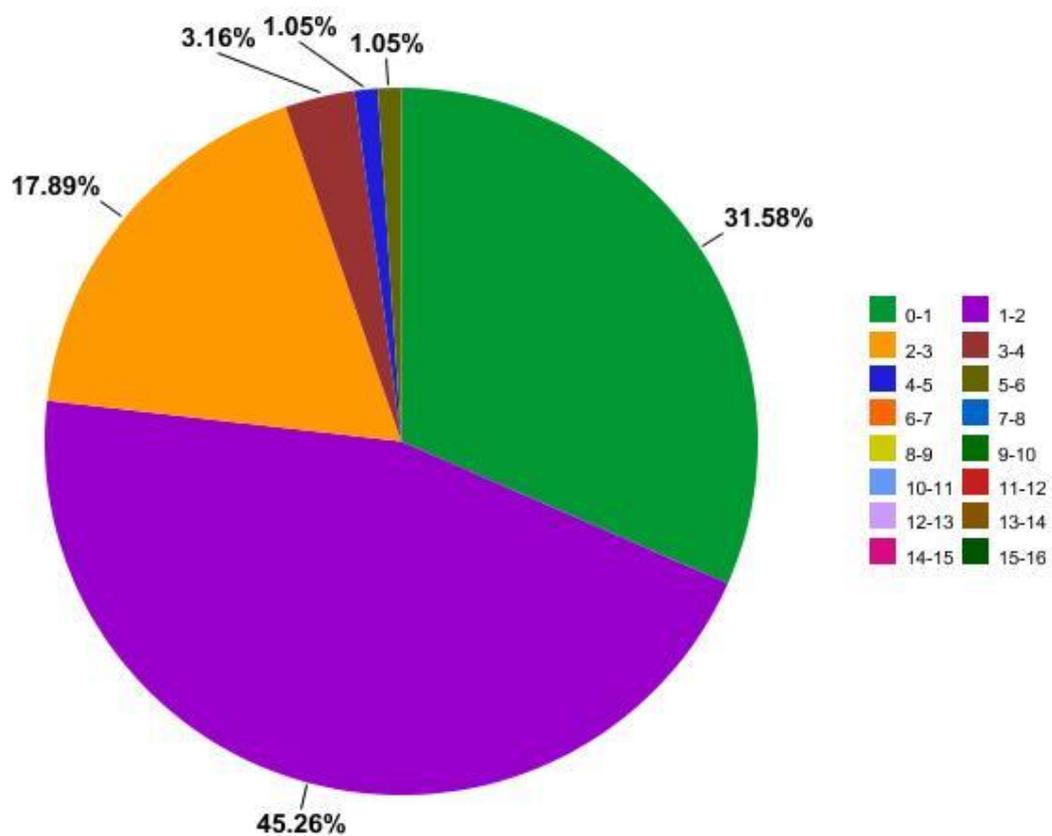


Gráfico 54 – Espessura média dos talões do Sítio Usina - 113

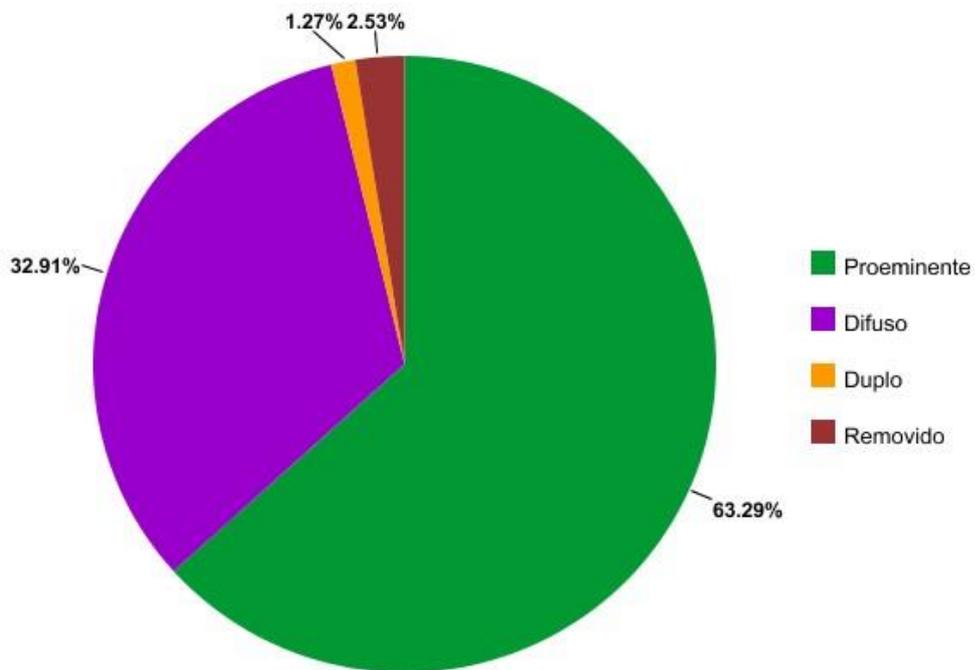


Gráfico 55 – Tipos de Bulbo do Sítio Castração (SOUZA, 2016).

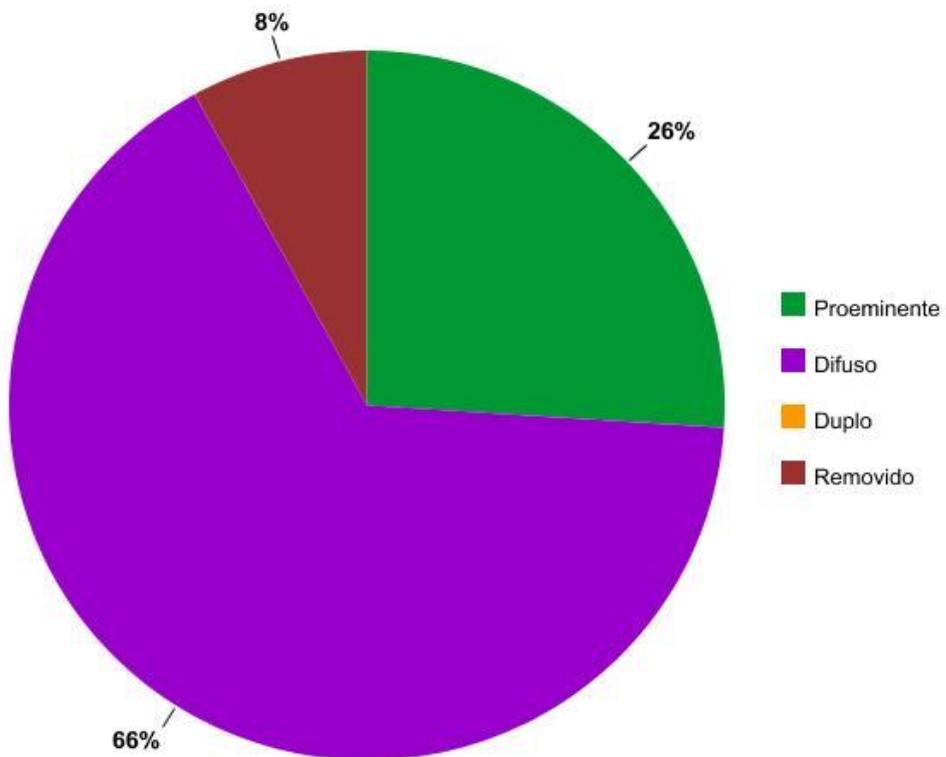


Gráfico 56 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina - 111.

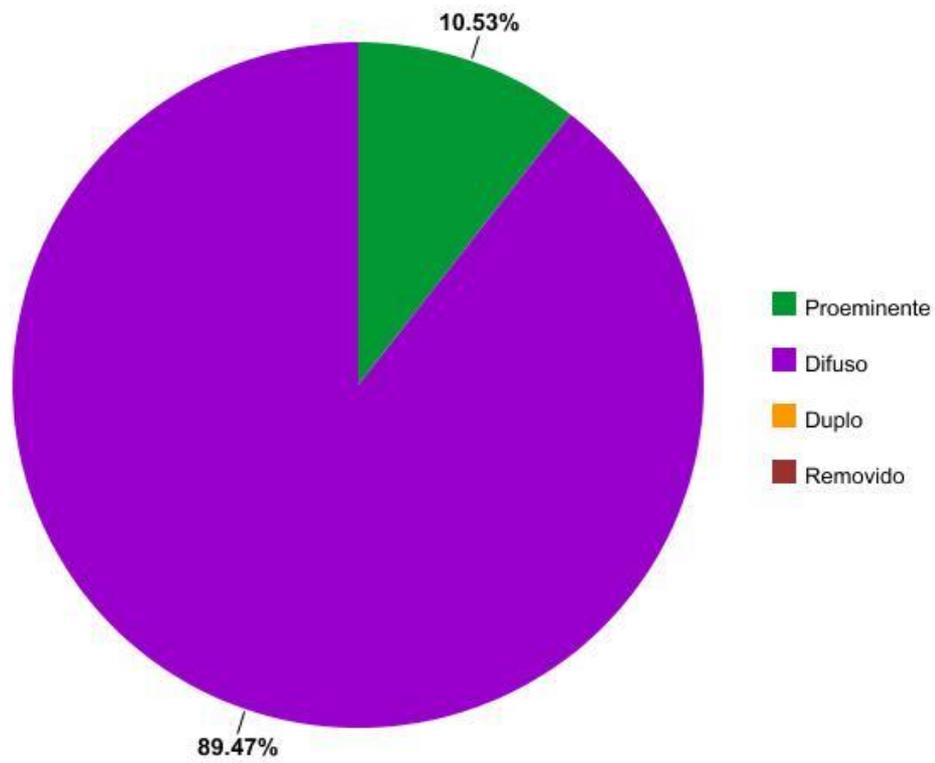


Gráfico 57 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina - 112.

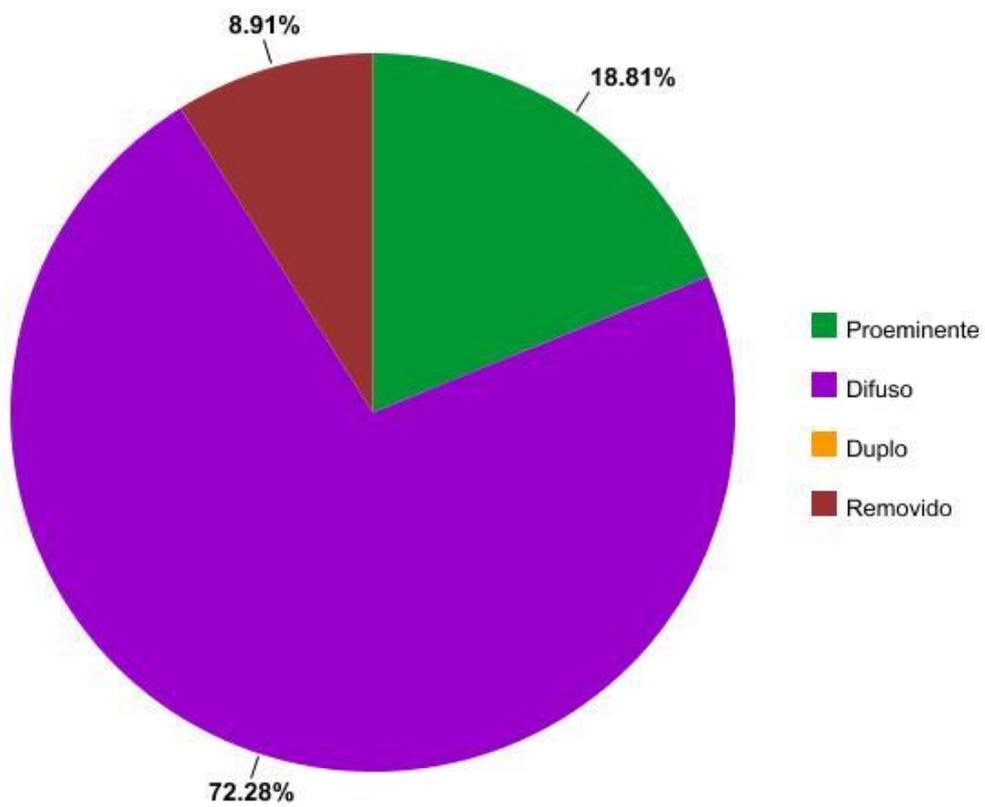


Gráfico 58 – Tipos de Bulbo do Sítio Usina - 113

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa está localizada no município de Uruguaiana, sendo muito rica em termos arqueológicos, e apresentando grande quantidade de sítios com material lítico, além de várias fontes de matéria-prima para a confecção desse material lascado, e nesse sentido as pesquisas arqueológicas na região de Uruguaiana são indispensáveis na construção e compreensão do panorama cultural desses grupos pretéritos, entendemos que as mesmas devem ser continuadas, sobretudo pela necessidade de uma análise aprofundada dos artefatos líticos, dispostos na totalidade da região.

Acreditamos que compreender as sequências técnicas torna-se fundamental na interpretação da variabilidade dos sistemas de produção dos instrumentos e como Viana (2005) aponta, compreender a variabilidade abrange uma série de requisitos, indispensáveis na análise dos vestígios líticos, e um deles seria a paisagem, mas infelizmente devido ao tempo curto desta pesquisa, não foi possível abranger esta temática tão importante, que entendemos ser fundamental em pesquisas futuras. Quanto as cadeias operatórias, admite-se que suas etapas de produção não se desenvolvem necessariamente em um mesmo espaço, assim devemos considerar os deslocamentos e os diversos espaços utilizados, desde o local de captação de matéria-prima, os espaços em que desenvolvem-se os processos técnicos, que não são necessariamente os mesmo em que as matérias-primas são exploradas, as estratégias desempenhadas pelos artesãos, finalizando pelo local de descarte e sua utilização (Gomes, 2014).

E como aponta Gomes (2014), impossível considerar um aspecto cultural de forma isolada, sem estabelecer a relação entre outras características culturais para a distinção dos grupos pré-históricos, somente através da junção de informações provenientes de todas essas manifestações culturais poder-se-á distinguir os conjuntos artefatuais como pertencentes a um mesmo grupo cultural.

Assim apontamos que a análise tecnológica configura-se como uma abordagem mais “humanizada” em relação ao material lítico, posto que esta ultrapassa a descrição minuciosa dos objetos, abrangendo também os procedimentos e gestos relacionados à confecção dos mesmos. Tornasse, portanto, possível à reconstituição do processo de confecção dos instrumentos e gerenciamento de matéria-prima utilizada pelos artesãos.

Assim ao iniciar este trabalho não seria a quantidade de peças que nutriria o quadro interpretativo, mas em que medida as cadeias operatórias responderiam, ou seja, propiciando o entendimento de partes do processo produtivo.

Ao analisar esta materialidade e juntar os dados apontamos que 99,99% da matéria prima utilizada é o arenito silicificado nos dois sítios, apenas uma peça sendo de calcedônia no Sítio Castração, e que as duas coleções são exclusivamente proeminentes do sistema de debitagem.

A respeito dos núcleos se percebe uma pequena quantidade existente no sítio Castração (47) e a pouca exploração dos mesmos, além de serem pouco elaborados, mostrando, assim, que os núcleos foram pouco preparados. Mas já no Sítio Usina, compreendemos 226 peças como núcleos e ao analisar entendemos que os núcleos presentes no Sítio Castração e Usina (226), pertencem ao sistema C e D. Em análise, entendemos que a categoria mais expressiva equivale aos núcleos do sistema C, que são aqueles cujos critérios técnicos de predeterminação já se encontram naturalmente presentes na superfície do bloco, e a segunda categoria de maior proporção equivale aos do sistema D, cuja estrutura adicional necessita de uma preparação (sobretudo, na superfície de debitagem) para obter os produtos desejados, mesmo aproveitando uma série de critérios naturais do bloco.

Sobre os instrumentos nos dois Sítios Arqueológicos, junto a análise foi possível identificar que a maior parte dos suportes não apresenta apenas uma parte ativa, mas que predominam também peças com duas unidades ativas, muitas vezes com distintas delineações e inclinações de gume, o que parece apontar para funcionalidades distintas em um mesmo suporte, mas não podemos inferir com certeza qual era a função exata dos mesmos, pois não realizamos o estudo de microvestígios de lascamento, somente exames de traceologia poderiam confirmar seu uso. Podemos dizer apenas que, os suportes analisados apresentam grande potencial para o corte e desempenhariam (ou desempenharam) com eficiência essa função.

Apontamos ainda uma hipótese de reutilização de suportes por grupos em temporalidades diferentes, pois de acordo com as peças apresentadas no capítulo 3, as mesmas apresentam negativos de debitagem, com córtex em sua superfície, o que nos remete a esta ideia e compreendemos ainda uma possível utilização de instrumentos dos dois sítios para raspagem de madeira, devido aos seus gumes

côncavos e largos, entendemos esta possível utilização através de experimentações junto ao Instituto Terra e Memória – ITM -Portugal, em trabalho conjunto com o arqueólogo Pedro Cura.

De acordo com análise compreendemos que os dois sítios fazem partes de um mesmo conjunto cultural, acreditamos que o material foi manufaturado provavelmente pelo mesmo grupo.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, A. **As geociências e suas implicações em teoria e métodos arqueológicos**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia: São Paulo, 1999. p.35-45.
- AREND, L. M. **Geografia Física**. In: Rio Grande do Sul Aspectos da Geografia. (Org.) Harry Rodrigues Bellomo. 4ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.
- AUDOUZE, Françoise. **Leroi-Gourhan, a Philosopher of Technique and Evolution**. In: Journal of Archaeological Research, Vol. 10, No. 4, December - 2002.
- AUDOUZE, Françoise; LEROI-GOURHAN, André. **France: A continental Insularity**. World Archaeology : Regional Traditions of Archaeological Research I, vol. 13, nº 2, p. 170-189, 1981.
- BERGSON H. **Matière et Mémoire**. 8e édition. Paris : PUF, Coll. Quadrige, Grands textes, 2008.
- BINFORD, L. R. **Willow Smoke and Dogs' Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation**; American Antiquity, Vol. 45, No. 1, 1980.
- BOËDA, E. **Approche de la variabilité des systèmes de production lithique des industries du Paléolithique inférieur et moyen: chronique d'une variabilité attendue**. Culture et technique 17-18, 37-79, 1991.
- _____. **Les techniques des hommes de la préhistoire pour interrogerle présent**. Septième École d'été de l'ARCo. Bonas: UMR CNRS, 2000.
- _____. **Paléo-technologie ou anthropologie des Techniques ?** Arob@se, Vol 1, 46-64, 2005.
- _____. **Technogénèse des systèmes de production lithique au Paléolithique moyen inférieur et moyen en Europe occidentale et au Proche-Orient**. Habilitation à diriger des recherches, 2 vol., Nanterre, Université de Paris X – Nanterre, 1997.
- _____. **Techno-logique & Technologie: Une Paléo-histoire des objets lithiques tranchants**. S/l: @rchéo-éditions, 2013.

BÓRMIDA, Marcelo. **El Cuareimense: Una antigua industria lítica en el norte del Uruguay**. Publicaciones del Seminario de Estudios Americanos. Homenaje a Marques Miranda. Madrid, 1964.

BROCHADO, J. J. P. **Histórico das pesquisas arqueológicas no Estado do Rio Grande do Sul**. In: Iheringia. Série Antropologia, n.1, Museu Rio Grandense de Ciências Naturais: Porto Alegre, 1969. P.3-42.

CARVALHO, Fernando L.; DINIZ-FILHO, José A. F. e VALVA, Fabrício D.. **Evolução humana e o povoamento da América**. São Cristóvão: MAX, 2005.

CLARKE, D. **Spatial Archaeology**. Cambridge, 1977.

DEFORGE, Y. **Technologie et génétique de l'objet industriel**. Collection Université de Compiègne. Paris : Ed. Maloine, 1985.

DEMANGEOT, J. **Os meios “naturais” do globo**. Tradução de Ribeiro Martins; Nogueira Santos. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

DIAS, A. **Estudo da Representatividade de Pontas de Projétil Líticas Enquanto Marcadores Temporais Para a Tradição Umbu**. In: Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Vol.1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. P.309- 332.

_____. **Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém v.2,n.1, 2007. P.59-76.

_____. **Painel dos Últimos Trinta Anos de Pesquisas Arqueológicas dos Caçadores-coletores do Sul do Brasil**. In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. P.52-59.

_____. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2003.

EIROA, J. J. **Nociones de prehistoria general**. Madrid: Editorial Ariel, 2006.

FIEDEL, S. J. **Prehistory of the Americas**, Cambridge University Press 1999.

FILHO, Pedro. E. L. **Peter Wilhelm Lund: O auge das suas investigações científicas e a razão para o término das suas pesquisas**. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2007.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento. A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil - 12.000/10.500 B.P.)** Tese de Doutorado apresentada à PUC-RS, 2001.

_____. **Instrumentos líticos unifaciais da transição Pleistoceno-Holoceno no planalto central do Brasil: Individualidade e especificidade dos objetos técnicos.** Canindé, Xingó, v. 3, p. 9-36, 2003.

GALHARDO, D. A. **Tecnologia lítica: Estudo da variabilidade em sítios líticos do nordeste do estado de São Paulo.** Dissertação de Mestrado, São Paulo, MAE, 2010.

GARDIN, J-C. **L'anàlisi logicista de les teories arqueològiques.** Cota Zero: Revista D'arqueologia i Ciència, n.14, 1998.

GOMES, F. **Arqueologia e Pré-história Platina na Margem Esquerda do Médio Rio Uruguai.** Dissertação de Mestrado, Santa Maria: CPGMILA, 2002.

_____. **Entre locais e lugares: os vestígios dos antigos caçadores-coletores no arroio Touro-passo, Uruguiana- RS.** Tese de Doutorado, UFRGS, 2016.

GOMES, H.K.T. **Tecnologia Lítica: análise do material lítico do Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro, Antônio Almeida, Piauí.** Dissertação de Mestrado, UFPI, 2014.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios;** Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2007.

GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009.

HILBERT, Klaus. **Aspectos de la arqueología en el Uruguay.** Mainz am Rhein: Von Zabern, 1991.

_____. **A Variabilidade de Conjuntos Líticos Frente a Funcionalidade de Sítios Arqueológicos de Caçadores-coletores.** In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1999. p.73-79.

_____. **Arqueologia pré-histórica do Uruguai: uma revisão.** Estudos Ibero-Americanos, v. XX, n.1, Porto Alegre: PUCRS, 1994.

_____. **Indústrias líticas como vetores de organização social ou: um ensaio sobre pedras e pessoas. Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira.** In: BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.95-116.

HOELTZ, S. **Artesãos e Artefatos Pré-históricos do Vale do Rio Pardo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

_____. **As Tradições Umbu e Humaitá: releitura das indústrias líticas das fases Rio Pardinho e Pinhal através de uma proposta alternativa de investigação**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

_____. **Artesãos e artefatos pré-históricos do vale do rio Pardo**. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 1997^a.

_____. **As Tradições Umbu e Humaitá: sítios Bom Jardim Velho (RS-C-14) e Boa Vista 2 (RS-Vz-25): características tecno-tipológicas**. In: MENDONÇA DE SOUZA, S. (org). *Arqueologia e suas interfaces disciplinares: Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. CDRom. Rio de Janeiro, 1997b.

_____. **Tecnologia lítica: Uma proposta para a compreensão das indústrias líticas do Rio Grande do Sul: Brasil em tempos remotos**. Porto Alegre, PUCRS, 2005.

HUGARTE, Renzo Pi. **El Uruguay Indígena**. Montevideo, 1969.

INGOLD, T, **Being alive: essays on movement, knowledge and description**; Routledge, NY, 2011.

_____. **The Perception of the Environment, Essays on livelihood, dwelling and skill**; ROUTLEDGE, New York, 2000.

_____. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, 25-44, 2012.

INIZAN, M.L.; et al. **Technologie de la pierre taillée. Cercle de recherches et d'études préhistoriques**. Meudon: CNRS. 1995, 199 p.

JACOBUS, A. **Arqueofauna na Tradição Umbu**. In: Revista do CEPA, Vol.23, n.29, Santa Cruz do Sul, Editora da UNISC, 1999. P.88-93.

KERN, A. **Antecedentes Indígenas**. Síntese Rio-grandense, Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1994.

_____. **Origens da Ocupação Pré-histórica do Rio Grande do Sul na Transição Pleistoceno-Holoceno.** In: KERN (Org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. P. 89-102.

LAMING-EMPERAIRE, A. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul.** *Manuais de Arqueologia 2,* CEPA, Curitiba, 1967. 155 p.

LEROI-GOURHAN, A. (org.) **Pré-História.** São Paulo: EDUSP-Pioneira Editora, 1981.

_____. **Evolução e Técnicas I: O Homem e a Matéria.** Lisboa: Edições 70, 1984a.

_____. **Evolução e Técnicas II: O Meio e as Técnicas.** Lisboa: Edições 70, 1984b.

_____. **Dictionaire de la Préhistoire.** Paris: Quadrige/PUF. 1997.

_____. **O gesto e a Palavra I: Técnica e Linguagem.** Lisboa: Edições 70, 2002a.

_____. **O gesto e a Palavra II: Memória e Ritmos.** Lisboa: edições 70, 2002b.

_____. **Os Caçadores da Pré-História.** Lisboa: edições 70, 2001.

_____. **As Religiões da Pré-História.** Lisboa: edições 70, 2007.

LIMA, T. A. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais.** *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.,* Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011.

MACHADO, J. R. **A coleção lítica de superfície e o palimpsesto no sítio arqueológico Praça de Piragiba (Bahia).** *Teoria & Sociedade (UFMG),* v. 23.1, p. 41-72, 2015.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri [1904]. **Esboço de uma teoria geral da magia.** In: *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. **Relações reais e práticas entre a Psicologia e a Sociologia [1924].** In: *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** In: *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Manuel d’Ethnographie [1947].** Québec: 1926.

_____. **Les Techniques et la Technologie”.** *Revue du MAUSS,* nº 23, p. 434-450, 2004.

MAUSS, Marcel [1936]. **As técnicas do corpo**. In. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, P. J. C. **Análise de Sistemas de Produção e da Variabilidade Tecnofuncional de Instrumentos Retocados: As Indústrias Líticas de sítios a céu aberto do Vale do Rio Manso (MT-BR)**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUC-RS, 2005.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **A fase Ibicuí: uma revisão arqueológica, cronológica e estratigráfica**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto Alegre, PUCRS.136 p. 1994.

_____. **Uma breve análise da Fase arqueológica Ibicuí**. Revista do Cepa, Santa Cruz do Sul.v.19, nº 22,1995.

_____. **Arqueologia do sudoeste do rio grande do sul, uma perspectiva geoarqueológica**. Tese de doutorado. São Paulo, MAE/USP, 2000.

MILLER, E. Th. **Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental**. Estudios Atacamenos, Chile, 8:37-61. 1987.

_____. **Pesquisas arqueológicas efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha e Missões)**. Publicações avulsas do Museu Emilio Goeldi. Belém, n. 13, 1969.

NAPIER, J. R. **A mão do homem: anatomia, função, evolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 182 p.

NOELLI, Francisco Silva. **A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia debates e Perspectivas**. In: Revista USP, São Paulo, n 44, 2000.

NOELLI, F. S.; FERREIRA, L. M. **A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.4, 2007.

PELEGRIN, J. **Technologie lithique: Le Châtelperronien de Roc-de-Combe (Lot) et de la Côte (Dordogne), n.20**. Cahiers du Quaternaire. Paris : CNRS Editions, 1995

PROUS. André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora UNB, 1991.

_____. **Arqueologia, Pré-História e História.** In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). Pré-História da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

_____. **Apuntes para análisis de indústrias líticas.** Ortigueira, Fundación Federico Maciñeira, 2004.

RABARDEL, P. **Les Hommes et les technologies.** Approche cognitive des instruments contemporains. Paris: Armand Colin, 1995.

RAMBO, Balduino. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul: Ensaio de Monografia Natural.** 3.ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

_____. **Arqueologia rio-grandense.** In: Fundamentos da cultura Rio-Grandense, 2ª série, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia UFRGS, 1957.

_____. **Viagens ao Sudoeste do Rio Grande do Sul,** Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

RAMOS, Marcos. P. M. **As Indústrias Líticas do Holoceno Médio no Sítio GO-JA-01: uma reavaliação a partir da abordagem tecnofuncional.** Monografia apresentada ao Curso de Arqueologia/PUC-GOIÁS. Goiânia, 2016.

REIS, J. **Não pensa Muito Que Dói. Um Palimpsesto Sobre Teoria Na Arqueologia Brasileira.** Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP. 2003.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **A Tradição Umbu no Sul do Brasil.** In: Revista do CEPA. V.17, nº 20, Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1990.

RODET, J. M. **Princípios metodológicos de análise de indústrias líticas lascadas – Aplicação às séries arqueológicas do norte de Minas Gerais e regiões circunvizinhas,** In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005.

ROISENBERG, A; VIEIRO, A.P. **O Vulcanismo do Mesozóico da Bacia do Paraná no Rio Grande do Sul.** In: M. Holz & L.F. De Ros (eds.). Geologia do Rio Grande do Sul. CIGO/UFRGS Porto Alegre, 2000.

SERRANO, A. **Etnografia de la antigua provincia del Uruguay.** Paraná. 1936.

SCHMITZ, P. **A Questão do Paleoíndio**. In: Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. P.55-59.

_____. **Indústrias líticas en el sur del Brasil**. In: Estudos Leopoldenses. Ano XVII, v. 18, nº64, São Leopoldo: UNISINOS, 1982.

_____. **O pale-índio brasileiro**. III Seminário Goiano de Arqueologia, 1980.

_____. **O Mundo da caça, da pesca e da coleta**. In: Pré-história do Rio Grande do Sul. Documentos 05, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006.

_____. **Os Aterros dos Campos do Sul: A Tradição Vieira**. In: Pré-história do Rio Grande do Sul. Documentos 05. São Leopoldo: Gráfica da UNISINOS, 1991. P.107-132.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BROCHADO, José Proenza. **Arqueologia do Rio Grande do Sul**. In: Estudos Leopoldenses. Ano XVII, v. 18, nº64, São Leopoldo: UNISINOS, 1982.

SILVA, B. G. **Tecnologia lítica do sítio Santa Clara - Quaraí/RS**. Monografia apresentada ao Curso de História/UFSM. Santa Maria, 2014.

_____. **Os sistemas de debitagem e a produção de suportes predeterminados no Sítio Pré-Histórico Areal**. Dissertação de Mestrado – UFPEL. Pelotas, 2017.

SIMONDON, G. **Du Mode d'Existence des Objets Techniques**. Aleçon: Editions Aubier, 1989.

SOUZA, L. S. **Estudo Tecnológico da cultura material pré-histórica do Sítio Arqueológico Castração, localizado em Uruguaiana/RS**. Monografia apresentada ao Curso de História/UFSM. Santa Maria, 2016.

STIEGLER, B. **Lieu, mémoire et technique**; 1998b. Disponível em: <<http://www.philosophie.ulg.ac.be/documents/PhiloCite2008/Stiegler.pdf>>. Último acesso: 26 jan. 2016.

_____. **Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus**. Series: Meridian, Stanford, 1998a.

TADDEI, Antonio. **Alguns aspectos de la arqueología prehistorica del Uruguay**. Estudios Atacameños, 1987.

TIXIER, J.; INIZAN, M.L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la Pierre Taillée. I - Terminologie et Technologie.** 2.ed. Paris: Cercle de Recherches et d'études Préhistoriques, 1980. 120 p.

TRIGGER, B. **História do Pensamento Arqueológico;** Odysseus, São Paulo, 2004.

TUCCI, C. E. **Controle de enchentes.** In: TUCCI, C. E. M. (Org.). Hidrologia: ciência e aplicação. Porto Alegre: ABRH/EDUSP, 1993.

SANTOS, A. R. **Diálogos Geológicos. É preciso conversar mais com a Terra.** São Paulo: O Nome da Rosa, 2008.

STEWART, J. **The concept and method of cultural ecology ; Theory of culture change : in The methodology of multilinear evolution.** Ed. Urbana, University of Illinois Press, 1955.

SUÁREZ, Rafael. **Paleoindian Components of Northern Uruguay: New Data on Early Human Occupations of the Late Pleistocene and Early Holocene.** In: Voices from South America a Peopling of the Americas Publication, 2003.

_____. **Arqueología prehistórica en la localidad arroyo Catalán Chico: Investigaciones pasadas replanteo y avances recientes.** Montevideo: Biblioteca Plural, 2010.

SUERTEGARAY, D. **Geografia Física e Geomorfologia.Uma (re) leitura.** Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

VIALOU, Á. **Metodologia de análise para as Indústrias Líticas do Pleistoceno no Brasil Central.** In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira BUENO, L; ISNARDIS, A. (Orgs). Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília: CAPES, 2007. P.173-193.

VIANA, S. A. **Variabilidade tecnológica do sistema de debitage e de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios litocerâmicos da região do rio manso/MT.** Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUC-RS, 2005.

_____. **Instrumentos fora de seus contextos de produção: Instrumentos planoconvexos provenientes de sítios lito cerâmicos do estado de Mato Grosso.** In.: Habitus, , Goiânia Vol. 9, 2011.

VILLWOCK A. J; LAHM A. R.; NAIME R. **Geografia e o Meio Ambiente**. In: Diagnóstico Sócio-Econômico de Uruguaiana, v.1, Uruguaiana, 2004.

VIDART, D; CAMP-SOLER, R; et al. **El catalanense: Uma industria de morfologia protolitica em el Uruguay**. Ameríndia (1).Montevideo, 1962. P.2-28.

WATSON, J. B. **Psychology as the Behaviorist Views it**. Psychological Review, 20, 1913.

WILLEY, G. R.; PHILLIPS, P. **Method and theory in American archaeology**. University of Chicago Press, 1958